

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**EDUCAÇÃO, DEVOÇÃO E ROMANIZAÇÃO: A HISTÓRIA DOS
SALESIANOS EM SERGIPE E A DEVOÇÃO A NOSSA SENHORA
AUXILIADORA (1902-1958)**

Edla Tuane Monteiro Andrade

**São Cristóvão
Sergipe-Brasil
2018**

EDLA TUANE MONTEIRO ANDRADE

**EDUCAÇÃO, DEVOÇÃO E ROMANIZAÇÃO: A HISTÓRIA DOS
SALESIANOS EM SERGIPE E A DEVOÇÃO A NOSSA SENHORA
AUXILIADORA (1902-1958)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em História da Universidade Federal de Sergipe, como
requisito obrigatório para obtenção de título de Mestre em
História, na Área de Concentração Cultura e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Claudefranklin Monteiro Santos

**SÃO CRISTÓVÃO
SERGIPE-BRASIL
2018**

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

A553e Andrade, Edla Tuane Monteiro
Educação, devoção e romanização: a história dos salesianos em Sergipe e a devoção a Nossa Senhora Auxiliadora (1902-1958) / Edla Tuane Monteiro Andrade; orientador Claudefranklin Monteiro Santos. – São Cristóvão, 2018.
124 f.: il.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Sergipe, 2018.

O

1. História. 2. Igreja e Educação - Sergipe. 3. Salesianos. 4. Auxiliadora, Nossa Senhora. 5. Santos cristãos – Culto. 6. Escolas religiosas - Sergipe. I. Santos, Claudefranklin Monteiro, orient. II. Título.

CDU: 94:37.014.52(813.7)

EDLA TUANE MONTEIRO ANDRADE

**EDUCAÇÃO, DEVOÇÃO E ROMANIZAÇÃO: A HISTÓRIA DOS
SALESIANOS EM SERGIPE E A DEVOÇÃO A NOSSA SENHORA
AUXILIADORA (1902-1958)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em História da Universidade Federal de Sergipe, como
requisito obrigatório para obtenção de título de Mestre em
História, na Área de Concentração Cultura e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Claudefranklin Monteiro Santos

Aprovado em 22 de março de 2018.

Prof. Dr. Claudefranklin Monteiro Santos
(UFS)

Prof. Dr. Antônio Lindvaldo Sousa
(UFS)

Prof. Dr. Severino Vicente da Silva

(UFPE)

DEDICATÓRIA

A meus queridos pais, José Everaldo e Valdemira,
e a Elton meu irmão por serem minha base.

[...]“Que os vossos esforços desafiem as impossibilidades, lembrai-vos de que as grandes coisas do homem foram conquistadas do que parecia impossível”

Charles Chaplin

AGRADECIMENTOS

E na beleza da paisagem chamada VIDA agradeço a Deus por mais um dia vencido. Mais uma etapa concluída, mais uma página da minha HISTÓRIA escrita. Obrigada Deus! “Alfa, Ômega, Princípio e Fim” apreciando as singelas palavras desta canção de Eugênio Jorge, posso afirmar que o meu primeiro agradecimento é para Ele, o Senhor da minha História. Ele é o princípio e o fim de tudo, e cada detalhe desta minha conquista foi semeada por Deus. Por isso, agradeço a Deus por permitir que este sonho se tornasse real.

GRATIDÃO. Palavra que tem sua raiz do latim e, em seu significado literal, denota *graça*, ou *gratus*, que pode ser traduzido como agradável. Nesse caso, não há obrigações, ligações ou amarrações. Praticar a gratidão vai além de usá-la no lugar de "obrigado". O exercício consiste em identificar e valorizar os aspectos positivos da vida e encarar as dificuldades de forma diferente. Por isso, disser obrigado não seria suficiente para traduzir o que cada um deixou ao longo dessa viagem (o Mestrado).

Esse exercício de recordação e nomeação é o mais difícil, pois é quase impossível não cometer nenhuma injustiça ao mencionar todos que, de diversas formas, foram peças importantes na concretização dessa Dissertação de Mestrado. Por isso, registro, de início, minhas desculpas pelos esquecimentos.

Aos meus pais e familiares por tudo que fizeram por mim, sem vocês eu não teria conseguido, eu não seria o que sou hoje (vocês são exemplos de ética, compromisso, humildade). É indescritível o carinho que recebi de vocês. Pai (Everaldo), obrigado por me mostrar que nessa vida tudo é possível, nada está fora do nosso alcance, basta ter um pouquinho de esperança. Te agradeço, pai. Pela sua conduta eu aprendi qual o caminho certo para seguir! Você é inspiração, você é conhecimento, você é o meu maior exemplo. Obrigado, pai, pois foi vendo você que aprendi tudo aquilo que devo fazer na vida. Aprendi que é preciso lutar para conquistar, aprendi que é preciso respeito para aprender, aprendi que a vida depende da nossa vontade para conquistar qualquer coisa.

Mãe (Valdemira), meu verdadeiro anjo, és o modelo de mulher que quero ser (independente, forte, guerreira, trabalhadora, uma mãe presente em todos os momentos). Te admiro muito. Pai, mãe amo vocês incondicionalmente. Essa conquista é para vocês.

Ao meu irmão Elton Monteiro, por toda disposição diária para me ajudar, te admiro muito. Por isso, querido irmão, tenho tanta coisa boa para dizer sobre você, mas vou só referir como amo você. Já vivemos muita coisa juntos, muito obrigada! A Minha Cunhada Laranda, por todo carinho especial.

Já dizia as sábias palavras de José do Egito, “*Um mestre é um farol orientador, um ponto de referência no caminhar*”. Obrigada professor por representar esse farol em minha trajetória acadêmica, desde o primeiro período quando embarquei por essa viagem rumo ao saber histórico, o senhor me orientou. Sem dúvida, um sonho fora do comum exige um orientador fora do comum! Por isso, minha gratidão ao meu querido e exemplar orientador Prof. Dr. Claudefranklin Monteiro Andrade. O senhor é meu grande exemplo, um homem de Deus, o admiro e respeito muito. Professor, obrigada de coração pela paciência, apoio e orientação!

Sou imensamente grata a Adson do Espírito Santo, pois desde muito antes que eu pudesse sonhar este sonho, ele já me apoiava, foi meu apoio incondicional, sou profundamente grata por toda motivação e incentivo. Que sempre viu em mim o melhor. A cada obstáculo e desânimo, você foi meu sustento para permanecer firme e determinada na busca deste sonho tão especial.

Sou grata aos professores que me acompanharam nesta jornada desde a Qualificação até a parada final a Defesa. Minha imensa gratidão ao professor Antônio Lindvaldo, pelas contribuições nas veredas do ofício historiográfico, que desde o primeiro período quando ingressei na Universidade Federal de Sergipe, e me instruiu sobre o fascinante universo da História de Sergipe, para mim foi um privilégio contar com sua participação e ensinamentos.

Além disso, agradeço também ao professor Severino Vicente da Silva, que ao participar de minha banca de qualificação de mestrado, ampliou minha compreensão para a importância da atuação salesiana em Sergipe para minha pesquisa, atenciosamente, presenteou-me com uma de suas obras, *Entre o Tibre e o Capibaribe: Os Limites do progressismo católico na Arquidiocese de Olinda e Recife*, que me ajudou a compreender a renovação das formas de atuação do catolicismo no Brasil.

Agradeço ao Programa de Educação Tutorial da Universidade Federal de Sergipe. Na pessoa do professor Dilton Maynard, o qual contribuiu de maneira ímpar para o meu crescimento acadêmico.

Agradeço ao Projeto Imprensa Cristã (UFS) e a Biblioteca Pública Epifânio Dória, coordenado pelo Prof. Dr. Antônio Lindvaldo Sousa, representado por Josineide Luciano e Aquilino pela disponibilização de documentos para a produção dessa dissertação.

Aos meus amigos e professores da época do colégio, em especial as Prof^{as}. Fernanda Correia, Patrícia Monteiro, por plantarem em meu coração a semente do amor pela História. E os meus amigos e amigas, Adriana, Elissandra, Pâmela, Magna, Rose, Raiane, Aline (sempre me incentivando), Thaíse, Ana Teodósio, Paulinha (companheira), Valéria, Renato Araújo, Darlen, Anselma, Carla, Ana Luisa, Andrea. Ao CNSP (Irmã Lurdinha, Zélia, Eliedilma), do IFS, do Colégio Mundial (Ncinha, Do Carmo, Fátima), CJAV (Gilson, Joabe, Leire), Fundação José Augusto Vieira (Analu, Elisângela e Paulinha), o apoio de cada uma de vocês foi fundamental. Aos amigos do Grupo de Pesquisa GPCIR, em especial Eduardo, Josineide e Raiane.

Nomear é sempre um risco, mesmo para os “profissionais da história”, ironicamente, me sinto sempre traída pela memória. Mas aqueles que, além de colegas, se tornaram amigos não posso deixar de mencionar. Aos meus amigos e amigas da UFS em especial a Raquel Anne, minha grande companheira, amiga, parceira, nestes anos ao seu lado, aprendi a ser uma pessoa melhor, a Gladston (pessoa singular), a Francielle, Mônica Apenburg, Rita de Cássia, Damilis Viana, Célia, Marcos Breno, Matheus, Maria Luiza. Aos meus companheiros do PET História: Talita, Thaís, Marlíbia, Carol, Andrey, Cris, Keline, Thamyres, Ailton, Guilherme, Franciele e Cassiano. Aos professores Petrônio Domingues, Mônica Goeis, Antônio Lindvaldo, Francisco José Alves, Célia Cardoso, Edna Matos, Julien, Giliard Prado, Bruno Machado, Lourival Santana, Carlos Malaquias, Luciene.

Os amigos de verdade se revelam nos momentos difíceis da vida, naqueles momentos em que realmente precisamos deles perto de nós, naqueles momentos que não são propriamente felizes, nem de alegria. Nas situações complicadas da vida, aqueles que vemos por perto, que estão ao nosso lado, são realmente os nossos amigos. Eu tenho muito o que agradecer a você Rosana Oliveira, ou melhor minha irmã de Alma, minha Divã, meu presente de Deus. Agradeço pela sua amizade, pelo seu apoio incondicional, pelo seu esforço em me fazer sentir bem, e em me fazer acreditar que tudo isso vai passar e eu vou voltar a ser feliz. Muito obrigada por ser tão amiga, por ser a minha grande amiga, por ser a minha irmã de alma e estar comigo do início ao fim desta jornada, infinitamente serei grata a você!

Os amigos realmente são os anjos que Deus coloca na nossa vida, por isso agradeço a você minha Alagoana, galega arretada, preciosa amiga Maria Viviane. É um privilégio quando temos ao nosso lado pessoas tão maravilhosas como você. Nunca terei como agradecer-lhe pelo apoio que você me ofereceu em um momento em que eu tanto precisei. Os verdadeiros amigos são aqueles que aparecem nas horas mais difíceis de nossas vidas. Sinto que você

surgiu como anjo iluminador, para ser canal de graça em minha vida. Obrigada amiga, parceira e cúmplice. Resumindo, nosso TRIO é singular!

Coração agradecido e feliz ao meu grupo Alto Astral, dedico a vocês minha grandes parceiras, amigas e anjos Rosana Nascimento e Priscilla Rocha, são tantos obrigados, que aqui não caberia quase nada. Obrigado por vocês cativarem meu coração. Obrigado amigas por estarem sempre ao meu lado.

Resiliência e muito amor, fruto da grande amizade do grupo O Poço, vocês amigas, Heloísa Costa, Kathleen Nogueira e Renata Ramos. Amigas, a amizade de cada uma de vocês é como um abrigo quando a casa parece desabar. Com você me sinto acompanhado mesmo em silêncio, basta olhar para você para sabermos o que estamos pensando e sentindo. Não é preciso fazer nada grande, monumental, porque a nossa amizade é construída com milhões de coisas pequenas e cotidianas que nos dão coragem para seguir as nossas jornadas.

Tudo realmente tem um começo e um fim, contudo este não é o fim, mas sim o começo de novos sonhos e aventuras pelo ofício historiográfico.

EDUCAÇÃO, DEVOÇÃO E ROMANIZAÇÃO: A HISTÓRIA DOS SALESIANOS EM SERGIPE E A DEVOÇÃO A NOSSA SENHORA AUXILIADORA (1902-1958)

Resumo:

Em 1890, no Brasil, os poderes do Estado e Igreja são separados. O processo romanizador oficializou uma mudança de postura do catolicismo frente as problemáticas procedentes durante a República Velha, na qual buscou ampliar suas pretensões de influência sobre a sociedade. Dentre as ambições a serem alcançadas, destacam-se: a importação de Ordens e Congregações Religiosas europeias (Salesianos), a instalação de uma nova configuração devocional conforme os moldes do catolicismo romano; a propagação de uma rede de instituições de ensino privada para formar as elites. Em Sergipe, analisamos os desdobramentos do processo de romanização diante da instauração e desenvolvimento da *Congregação Salesiana*, por meio das práticas educacionais e da difusão da Devoção a Nossa Senhora Auxiliadora. No território brasileiro, a devoção a Nossa Senhora Auxiliadora encontra-se difundida e devotada nas suas basilares regiões, cidades e Estados. Embasada no campo da História Cultural, com ênfase em História e Religião, esta investigação objetiva fazer um estudo analítico a partir da História e Memória Salesiana, entre 1902 e 1958, inclusive do sistema devocionário particular e familiar, e como se estabeleceu no tecido social e histórico dos sergipanos. Compreendendo assim, o papel da Educação Salesiana, forma estratégica de difusão do processo de romanização. A pesquisa versa sobre os conceitos de vivência do religioso como objeto no campo da história (CERTAU, 1996), representação (CHARTIER, 1990) e poder simbólico/campo religioso (BOURDIEU, 2004). Metodologicamente, o trabalho consiste na análise de fontes sobre a presença da Igreja Católica em Sergipe em diversas instituições e lugares de memória.

Palavras-chave: Salesianos, Nossa Senhora Auxiliadora, Devoção.

Title: EDUCATION, DEVOTION AND ROMANIZATION: THE HISTORY OF THE SALESIANS IN SERGIPE AND THE DEVOTION OF OUR LADY OF HELP (1902-1958)

Abstract:

In 1890, in Brazil, the powers of the State and Church are separated. The Romanization process made official a change of attitude of Catholicism in the face of the problems that had arisen during the Old Republic, in which it sought to broaden its pretensions of influence over society. Among the ambitions to be achieved are: the importation of European Religious Orders and Congregations (Salesians), the installation of a new devotional configuration in the mold of Roman Catholicism; the propagation of a network of private education institutions to form elites. In Sergipe, we analyze the unfolding of the process of Romanization before the establishment and development of the Salesian Congregation, through educational practices and the diffusion of the Devotion to Our Lady Help of Christians. In the Brazilian territory, devotion to Our Lady Help of Christians is widespread and devoted in its basic regions, cities and states. Based in the field of Cultural History, with an emphasis on History and Religion, this research aims to make an analytical study from the History and Salesian Memory, between 1902 and 1958, including the private and family devotional system, and how it was established in the social and history of sergipanos. Understanding this way, the role of Salesian Education, strategic form of diffusion of the process of romanization. The research deals with the concepts of religious experience as an object in the field of history (CERTAU, 1996), representation (CHARTIER, 1990) and symbolic power / religious field (BOURDIEU, 2004). Methodologically, the work consists of the analysis of sources on the presence of the Catholic Church in Sergipe in diverse institutions and places of memory.

Keywords: Salesians, Our Lady Help of Christians, Devotion.

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Figura 1- Mapa de São Cristóvão/Se durante a instalação dos Salesianos	p.20
Figura 2- Jornal “A Tebaidinha” – Aracaju-Se: 30/09/1932.....	p.46
Figura 3- Nossa Senhora Auxiliadora 1865.....	p.49
Figura 4- Fundador: Dom Bosco.....	p.60
Figura 5- Colégio de Santa Rosa – primeira instituição Salesiana no Brasil/RJ.....	p.65
Quadro 1 – Inspetorias Salesianas no Brasil	p.68
Figura 6: Monsenhor Olímpio Campos 1853-1906.....	p.72
Figura 7- Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora Aracaju/Se.....	p.86
Figura 8- Grupo de estudantes do Colégio Salesiano N. S. Auxiliadora, 1945.....	p.91
Figura 9- Meninos do Oratório Festivo N. S. Auxiliadora reunidos no pátio. Década de 1960.....	p.97
Figura 10- Turma de Alunos Formandos do Colégio Salesiano N. S. Auxiliadora, 1936.....	p.102
Quadro 2- Solenidades religiosas e sociais do calendário anual do Colégio N. S. Auxiliadora de Aracaju.....	p.107

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APNSA - Arquivo da Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora/Aracaju SE.

ACSA - Arquivo do Colégio Salesiano de Aracaju.

ASC - Arquivo Salesiano Central.

ACSR - Arquivo Salesiano do Recife.

ADMA - Associação de Maria Auxiliadora.

BICEN/UFS - Biblioteca Central da Universidade Federal de Sergipe.

BPED – Biblioteca Pública Epifânio Dória.

GPCIR – Grupo de Pesquisa “Culturas, Identidades e Religiosidade”.

IHGSE - Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.

PDPH - Programa de Documentação e Pesquisa em História.

BA – Bahia

PE – Pernambuco

SE – Sergipe

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
1. SOB O VÉU MARIANO DA ROMANIZAÇÃO.....	33
1.1. Romanização: Historiografia e Conceitos.....	33
1.2. Raízes Romanizadoras: A restauração Católica no Brasil.....	38
1.3. Os salesianos e a Romanização da Igreja.....	45
1.4. Devoção a Nossa Senhora Auxiliadora e o processo de Romanização.....	48
2. DE ROMA PARA SERGIPE: IMPLANTAÇÃO E EVOLUÇÃO DA OBRA SALESIANA.....	53
2.1. O Fundador: Um camponês com coração do Feudo e a razão da Cidade – Uma Visão Histórica.....	56
2.2. O Transplante da Obra Salesiana para o Brasil - Sua missão civilizatória.....	65
2.3. A Missão Salesiana em Sergipe: Lugares de Atuação e formas de Educar.....	71
2.4. Aracaju, o novo destino para a Congregação Salesiana.....	81
3. “BRADAMOS TODOS EM UMA SÓ VOZ”: PRÁTICAS EDUCATIVAS DOS SALESIANOS EM SERGIPE E FORMAÇÃO DO HOMEM CRISTÃO.....	91
3.1 A Formação dos Jovens do Oratório Festivo Nossa Senhora Auxiliadora.....	92
3.2. Educação Salesiana e Devoção: Sujeitos, Espaços e Tempos.....	97
3.3. As Práticas Educativas para Formação do Homem “ <i>Cristão e Honesto Cidadão</i> ”.....	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	110
FONTES E BIBLIOGRAFIA.....	113

INTRODUÇÃO

As mudanças por que passou o Brasil após a proclamação da República foram profundas, [...] as respostas católicas às novidades que se impunham foram as mais variadas, encontrando na educação uma das mais privilegiadas delas. (VIEIRA, 2007:461)

A Igreja Católica¹, ao longo de sua existência, passou por diferentes intempéries e precisou reinventar-se, algumas vezes, para manter sua hegemonia. Fundamentada em três pilares (o universo educacional, a tradição e a doutrina), a Igreja se manteve alicerçada em seus desígnios no enfrentamento de alguns obstáculos internos e externos. Uma destas turbulências deu-se com a implantação do sistema republicano brasileiro.

Através do decreto-lei nº 119-A, de 7 janeiro/1890, assinado pelo Chefe do Governo Provisório da República, Marechal Manoel Deodoro da Fonseca, decreta-se, no Art. 1º: *“É proibido à autoridade federal, assim como à dos Estados federados expedir leis, regulamentos ou atos administrativos, estabelecendo alguma religião”*. Com a liberdade religiosa e o fim do regime do padroado², a Igreja Católica no Brasil passou a desfrutar de uma certa independência em relação ao Estado, e em consequência, viu reforçada sua vinculação com a Santa Sé.

Apesar dos abalos iniciais para o Catolicismo no Brasil, tal cenário possibilitou a consolidação e fortalecimento do processo de romanização³, momento vivido pela instituição, entre 1880 e 1920 (BEOZZO, 1977). A separação entre Igreja e Estado teria fermentado a liberdade de atuação que a primeira carecia para efetivar vários parâmetros, com vistas a atingir suas finalidades pastorais e políticas.

¹ Em uma breve análise da concepção da “Igreja Católica” durante o século XX, observamos quanto a sua missão integral estabelecida diretamente com seu envolvimento na vida política. Pois, a partir do processo de romanização do Catolicismo brasileiro e até os anos 1950, a Igreja encarou a fé como um segmento interno para preservar contato íntimo com Jesus Cristo dentro de um sentido devocional. Ver: MAINWARING, Scott. **A Igreja Católica e a política no Brasil (1916-1985)**. São Paulo: Brasiliense, 2004)

² É a designação do conjunto de privilégios dados pela Santa Sé aos reis de Portugal e de Espanha. Privilégios que foram concedidos também aos imperadores do Brasil. Funcionava como um instrumento jurídico tipicamente medieval que proporcionava um controle direto da Coroa nas atividades religiosas, principalmente nos aspectos administrativos, jurídicos e financeiros. Contudo, alguns parâmetros religiosos foram limitados por tal domínio. Padres, religiosos e bispos eram considerados servidores da Coroa portuguesa no Brasil colônia. Ou seja, na maioria dos casos, o fato de que religião e religiosidade eram também assuntos de Estado (e vice-versa em muitos casos). O regime de padroado tem seu fim no Brasil, a partir da Proclamação da República em 1889. (VIEIRA, 2007)

³ Consideramos o processo de romanização, simplificada, como a reeuropeização conservadora do catolicismo brasileiro ao centralizar a gestão do sagrado na Santa Sé. *“Conceitualmente, optamos pelo termo romanização. Há quem concorde que este conceito esteja gasto, mas nos parece ainda muito apropriado para compreender um processo que equivaleu a uma espécie de triagem ou de depuração das práticas católicas no Brasil”*. (SANTOS, 2013:36)

No final do século XIX, alguns bispos brasileiros buscaram promover uma Reforma Romanizadora, a qual substituiria antigas práticas religiosas dos católicos brasileiros, por posturas orientadas pela Santa Sé. Contudo, “uma das consequências dessa reforma foi uma maior clericalização do catolicismo brasileiro, superando, reorientando ou substituindo certas práticas devocionais da população” (VICENTE, 2014; 105)

No Brasil, segundo Riolando Azzi (2008), durante década de 1910, já era possível notar a crescente secularização dos costumes religiosos da tradição católica e também das relações familiares e sociais, principalmente, no tocante a uma moral sexual de tradição judaico-cristã que ganhava uma nova dimensão articuladamente com o desenvolvimento dos hábitos de vida e das opções de lazer noturnas. Paralelamente, a ampliação populacional, a imprensa e o cinema ocasionaram e estabeleceram novos padrões de comportamento, principalmente, nas cidades.

Em Sergipe, a modernidade também dava seus primeiros sinais, por meio da secularização da moral tradicional e das relações familiares e sociais, como afirma Ibarê Dantas (2004) em sua obra *História de Sergipe: República (1889-2000)*. Nesse período, tudo o que era apresentado como novo começava a ganhar bastante espaço na sociedade. Esse crescente da secularização dos valores tradicionais da sociedade brasileira motivou a Igreja Católica por meio dos Bispos Romanizadores, a assumirem medidas para amenizar tal cenário, principalmente após a publicação da constituição de 1891. Esse fato é enfatizado na Encíclica *Noble Gallorum GENS*⁴, escrita pelo papa Leão XIII, em 1884, na qual ele reforça as ameaças advindas do sistema republicano:

(...) o alto dano da República, como pode ser que um estado de prosperidade florescer quando a religião foi eliminada. Certamente, onde os processos nos homens o temor de Deus, ele falhar a fundação máxima da justiça, sem a qual mesmo os sábios do paganismo negar que ele pode muito bem governar uma república, uma vez que não terá peso adequado os princípios de autoridade, nem será suficiente para fazer cumprir essas leis. Em cada um terá mais valor a utilidade que a honestidade; vacilar a firmeza da lei se ele pode ser garantida apenas pelo medo de punição; os governantes e os temas facilmente cair em despotismo sobre nada vai correr para a sedição e motins (LEÃO XIII, 1884).

O processo romanizador, aos olhos da Igreja Católica, seria a solução mais viável para a suposta ameaça vigente. Ela oficializava uma mudança de postura da instituição frente às

⁴ Fonte: Encíclica Noble Gallorum GENS. Disponível em: < <https://w2.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/index.4.html> >. Acesso em 01/08/2017.

problemáticas advindas da República Velha, na qual se buscou ampliar suas pretensões de influência sobre a sociedade e sobre o Estado. Dentre as ambições a serem alcançadas, destacam-se: “(...) *a importação de Ordens e Congregações Religiosas estrangeiras (Salesianos⁵); a montagem de uma nova estrutura devocional segundo os moldes do catolicismo romano; a difusão de uma rede de instituições de ensino privada para cristianizar as elites*” (MARIN, 2001:153); e a multiplicação de dioceses (AQUINO, 2011).

Sob o ímpeto da propagação de dioceses, foi criada a Diocese de Aracaju, em 1910⁶, inserida nos desdobramentos do processo de romanização que a Igreja Católica passou a viver desde a segunda metade do século XX. Sergipe, vivenciou aquele entusiasmo reformador.

Um outro mecanismo utilizado pela Santa Sé para manter-se ativa e competir com as demais ideologias e religiões da época moderna, foi a de não demandar mais esforços para revigorar antigas ordens religiosas, mas de buscar na Europa novas congregações e religiosos preparados, que passariam a dirigir os seminários e atuar na vida missionária. Esse pensamento é reforçado por Stephen Neil (1979) ao afirmar que o “(...) *século XIX foi o mais fecundo do que qualquer outro no que concerne à formação de novas Ordens e Congregações religiosas especialmente devotadas ao trabalho missionário*”. Dentre elas os Salesianos criado em 1859. Conforme Miceli:

No correr dos longos pontificados de Pio XI (1846-1878) e Leão XIII (1878-1903), o vaticano concentrou recursos no revigoramento do trabalho missionário, nos incentivos à nacionalização do clero e da alta hierarquia em áreas coloniais de missão e em outros domínios territoriais. (MICELI, 1988; 13)

A romanização apontava justamente para a estruturação hierárquica da Igreja Católica Apostólica Romana no Brasil. Essa medida provocaria uma clericalização e sacramentalização das práticas e representações religiosas.

Sob o clima da reestruturação católica, o clero sergipano passou a coibir, entre outras estratégias, o manuseio dos fiéis com as imagens. A ideia era inibir o culto particular e familiar, por meio “(...) *da intensificação da pastoral junto aos fiéis para purificar a religiosidade popular*” (MARIN, 2001; 324). Em várias cidades, ainda é comum que nichos

⁵ A Pia Sociedade de São Francisco de Sales ou Congregação Salesiana, é uma ordem religiosa da Igreja Católica, fundada em 1859 por Dom Bosco, em Turim na Itália, contudo, somente foi aprovada em 1874 pelo Papa Pio IX. Os Salesianos aportam no Brasil em 1883.

⁶ A Diocese de Aracaju constituiu-se pelo então papa Pio IX, através da Bula *Divina Disponente Clemência*, foi efetivada no dia 03 de janeiro de 1910. Tal criação fez Sergipe ser desmembrado da Arquidiocese da Bahia, atendendo a decreto civil do Estado. Contudo, a Diocese de Aracaju só foi oficialmente instalada no dia 04 de dezembro de 1911. O primeiro Bispo da diocese recém-criada foi Dom José Tomaz Gomes da Silva.

móveis frequentem casas num sistema de rodízio ou mesmo que estejam assentados no interior delas, como santuários “*domiciliares*”. Isso ocorre muito com devoções a Santa Rita, São Miguel e Nossa Senhora Auxiliadora⁷. Pois, o objetivo central seria substituir velhas crenças e reafirmar a autoridade papal.

No território brasileiro, o culto ou devoção a Nossa Senhora Auxiliadora encontra-se difundida e devotada nas suas basilares regiões, cidades e Estados. Aportou em solo Sergipano no início do século XX, trazida por meio da bagagem devocional dos Salesianos, não demorou para se inserir na conjuntura social sergipana, não só através das práticas religiosas, mas sobretudo por meio dos mecanismos educacionais (SANTOS, 2013).

Professando, então, o projeto de renovação da religiosidade e da vivência religiosa no Brasil, no ano de 1883 chegam ao Rio de Janeiro, os Salesianos, e estes são acolhidos por Dom Pedro Maria de Lacerda⁸, os primeiros missionários enviados por Dom Bosco.

Dom Bosco e seu método educativo sempre despertaram entusiasmo. Porém, como era considerado um líder social inovador, em virtude da criação de um sistema de ensino próprio, conhecido por Sistema Preventivo⁹. Uma pedagogia sob medida para *formar bons cristãos e honestos cidadãos*.

Em Sergipe, a instalação dos Filhos de Dom Bosco se deu alguns anos mais tarde e teve como alavanca principal o presidente do Estado à época, Monsenhor Olímpio Campos¹⁰ (SILVA, 2000), laço estabelecido a partir de 19 de março de 1902. Neste ensejo, foi inaugurada a “*Escola Agrícola Salesiana São José*”¹¹, localizada em São Cristóvão, distante 18 km da então capital Aracaju, como pode ser visualizada na imagem abaixo, demonstra a localização que serviria de primeira parada e moradia para os Salesianos.

⁷ A devoção ou invocação à Nossa Senhora Auxiliadora tem sua origem em 1571, denominação dada em virtude da vitória dos cristãos contra os turcos. O Papa Pio V, em forma de agradecimento pela vitória acrescentou nas ladainhas a invocação “Auxiliadora dos cristãos”. Contudo, a festa dedicada a Nossa Senhora Auxiliadora só foi instituída em 24 de maio de 1816, pelo Papa Pio VII. O principal propagador por todo o mundo da devoção a Auxiliadora dos Cristãos foi Dom Bosco, responsável pela fundação da Congregação Salesiana, a qual difundiu tal devoção.

⁸ Pedro Maria de Lacerda, primeiro e único conde de Santa Fé por meio de decreto imperial, nasceu no Rio de Janeiro, 31 de outubro de 1830, onde também faleceu em 1890. Sacerdote católico, bispo da Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro por mais de vinte anos, adepto do ultramontanismo, foi um dos principais responsáveis pela vinda dos Salesianos para o Brasil. .

⁹ É o nome que o próprio Dom Bosco deu à sua maneira de educar a juventude. Uma ideia inovadora, baseada no amor aos educandos. Em mais de 150 anos de aplicação pelo mundo afora, os resultados provaram e continuam demonstrando a eficácia desse método.

¹⁰ Figura ilustre da História de Sergipe, jornalista, professor e sacerdote Monsenhor Olympio de Souza Campos, cuja personalidade política ganhou destaque em todo território nacional, principalmente como deputado federal, presidente do Estado e senador, até meados de 1906 – ano do seu falecimento. Primordial responsável pela vinda da Ordem Salesiana para Sergipe.

¹¹ Denominação encontrada no Relatório do Presidente da Província de Sergipe em 1901.



Figura 1: Mapa de São Cristóvão/SE¹²

A Escola Agrícola Salesiana São José (19/03/1902), primeira obra dos Salesianos em solo sergipano. O estabelecimento acolhia aprendizes, meninos órfãos carentes, e pensionistas, filhos da elite, que ocupavam-se entre as oficinas de artífices, a prática agrícola, e o ensino de disciplinas correspondentes ao primário e secundário do período.

Passados seis anos da presença dos Salesianos no Estado, entre dilemas e angústias, começa a tomar corpo outra casa salesiana (OLIVEIRA, 2005), a qual por sua vez foi constituída agora na capital. Em 15 de novembro de 1908, “(...) o Pe. Giordano inaugurou, em duas quadras de terreno arenoso” (OLIVEIRA, 2005:147), o Oratório Festivo, inspirado na obra de Dom Bosco. Contudo, o primeiro empreendimento educacional comercial só foi criado em 01 de março de 1911, em Aracaju, o Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora.

O Colégio Salesiano de Nossa Senhora Auxiliadora, unido ou não ao projeto romanizador, proporcionou a ativação da metodologia catequética muito comum nas “(...) novas devoções de caráter romanizador, pois, por meio da educação, a Igreja procurava arrebanhar novos adeptos, divulgar valores e condutas morais, com vistas a incutir os novos valores propalados pela Santa Sé, como ênfase na família e no culto à Eucaristia” (SANTOS, 2013: 297).

Nota-se que esta postura foi derivada das normas vindas da Santa Sé, para ser um verdadeiro católico os, “*Bons pais devem absolutamente garantir que seus filhos assim que*

¹² Fonte: Gutierrez L. Coelho; Roosevelt Reis; Marcus Vinicius S. Gonçalves; "ABC Nogueira"; "Tito.Se"; Folha da Manhã, 1955; Ilustração Brasileira, 1923; IBGE: Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, 1960; Guia Geral das Estradas de Ferro, 1960; Guias Levi, 1932-84; Mapa - acervo R. M. Giesbrecht. Disponível em: <http://www.estacoesferroviarias.com.br/ba_propria/cristovao.htm>. Acesso em 07/08/2017.

eles tiverem idade suficiente para aprender, instruir nos preceitos da religião, e nas escolas não existe tal coisa que ofenda a integridade da fé e da moral”. (ENCÍCLICA PAPA LEÃO, 1884).

Tal assertiva foi reforçada pela afirmação de Dom José Thomaz Gomes em correspondência encaminhada aos padres sergipanos: *“É tão necessário o ensino da doutrina Christã aos meninos e aos ignorantes que nenhum obstáculo pode autorizar sua omissão”* (GOMES, 1923:8-9).

Percebe-se, então, a variedade temática e teórico-metodológica dos estudos sobre o universo religioso, o presente trabalho busca debater esta temática sob dois aspectos: o institucional (romanização) e o devocional (Nossa Senhora Auxiliadora). Da clericalização e sacramentalização católica, práticas típicas da romanização e de sua necessidade de centralização e de regramento, as particularidades vividas daquela prática religiosa no que ela teve de específico e particular.

Ressaltamos que a motivação inicial por essa pesquisa começou quando desenvolvemos entre os anos de 2014 e 2015 um trabalho monográfico, intitulado *Devoções Católicas Sergipana: História, Representações e Fé (1590-1718)*, como condição para a obtenção da conclusão do Curso de Licenciatura em História, pela Universidade Federal Sergipe, também sob a orientação do professor Dr. Claudefranklin Monteiro Santos. Foi por meio deste trabalho, que surgiu o interesse para continuarmos trabalhando com a temática voltada para as devoções em Sergipe.

A presente pesquisa versa sobre o papel empreendido pelos salesianos italianos no processo de romanização da Igreja Católica em Sergipe. Em harmonia com a autoridade diocesana, aqueles religiosos contribuíram para difundir por meio das práticas educativas e do sentido devocional, as novas orientações ditadas pela Santa Sé e, ao mesmo tempo, incutir nos espíritos católicos a rejeição às correntes liberais que procuravam convencer a sociedade moderna a desvincular-se da religião.

Com base nisso, consideramos relevante investigar a partir da História e Memória Salesiana entre (1902-1958), o sistema devocionário particular e familiar, como se estabeleceu no tecido social e histórico dos sergipanos. Compreendendo assim, o papel da Educação Salesiana e Devoção a Nossa Senhora Auxiliadora em Sergipe, como forma estratégica de difusão do processo de romanização. Contribuindo, então, para os estudos sobre o Catolicismo em Sergipe.

É bem verdade que outros tipos de Ordens Religiosas e Devoções poderiam ser aventados neste estudo, considerando a presença das etnias indígena e negra na gestação de Sergipe. Em que pese à extensão dessa empreitada e a hegemonia religiosa da Igreja Católica, nos limitaremos a este cenário, vista a carência de estudos sobre a Congregação Salesiana em Sergipe e a respeito do Catolicismo, como afirma Thales de Azevedo, “é praticamente impossível encontrar estudos que diretamente se ocupem de temas expressamente religiosos, desses numerosos e variados temas que a vida religiosa da nossa gente oferece” (AZEVEDO, 2002:12).

Sabe-se que em geral, que os primeiros estudos sobre o Catolicismo Brasileiro são anteriores à criação da CEHILA (Comissão para a História da Igreja na América Latina), em 1973 (COUTINHO, 2003). Ao longo de anos, seja na universidade ou fora dela, cresceu o interesse pelas possibilidades de análises científicas em torno das principais temáticas que aquela instituição demanda.

As pesquisas sobre ultramontanismo no Brasil vêm se multiplicando nos últimos anos. Variadas análises vêm contribuindo para ampliação de estudos sobre o catolicismo brasileiro no século XIX e no início do século XX. No entanto, apesar dos progressos obtidos no tange os trabalhos sobre o tema, é periódico o reemprego, por estas, das interpretações dos conceitos de romanização, ultramontanismo e reforma religiosa de maneira simplista e ambígua, muitas vezes como sinônimos, sem preocupação com a historicidade de tais conceitos e sem repensar as bases da produção historiográfica sobre o assunto no país (GOMES, 2012).

Desde a década de 60, tem-se ouvido e comentado muito a respeito do catolicismo, mas do catolicismo enquanto instituição: os temas explorados pelos pesquisadores giram em torno das questões de poder, das relações da Igreja com o Estado e com a política. Entretanto, este problema aumenta quando se procura por trabalhos sobre devoções. Dessa forma, buscamos nesta pesquisa fornecer uma análise que busca pensar o universo devocional em Sergipe no início do século XX. Pois, é de fundamental relevância compreender o fato religioso, “ (...) *seja o que for que se pense a respeito de suas origens e de seu conteúdo, constitui um aspecto importante da vida das sociedades contemporâneas, contribuindo para especificá-las. [...] contentemo-nos, portanto, em assinalar a existência de um fato religioso*” (RÉMOND, 2004; 164), dentro da história das sociedades ainda tem expressivo valor, com muitas e distintas relações com os demais elementos da vida coletiva. Contudo, o nosso olhar está voltado não para a intimidade da consciência pessoal, o conteúdo da fé, mas o fator

religioso, à medida que ele supera as fronteiras da vida privada como fenômeno social. Além disso, o fato religioso admite uma dimensão social, ele é vivenciado em sociedade.

Nota-se, à luz das discussões de Roger Chartier (1990), Certeau (1996), Luca (2010) entre outros autores referenciados neste trabalho, um aumento de campos de pesquisa, inaugura-se tendências na recente historiografia no mundo, sobretudo a partir da década de 80. Frente a esta ocasião, vários historiadores voltaram seu olhar historiográfico para estudos de caráter específicos, em aversão às obras generalizantes, e, ainda percebemos um crescimento da estima pelos estudos de História Cultural, os quais “ (...) *privilegiaram temas mais recentes da História, incluindo nesses trabalhos o uso de fontes anteriormente muito criticadas como fontes orais, audiovisuais, iconográficas, correspondências pessoais e outras*” (BARROS, 2014:156).

Toda a importância da História Cultural é relativamente nova, contudo pode-se afirmar que ela seja bastante antiga. Para o historiador Francisco Falcon, “ (...) *o novo neste caso, se é que assim podemos chamá-lo, é o processo, ainda em curso, de redefinição dessa História e das suas relações com a História Social*” (FALCON, 2002;12).

Atualmente a História Cultural é amplamente reconhecida, nos centros acadêmicos nacionais e internacionais, favorecendo o alargamento de horizontes da reflexão histórica, apresentando vertentes diferenciadas. (Cf. SOHIET, 2005). Tais como “a ‘cultura popular’, a ‘cultura letrada’, as ‘representações’, as apropriações, as práticas discursivas partilhadas por diversos grupos sociais, os sistemas educativos, a mediação cultural através de intelectuais, ou a quaisquer outros campos temáticos atravessados pela polissêmica noção de “cultura”. (BARROS, 2011;02)

Esta historiografia, que vai além da produção cultural oficial, foi a “(...) *que passou a atrair o interesse de historiadores dos mais diversos matizes teóricos desde o último século, inclusive no seio da historiografia marxista.* ” (BARROS, 2011:02). O diálogo Antropologia/História tem merecido a preferência de inúmeros historiadores culturais, dentre eles, Carlo Ginzburg, E. P. Thompson e Robert Darnton.

O conceito de cultura que emerge desse diálogo é ele, também, razão de inúmeras polêmicas. Alguns enxergam a cultura decomposta em cultura popular/cultura erudita, o que é questionado por Roger Chartier, que argumenta sobre a impossibilidade de se estabelecer uma distinção radical entre as mesmas, assinalando a existência de circulações fluídas, práticas partilhadas e diferenças imbricadas entre o erudito e o popular.

Nesse sentido, cabe igualmente lembrar E.P. Thompson ao contrapor-se à concepção de Clifford Geertz, que entende a cultura como uma teia de significados compartilhados, compondo um sistema. Thompson alerta sobre os cuidados quanto a generalizações como “cultura popular”, a qual se configura como arena de elementos conflitantes, e acentua que o termo “cultura”, com sua inovação confortável de um consenso, pode distrair nossa atenção das contradições sociais e culturais, das fraturas e oposições existentes dentro do conjunto. (Cf. SOHIET, 2005).

No início do século XX, os olhares estavam todos voltados para a História Política. Poucos espaços abertos para outros tipos de história. “Verifica-se, nos últimos tempos, uma forte aproximação entre a História Cultural e a História Política. ” (SOHIET, 2005;10). Após um período de considerável abandono, a história política, revive uma fase de recuperação de sua importância. “*Não apenas clássicos de outras épocas estão sendo revisitados, como toda uma nova geração de novos trabalhos no campo da História Cultural tem surgido como resultado desse movimento.* ” (SOHIET, 2005;09).

A História Cultural, seja sob a denominação de história intelectual, seja sob a de história das ideias, ou também de "nova história cultural", como defende Lynn Hunt (1992), conquista sua legitimidade no universo acadêmico. E compreende, com base em Viñao Frago (1995), a história da cultura material e do mundo das emoções, dos sentimentos e do imaginário, das representações e imagens mentais, da cultura de elite e da cultura popular, a da mente humana como produto sócio histórico e a dos sistemas de significados compartilhados.

No Brasil, a História Cultural tem cada vez mais se afirmado no universo acadêmico, com alguns nomes como Ronaldo Vainfas (2009), Lilia Moritz Schwarcz (2009) e Luiz Mott (2000), os quais dedicam-se a trabalhar com a História do cotidiano, o imaginário, a micro-história e da História das Mentalidades, todas elas áreas que se desenvolveram com a inserção da cultura como objeto da História.

O quadro historiográfico brasileiro se ampliou com as contribuições em torno de pesquisas e análises sobre aspectos institucionais, burocráticos, teológicos, formativos, estruturais e culturais, particularmente no que tange às devoções populares, tão combativas pela romanização católica verificada a partir da primeira metade do século XIX (OLIVEIRA, 1985).

Almejamos colaborar com a área de estudos da História das Religiões e Religiosidades no Brasil, sobretudo, em Sergipe. Uma vez que, segundo Jacqueline Hermann (1997), o campo da História das Religiões e Religiosidades é “*múltiplo, denso e instigante*”, demonstrando assim, ser uma área fértil para o desenvolvimento de pesquisas.

A História das Religiões e Religiosidades começa sua especificação, delimitando seu objeto e metodologia, durante o século XIX, à luz dos estudos de Max Weber, Émile Durkheim, e Mircea Eliade sobre o fenômeno religioso. Na historiografia brasileira destacamos estudos relevantes sobre a História da Igreja, como os de Riolando Azzi (2008), José Beozzo (2005), Scott Mainwaring (2004), Renato Cancian (2011), Severino Vicente da Silva (2015), dentre outras produções referenciadas nesta pesquisa. No que diz respeito a produção historiográfica, percebe-se algumas transformações por parte dos historiadores, os quais têm buscado voltar seus esforços para investigações de parâmetro monográfico, distanciando-se de pesquisas generalizantes, e, além disso nota-se justamente o aumento da importância pelos temas voltados para a História Cultural, os quais fazem uso de fontes até então desprezadas, como fontes iconográficas, orais e audiovisuais, como também valorizam estudos da História mais recente.

Em Sergipe, o interesse pelos aspectos religiosos na história tem como marco o trabalho da Professora Maria da Glória, em 1999. De lá até a presente data, inúmeras foram as pesquisas desenvolvidas, sobretudo na Universidade Federal de Sergipe, a partir da criação do Grupo de Pesquisa Culturas, Identidades e Religiosidades, no final do século XX. Entretanto, no que diz respeito às devoções católicas, ainda são poucos os trabalhos que ajudem a dirimir questões da realidade religiosa sergipana, notadamente dos séculos XX. Em Sergipe, crescem os estudos sobre o catolicismo, de modo particular a respeito do processo de romanização verificado na primeira metade do século XX, com destaque para os seguintes autores: Raylane Navarro Barreto (2004), Antônio Linvaldo (2008), Pérciles Moraes (2010) e Claudefranklin Monteiro (2013).

Essa carência de pesquisas em torno da compreensão da religiosidade popular, sobretudo, sobre a relação de difusão de práticas devocionais (o culto a Nossa Senhora Auxiliadora) por meio de práticas educacionais (Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora), como é o caso da atuação da Ordem Salesiana. Tal problemática, nos motivou a levar adiante o presente projeto, com vistas a contribuir para uma historiografia sergipana também preocupada em entender a formação humana e religiosa do Estado.

Uma vez que, no que diz respeito a produção bibliográfica referente a apresentar a história da congregação salesiana no Brasil, foi quase sempre escrita por componentes desta ordem religiosa, o que provoca uma superexposição da sua própria ótica, uma vez que em sua maioria são designadas a uma circulação interna, prevalece uma mentalidade ufanista e marcada pela aproximação afetiva com os contextos. Todavia, foram relevantes para registrar a presença e a trajetória da obra salesiana no Brasil.

Tendo em vista que a maioria dos trabalhos se centra no aspecto institucional (romanização) e na formação dos padres, como é o caso dos trabalhos de Antônio Lindvaldo (2008), Péricles Moraes (2010) e Raylane Navarro (2004). Ou ainda, na relação romanização e religiosidade popular, Claudefranklin Monteiro (2013). Não obstante, nenhum desses estudos tem seu foco no entendimento da romanização, sob a relação devoção e educação.

Com a finalidade de desempenhar essa pesquisa, inicialmente, buscamos listar a bibliografia presente no Programa de Documentação e Pesquisa em História (PDPH) do Departamento de História da UFS, na Biblioteca Central da Universidade Federal de Sergipe (BICEN/UFS), na Biblioteca Pública Epifânio Dória (BPED), além disso, nos arquivos pessoais disponibilizados pelo prof. Dr. Claudefranklin Monteiro Santos.

Metodologicamente o trabalho organizou-se por meio inicialmente de um levantamento e análise de fontes sobre a presença da Igreja Católica em Sergipe presentes em diversas instituições e lugares de memória. Dessa forma, na finalidade de produzir este projeto realizou-se de ante mão por meio de um levantamento de fontes, iniciamos procurando fontes em instituições como o Arquivo da Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora/Aracaju SE (APNSA), Arquivo do Colégio Salesiano de Aracaju (ACSA), Arquivo Salesiano Central (ASC) e o Arquivo Salesiano do Recife (ACSR), no qual obtivemos acesso à correspondência de Monsenhor Olímpio Campos com os padres Salesianos (Pr.Della Valle, Pr. Rua, Pr. Giordano) dos anos 1901 e, prosseguimos a investigar distintos documentos.

No Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), conseguimos digitalizados todos os relatórios de presidentes de Província, jornais e revistas citados nesta bibliografia; o Boletim “Salesiano”, no qual encontramos relatos da trajetória salesiana tanto em Sergipe como no Brasil, e no mundo; a Cúria Metropolitana de Aracaju, por sua vez examinamos os livros de tombos da Paróquia de Nossa Senhora Auxiliadora/Aracaju SE, na qual localizamos

informações sobre a constituição desta instituição, analisamos também os livros de tombos da antiga Diocese de Aracaju e da atual Arquidiocese de Aracaju.

Ademais, através dos catálogos de monografias e trabalhos do Programa de Documentação e Pesquisa em História (PDPH) do Programa de Pós-Graduação em História da UFS. Além disso, utilizamos dos recursos tecnológicos (internet), por meio destes localizamos obras sobre a História dos Salesianos no Brasil, trabalhos monográficos, dissertações de mestrado, teses de doutorado e Boletins e documentos digitalizados, os quais localizam-se nas referências.

Posteriormente ao levantamento bibliográfico, verificamos a existência de pesquisas voltadas a História e Memória dos Salesianos em Sergipe, como os elaborados por BONIFÁCIO (2011), CONCEIÇÃO (2012), BISPO (2007), SILVA (2000). No entanto, ao analisarmos estas produções, percebemos que nenhuma delas têm como finalidade principal investigar por meio da História dos Salesianos em Sergipe, a devoção a Nossa Senhora Auxiliadora pelos devotos membros da Associação de Maria Auxiliadora (ADMA) em Sergipe, o perfil da romanização no Brasil, e sua influência na Educação Sergipana, como também a relação estabelecida entre Educação e Devoção.

A luz dessas argumentações, consideramos apropriado o recorte temporal destacado em nossa investigação, entre 1902 e 1958. Segundo José D' Assunção Barros (2009), uma determinação apropriada do período histórico examinado é fundamental, *“a escolha de um recorte qualquer de tempo historiográfico não deve, por outro lado, ser gratuita”* (BARROS, 2009; 43), muito menos ignorada. Sendo assim, dividimos nossa análise a partir da chegada e instalação dos Salesianos em Sergipe em 1902, até a criação da Paróquia de Nossa Senhora Auxiliadora em 1958.

A respeito da periodização, para Le Goff (2015), o recorte do tempo em períodos é indispensável à história de forma a organizá-la, sinalizando que os períodos não se estabelecem em seguimentos neutros, pois a periodização é *“obra do homem, é, portanto, artificial e provisória”* (LE GOFF, 2015; 29), sujeito de modificação e alteração.

Deste modo, ainda delimitando os recortes temporais da investigação, utilizamos desse tempo de uma maneira mais flexível, sem nos fixarmos rigorosamente ao marco definido (LE GOFF, 2015; 132), uma vez que, para melhor compreender e analisar os empreendimentos da Congregação dos Salesianos em Sergipe, foi necessário recuar ou avançar no tempo, pelo fato

de as instituições aqui estudadas terem sido fundadas em momentos distintos e com finalidades particulares.

É pertinente destacar que os Salesianos trabalhavam com diversos tipos de estabelecimentos educacionais, proporcionando instrução a diferentes classes sociais. Para o ensino formal existiam os colégios, frequentados em sua maior parte pelos filhos da elite; por outro lado existiam os liceus de artes e ofícios ou escolas profissionais, as escolas noturnas e escolas agrícolas destinadas a atender a juventude das classes médias e pobres. Como também os oratórios festivos, de caráter informal, dedicados a fornecer uma formação religiosa aos mais carentes.

A presente investigação estruturou-se em três períodos: um estudo à luz das lentes histórica, da memória e das discussões acerca da Devoção, Romanização, Educação concebida através da revisão da literatura produzida sobre a temática e documentos oficiais da Igreja Católica, como a “*Pastoral Coletiva*”, de 1890, documento redigido por Dom Antônio Costa e firmado pelos Bispos católicos do Brasil, este é produzido logo após o ato de separação da Igreja do Estado, oficializada pelo Decreto nº 119-A, “*Alguns pontos de reforma da Igreja do Brasil*”, cartas papais; uma análise da presença dos Salesianos em Sergipe e a sua prática devocional a Nossa Senhora Auxiliadora, com base na História e Memória destes na formação Sergipana do início do século XX, através de documentos do Arquivo Salesiano Central, Arquivo do Colégio de Aracaju, Arquivo do Colégio Salesiano de Recife, e da Cúria; e, afinal, uma discussão do que representava o sistema devocionário particular-familiar a Nossa Senhora Auxiliadora e como se estabeleceu no tecido social e histórico dos sergipanos, através de estudo de jornais sergipanos, concomitantemente, com fontes orais.

Inicialmente, no primeiro período de análise, buscou-se compreender o empreendimento histórico da Romanização enquanto um dos mecanismos utilizado pela Igreja Católica para se estabelecer no Brasil do século XX sofrendo o processo de modernização, empregaremos as referências bibliográficas de AZZI (2003), BEOZZO (1977), MARIN (2001), CUNHA (2009), CRUZ (2011), SOUSA (2008), SILVA (2001) e DELLA CAVA (1976), conjuntamente a interpretação de fontes oficiais da Igreja Católica acessíveis. As quais encontram-se disponíveis em livros como através da página oficial do Vaticano em português na (*internet*): como a Constituição Apostólica *Quae Ad Nos* (Papa João XXIII, 1958), as encíclicas *Dum Multa e Fin Dal Principio* (Papa Leão XIII, 1902).

O segundo período, analisar a História dos Salesianos em Sergipe e a difusão da Devoção a Nossa Senhora Auxiliadora, para tal verificaremos as pesquisas de OLIVEIRA (2005), SILVA (2000), NASCIMENTO (2002), conjuntamente, as fontes disponíveis no acervo tanto do ACS (encontramos o termo de fundação da Escola Salesiana da Tebaída) e do ACSR, como do ACSA.

Utilizaremos também para entender a presença salesiana, *Os relatórios do presidente da província na época Olímpio Campos (1901-1902)*, fonte a qual encontra-se digitalizada no IHGSE. Observaremos a constituição da Paróquia de Nossa Senhora Auxiliadora por parte das informações dos livros de Tombo da Cúria Diocesana de Aracaju (Catedral Metropolitana de Aracaju) (1957-1958), e de outras fontes que examinamos ao longo desta pesquisa.

O terceiro passo, almejando entender o que representava o sistema devocionário particular-familiar a Nossa Senhora Auxiliadora para os fiéis católicos tanto da ADMA, como através do culto popular e como se estabeleceu no tecido social/histórico dos sergipanos, para tal analisaremos periódicos brasileiros, como *O Boletim Salesiano* e sergipanos, como *A Cruzada*, *Correio de Aracaju*, *Diário Oficial de Sergipe*, *Diário da Manhã* e, *O Estado de Sergipe*, e outros como o *Boletim Diocesano*, - todos encontram-se digitalizados e disponíveis para pesquisa) - conjuntamente, com uma interpretação e análise de fontes orais, coletadas através de gravação e transição de entrevistas empreendidas com pessoas integrantes da ADMA e fiéis devotos a Nossa Senhora Auxiliadora em Sergipe na década de 50 e 60.

Seguida a exposição das etapas de nosso trabalho, percebemos através do levantamento de fontes (Relatórios do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, Crônicas da Escola Agrícola, Estatutos, Jornais, Revistas) a primazia de variados documentos, os quais classificamos em três perfis, com o objetivo de questionarmos os métodos que empregaremos para a nossa análise e interpretação. Contemos documentos obtidos no ACS, ACSA e ACSR, fontes arquivistas e oficiais, como encíclicas papais, documentos da Santa Sé; fontes periódicas, como jornais e revistas do Brasil e Sergipe; as fontes orais, como os depoimentos de fiéis católicos praticantes do culto a Nossa Senhora Auxiliadora em Sergipe frutos da década de 50 e 60.

Na análise dos documentos encontrados nos arquivos nos valeremos das contribuições de John Tosh (2011), Antoine Prost (2012) e Tereza Malatian (2009). Já a metodologia de investigação dos periódicos empregaremos as orientações de Tania Luca (2010) e Bacellar (2010). O uso ainda de fontes orais para compreender o tecido social sergipano, recorreremos a

metodologia apresentada por Venera Alberti (2010) e Paul Thompson (2002), dessa forma poderemos expandir nosso olhar a respeito da cultura e vivência da sociedade na época. Assim, buscamos ampliar nosso leque de percepções sobre a nossa problemática, ao ponto de não nos limitarmos ao uso de documentos de arquivos e de imprensa. Almejamos a partir do livre-arbítrio de vivência e lembranças dos sujeitos, das diferentes camadas sociais, relatem o significado do culto.

Destacamos abaixo conceitos e ferramentas teóricas essenciais a nossa pesquisa.

A presente pesquisa trata-se de um estudo de História Cultural dentro da perspectiva que busca perceber as representações do aspecto religioso no tecido histórico e social de uma determinada localidade, nesse caso Sergipe. Nesse sentido, buscamos trabalhar não somente de uma análise documental, mas também bibliográfica à luz de conceitos como devoção católica e representações devocionais.

Além dos chamados teóricos e historiadores que discutem a temática Igreja Católica no Brasil, a exemplo de Eduardo Hoornaert (1994) e Riolando Azzi (2008) entre outros, serviram como lastro teórico de nossa pesquisa: Roger Chartier (1990), sobretudo na discussão em torno das representações; e Pierre Bourdieu (2004) e Michel de Certeau (1996), estes últimos a aspectos conceituais como campo religioso, poder simbólico e a vivência do religioso como objeto no campo da história. Salientamos assim, conceitos e ferramentas teóricas primordiais a nossa investigação.

Ao propormos a análise da História dos Salesianos em Sergipe e a Devoção a Nossa Senhora Auxiliadora, consideramos essencial expormos, brevemente, determinados conceitos, como o de *representação*. Segundo Roger Chartier (1990), a ideia de representação enquanto ferramenta teórica-metodológica é capaz de atingir um campo histórico particular - no caso os salesianos - , a “*internalização simbólica das lutas pelo poder e dominação entre os grupos, ou entre os indivíduos representantes de tais grupos, estruturadas a partir de relações externas objetivas entre os mesmos e que existem independentemente das consciências e vontades individuais*” (CHARTIER, 1990; 16) que as produziram dentro de um específico campo social.

Então, a utilização do conceito de representação assim estabelecido, alcançaria, enquanto aparelho mediador teórico-metodológico, segundo a noção de campo, as oposições entre as interpretações internas dos campos de produção intelectual que ignoravam as determinações externas e que se faziam presentes nos objetos simbólicos produzidos pelos

mesmos; bem como as explicações externas que ignoravam como as determinações simbólicas internas a um determinado campo de produção eram capazes de se fazerem presentes enquanto amostras significativas de um agente ou grupo de agentes (salesianos) nas relações externas a esse mesmo campo. Desse modo, para Chartier é fundamental entender as representações a partir da noção de campo de tal modo como apontada por Bourdieu.

Por sua vez, Bourdieu, considera a noção de campo religioso, em sua função ideológica, é apreendida como “a prática e política de fazer absoluto o relativo e da legitimação do arbitrário” colaborando de tal modo à “(...) *imposição dissimulada de princípios de estruturação de percepção e de pensamento do mundo e, em particular, do mundo social*” (BOURDIEU, 2004; 64).

Consequentemente, boa parte do esforço do autor concentra-se em atrelar o aparato religioso com a formação social, evidenciando que a “*estrutura dos sistemas de representações e práticas religiosas*” tende a admitir a postura de instrumento de imposição e legitimação da dominação, colaborando para garantir a ascendência de uma classe sobre outra, para a “*domesticação dos dominados*” (BOURDIEU, 2011). Esse discurso nos permite pensar, o processo de romanização, enquanto seu sucesso de realização e aplicação no território brasileiro e de modo particular em Sergipe.

Já o conceito de *vivência religiosa* de Michel de Certeau (2008), nos possibilita pensar a utilização das práticas educativas como forma de promoção da fé cristã na sociedade sergipana. Para ele, o religioso assume “ (...) *a imagem do marginal e do atemporal, nele, uma natureza profunda, estranha à história, se combina com aquilo que uma sociedade rejeita para suas fronteiras*”. (CERTEAU, 2008:35).

Não importa se o estudioso confia ou não que a experiência com o invisível seja verdadeira, porque independente disto o que se busca (e o que se pode buscar) está no discurso no qual o indivíduo oferece, seja em escritos ou na própria fala, e não na apreensão do transcendente. Seja em um texto ou qualquer outro vestígio, quando se trata da descrição de uma experiência do sagrado, trata-se então de uma cristalização de um caso vivenciado, todavia não é puramente (no âmbito do real). Seja qual for o objeto em questão, não se pode alcançá-lo senão por meio da interpretação – que é histórica – dos vestígios deixados pelos acontecimentos passados, o que não resulta num acesso ao real.

O historiador Michel de Certeau, faz uma diferenciação importante entre o sentido vivido e o fato observado. Dessa forma, o historiador não pode nem se satisfazer com

apresentar o fato, postulando levianamente a sua acepção, nem aceitar como incognoscível uma significação que seria susceptível de uma expressão qualquer. Existe, pois, “ (...) *entre significante e significado, uma relação a elucidar. Mas isto não pode ser feito ao próprio nível do fato*”. (CERTEAU, 2008:145).

A proposta de Certeau nos proporciona um amplo progresso nos estudos a propósito da religião, levando-nos a uma maior concepção dos limites e possibilidades deste campo do conhecimento.

No afã de alcançar a contento estes interesses, estruturamos nosso trabalho em três seções.

Na primeira, *Sob o véu mariano da romanização*, buscamos fazer uma breve análise conceitual, teórica e histórica da romanização no universo católico brasileiro e sergipano, a partir da segunda metade do século XIX, focando principalmente na chegada dos Salesianos como parte desse processo romanizador e a utilização metodológica da devoção à Nossa Senhora na redefinição das práticas católicas.

Já na segunda, *De Roma para Sergipe: Implantação e Evolução da Obra Salesiana*, procuramos compreender e analisar a presença dos Salesianos em Sergipe, por meio de sua História e Memória, a partir da sua origem e fundação, como também da sua instalação no Brasil, em especial, buscamos entender a implantação e evolução da congregação em Sergipe.

Na terceira seção, “*Bradamos todos em uma só voz*”: *Práticas Educativas dos Salesianos em Sergipe e Formação do Homem Cristão*, a partir da compreensão do culto à Nossa Senhora Auxiliadora, buscamos perceber como se deram as práticas educativas salesianas em Sergipe, escolares ou não.

I

SOB O VÉU MARIANO DA ROMANIZAÇÃO

A missão da Igreja Católica no Brasil é cristianizar a sociedade conquistando maiores espaços dentro das principais instituições e imbuindo todas as organizações sociais práticas pessoais de um espírito católico de fé e devoção mariana. (MAINWARING, 2004:45)

O conceito de Romanização tem sido base de diversas pesquisas sobre o catolicismo no Brasil dos séculos XIX e XX. Por isso, é imprescindível a compreensão das vertentes interpretativas da romanização a partir da análise histórica da romanização em Sergipe entre 1902 e 1958, com a instalação dos Salesianos e da Devoção a Nossa Senhora Auxiliadora por meio das práticas educacionais.

Pode-se afirmar que, o Catolicismo foi instrumento significativo na formação social do país, então, estudar romanização é entender aspectos que permeiam a História do Brasil. Tais mecanismos do processo romanizador - formação do clero, escolarização das elites, expansão do território da Igreja por meio das ordens religiosas estrangeiras avançaram e tiveram relevância nas dinâmicas sociais de Sergipe, dentre outros estados do território brasileiro.

A compreensão do processo de romanização nos permite adentrar no contexto histórico no qual os Salesianos chegam a Sergipe, estruturam-se e promovem a Devoção Mariana de Nossa Senhora Auxiliadora, que é hoje uma das maiores devoções do Brasil.

1.1. ROMANIZAÇÃO: HISTORIOGRAFIA E CONCEITOS

No que diz respeito ao tema romanização, no universo acadêmico, não existe uma homogeneidade entre os autores, notam-se duas tendências historiográficas, que podem estar relacionadas e não se eliminam completamente. Uma linha historiográfica afirma que, “(...) *a romanização teria sido vitoriosa e de abrangência nacional e outra que procura ressaltar os elementos heterogêneos, descontínuos e díspares desse processo, resultantes das múltiplas diferenças entre as regiões onde a Igreja se insere*” (MARIN, 2001; 149). À vista disso, não há uma integração interpretativa no tocante da romanização.

A única conclusão temporária constituída pela historiografia, “(...) *é o reconhecimento da existência da multiplicidade a partir do confronto permanente da Igreja com as diferenças em todos os âmbitos, do local ao nacional e internacional e da valorização das dimensões subjetivas*” (MARIN, 2001; 151). Essa concepção aponta a necessidade de novas abordagens dentre as diferentes localidades do território brasileiro – como é o caso do presente trabalho, referente a Sergipe – o que permitirá elaborar um quadro das diferenças e semelhanças desse processo no Brasil. Sendo assim, faz-se necessária a apresentação de alguns autores que se dedicaram a analisar e pesquisar sobre esse tema.

Para José Oscar Beozzo, “(...) *já se tornou clássico chamar-se de ‘romanização’ o processo a que foi submetida a Igreja do Brasil entre 1880 e 1920*” (BEOZZO, 1977; 745). Essa conceituação feita por este historiador, têm sido destaque em diferentes análises historiográficas, entretanto, algumas críticas têm surgido sobre seu uso, em virtude de inadequação, agressividade ou anacronismo (VIEIRA, 2004).

O termo romanização foi criado pelo padre e historiador Johann Dollinger (1799-1890). A obra em que analisa este conceito foi traduzida do Rui Barbosa, cujo o título é *O Papa e o Concílio*, em 1877, publica o livro em 1869 (AQUINO, 2011; 03). O termo romanização surge em meio a um conflito entre ultramontanos e “liberais”. Ou seja, como afirma Reinhart Koselleck: “*Todo conceito é não apenas efetivo enquanto fenômeno linguístico, ele é também imediatamente indicativo de algo que se situa para além da língua*” (KOSELLECK, 1992; 136).

Nos anos 1950, o conceito de romanização foi resgatado por Roger Bastide, mas foi nos anos entre 1960 e 1970, que Ralph Della Cava, em sua obra *Milagre em Joazeiro*¹³ (1976), desenvolveu e difundiu esse tema. Os brasilianistas protestantes retomam esse conceito com o objetivo de criticar o imperialismo do Vaticano, que conduziu o fortalecimento da Igreja Católica nos Estados Unidos.

Por outro lado, no Brasil, essas pesquisas contrastam com a historiografia eclesiástica, elaborada primordialmente por padres e membros de ordens religiosas, fundamentados em material empírico, porém de caráter apologético.

Em 1970, enfim o conceito de romanização é estabelecido. Esse período distinguir-se em virtude da aproximação da História da Igreja as Ciências Humanas e Sociais, como também da Teologia da Libertação. O universo acadêmico brasileiro neste período destacou-se por uma expressiva revisão bibliográfica destacando-se os trabalhos de Eduardo Hoornaert, Riolando Azzi, Pedro Ribeiro de Oliveira, Oscar F. Lustosa, José Oscar Beozzo, Francisco Cartaxo Rolim, entre outros. Nota-se a preocupação com uma interpretação a partir do povo.

Enfatiza-se ainda a produção dos componentes do CEHILA, “(...) *por terem feito da romanização um conceito central de suas análises*” (AQUINO, 2011; 05). Com a formação dos centros de estudos em História da Igreja, existiu uma ampliação das produções e simpósios a propósito do tema. Durante ainda esse período, um outro conceito destacava-se, o

¹³ DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro**. Tradução de Maria YEDDA Linhares. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

de ‘catolicismo popular’. Segundo Maurício Aquino (2011), o processo de romanização é estudado em correlação com as ofensivas feitas ao catolicismo popular, abrangido, na historiografia restaurada do CEHILA e do CEPEHIB, como núcleo de fé inédita e de eficácia transformadora da sociedade. Uma “*interpretação a partir dos pobres*”, a qual buscou os integrantes da CEHILA, e as análises das relações entre Estado e Igreja conduziram a uma perspectiva sobre a instituição do catolicismo romanizado como movimento que beneficiou o “(...) *capitalismo, a modernização e o domínio religioso e social das elites*” (AQUINO, 2011; 07).

Para Pedro Ribeiro de Oliveira (1976), a romanização modificou a Igreja no “(...) *sentido de adaptá-la como “aparelho de hegemonia” da burguesia agrária. Foi um processo correlato de unificação nacional e estruturação social com base no sistema agrário-exportador*” (OLIVEIRA, 1976; 132).

Já para Hoornaert (1973) e Beozzo (1977), a romanização teria sido fruto da conjuntura do segundo pacto colonial, conforme a europeização do catolicismo brasileiro que constituiu uma nova contenção aos movimentos de ordem popular. Segundo Riolando Azzi (1974),

(...) esse processo apresentando, a partir das fontes, dois grandes períodos: o da reforma institucional ou reorganização eclesiástica e o da restauração católica, termos usados na época. Destaca, ainda, três linhas de orientação dessa reforma católica desde o século XIX: a tradicionalista, a tridentina e a ultramontana (AZZI, 1974; 646).

Durante a década de 1980, predominou a aproximação entre os conceitos de romanização e autocompreensão do catolicismo, ponto de vista defendido pela “nova história da Igreja” de Poulat, Alberigo, Aubert. Está concepção de auto-entendimento da Igreja, conduziu a formação do “(...) *princípio organizador das várias faces do catolicismo no Brasil, desde o tradicional até o ultramontano ou renovado*” (AQUINO, 2010; 05).

Pesquisas sobre o catolicismo sobressaíram-se quando compreendido em relação com alguma camada da vida social, como é o caso do pesquisador, Kenneth Serbin (2008), ao apreender o processo de romanização na conjuntura da modernização conservadora da comunidade brasileira, com base no problema do celibato na Igreja Católica (SERBIN, 2008; 78).

Entretanto, as relações entre Estado e Igreja, em virtude do fim da ditadura civil-militar no Brasil, abriu a outras possibilidades interpretativas, principalmente em relação as denominadas Nova História Cultural e Nova História Política.

A obra de Severino Vicente da Silva, *Da Guerra à Neocristandade: A Tribuna Religiosa 1917-1919*¹⁴, também proporciona pensar a relação entre Estado e Igreja, mas, depois da implantação do sistema republicano no Brasil. O autor destaca a importância da ampliação de estudos voltados a compreender a Igreja no Brasil.

No século XXI, a romanização passa a ser percebida sobretudo, como fenômeno cultural, “(...) *como produto e produtora de determinadas representações e práticas criadas historicamente*” (AQUINO, 2011; 08). Exemplos deste tipo de perspectiva, são as pesquisas de André Luiz Caes¹⁵, a respeito da espiritualidade ultramontana como tática política, como também de Pedro Rigolo Filho¹⁶, o qual aponta as referências religiosas de D. Nery e o processo de reforma católica enquanto cultura religiosa.

Uma outra referência quando se trata de pensar a romanização, é Jérri Roberto Marin, que propôs uma sistematização da história e da historiografia da romanização, em um artigo publicado em 2001. Segundo Marin,

(...) a romanização aponta para a reeuropeização conservadora do catolicismo brasileiro ao centralizar a gestão do sagrado na Santa Sé e propor uma reforma em três áreas complementares e simultâneas: a da formação intelectual e espiritual do clero; a da disciplina eclesiástica; e, a da intensificação da pastoral junto aos fiéis para purificar a religiosidade popular (MARIN, 2001; 323).

Essas diferentes nuances teórico-metodológicas e as relações políticas que as conduzem reflete a magnitude, a multiplicidade e o grande valor social e acadêmico das pesquisas e interpretações a propósito da romanização do catolicismo no Brasil em suas transformações e constâncias.

No tocante da historiografia sergipana, no que diz respeito ao estudo da romanização da Igreja Católica em Sergipe e, em particular, na diocese de Aracaju, aponta para um

¹⁴ SILVA, Severino Vicente da. **Da Guerra à Neocristandade: A Tribuna Religiosa 1917-1919**. Curitiba: Editora Prismas, 2015.

¹⁵ CAES, André L. **As portas do inferno não prevalecerão**. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, 2002.

¹⁶ RIGOLO FILHO, Pedro. **A romanização como cultura religiosa: as práticas sociais e religiosas de D. João Batista Corrêa Nery, bispo de Campinas, 1908-1920**. Dissertação. (Mestrado em História). Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 2006.

processo original, não homogêneo (SOUSA, 2008) diferente daquele ocorrido no restante do Brasil. Segundo Antônio Lindvaldo Sousa, a romanização, estaria ligada aos princípios de ultramontanismo e auto compreensão da religião católica estruturados por Augustin Wernet, com base em Weber. Ou seja, o bispo romanizador professa as normas provenientes da Santa Sé Romana. Fato este, presente na documentação oficial. Na prática, o destaque nos padrões e sujeitos romanizadores tradicionais camuflaria, como Lindvaldo Sousa constatou em sua tese os conflitos e as incoerências dos sacerdotes e envolvidos na implantação dos métodos ultramontanos no Brasil.

Com base em Jérri Marin (2001), a concepção romanizadora foi estabelecida e nunca foi devidamente configurada no real, particularmente quando se compreende o “*mosaico cultural*” e religioso que formata o Brasil. Imagem está reforçada pelo crivo do historiador Claudefranklin Monteiro (2013), em sua obra *Contradições da Romanização da Igreja no Brasil*, publicado em 2016, no caso de Sergipe, o qual destaca que, o triunfo ou não deste processo “(...) *dependeu muito das trajetórias e da formação dos padres, bem como das vicissitudes de seus tempos descartando qualquer possibilidade de um todo harmônico*” (SANTOS, 2013:38).

Os estudos regionais revestem-se de grande estima para a reescrita da história da Igreja no Brasil. Possibilitando ressaltar principalmente, os elementos heterogêneos, “descontínuos, múltiplos, em contraposição aos homogêneos” (MARIN, 2001). A aplicação do conceito de “(...) *romanização considera suas trajetórias e posicionamentos anteriormente expostos, e é assumido por conta desses mesmos elementos na medida em que carrega uma força semântica indicadora das tensões sociais*” (AQUINO, 2011, 10), frente a multifacetada cultura religiosa católica do Brasil, basilar para a reconstrução histórica do período.

1.2. RAÍZES ROMANIZADORAS: A RESTAURAÇÃO CATÓLICA NO BRASIL

A separação entre a Igreja e o Estado, em 1891, caracteriza o começo de uma nova etapa para o catolicismo no Brasil. O processo de secularização das instituições, reforçou a ruptura da influência da Igreja no tecido social amparada no poder político. Desde meados do século XIX, as querelas entre a Igreja e o Estado já eram evidentes. Fato que pode ser visualizado na persistência da hierarquia eclesial em clamar por autonomia espiritual para

ajustar o catolicismo brasileiro às requisições da Santa Sé, “ (...) *contrapondo-se às investidas do Império regalista que, mesmo influenciado pelas inovações das doutrinas filosóficas e do pensamento liberal, tentava manter a Igreja sobre seus domínios*” (AZEVEDO, 1978; 123-124).

Essas vicissitudes no contexto religioso do território brasileiro aconteceram como reflexo dos episódios vivenciados dentro do continente europeu, em consequência do abalo sofrido pela Santa Sé com o progresso das ideias de tendência liberal propagadas por pensadores que divulgavam a necessidade da existência de um Estado laico, desassociado do domínio da Igreja e consolidado por meio da Revolução Francesa no século XVIII com a derrota do poder monárquico amparado em bases religiosas católica.

Perante a nova ordem que se constituía não havia espaço para os valores que prevaleciam na Idade Média ditados pelo clero. Além disso, outros fatores foram fundamentais para a propagação destas mudanças, como é o caso do desenvolvimento das ciências e a superação dos ideais teocêntricos pela concepção antropológica. (AZZI, 1992)

O cenário de instabilidade motivado pela secularização estimulou o papado a reagir na tentativa de resgatar a Igreja da condição de isolamento e de ser vista como adversa à sociedade moderna. Para a Igreja a rejeição dos princípios católicos como inspiradores para a convívio social, expressava o princípio do desmoronamento da sociedade, estabelecendo-se a existência de dois polos extremos: o bem e o mal.

À vista disso, a Igreja Católica representaria, assim, a salvação para os homens e a única instituição responsável por sustentar a ordem perante o caos e dos conflitos derivados do estado de secularização. O distanciamento da sociedade brasileira dos valores cristãos e católicos concebia uma tentativa de aniquilar a autoridade da Igreja sobre o seio social, o que caracterizava para Roma um cenário perigoso.

No Brasil, a Proclamação da República trouxe consigo o fim do regime do padroado. Vendo-se separada do Estado e em pé de igualdade com as religiões ditas protestantes, a Igreja precisou se rearticular, buscando novas estratégias de ação. Segundo Severino Vicente, “há uma nova relação da Igreja com o Estado Brasileiro que havia se tornado uma República, com a definição da separação entre Igreja e Estado e o estabelecimento da liberdade de religião, o Vaticano tomou iniciativas para reestruturação dos espaços religiosos” (VICENTE, 2014; 103). Toda essa alteração ocorre dentro do processo conhecido como romanização dos católicos no Brasil.

Embora, a ligação entre o Estado e a Igreja durante o regime do padroado desse aos católicos a segurança e a garantia de que eram a religião oficial e suprema dos brasileiros, os

eclesiásticos respondiam diretamente às ordens do governo imperial e não da Santa Sé. José Oscar Beozzo identifica o período entre os anos de 1870 e 1930 como um período de aproximação da Igreja Católica brasileira com Roma (Evaristo, 1981). Neste intervalo, mudanças significativas ocorreram na atuação católica dentro do Brasil, visando uma maior institucionalização e controle eclesiástico das questões religiosas.

Diante deste cenário, pode-se destacar que o encorajamento pró-Roma, foi motivado pela Proclamação da República em 1889, “(...) *inaugurando uma nova fase do catolicismo brasileiro inspirado no modelo romano*” (BRANDÃO, 2009; 03). O plano da Igreja Brasileira, frente a estruturação do sistema republicano, admiravelmente, foi a “(...) *mais conciliadora possível, não se utilizando abertamente do enfrentamento com o poder republicano, mas tratou de trabalhar nos bastidores do poder para ter garantias de não se sair prejudicada*” (GOMES, 2007;70). A postura aparentemente tranquila do catolicismo, perante o novo contexto político estendeu-se durante toda a República Velha.

O processo de “construção institucional” da Igreja Católica brasileira ao longo da República Velha (1890-1930) se prende, de um lado, às novas diretrizes e empreendimentos da Santa Sé durante a segunda metade do século XIX e, de outro lado, aos desafios organizacionais e condicionantes políticos que teve de enfrentar no interior da sociedade brasileira. [...] apontar o século XIX como um momento-chave para os rumos tomados pela organização eclesiástica em âmbito nacional [...] o século XIX não se caracterizou tão somente pela revisão “defensiva” das doutrinas oficiais da Igreja nos diversos ramos do conhecimento e do apostolado afetados de perto pelas transformações políticas [...]. O movimento de reação eclesiástica desembocou numa série de iniciativas que, a longo prazo, significaram o fortalecimento organizacional e condições mínimas de sobrevivência política no acirrado campo da concorrência ideológica, cultural e religiosa, do mundo contemporâneo. [...] Desejava a República o clero católico, ainda magoado com a questão regalista [...] (BELLO, 1964;13).

A Igreja, embora tenha perdido seus aliados tradicionais e de estar abatida ideologicamente, assumiu uma postura frente aos fatos de negociadora e interventora, conseguindo concessões importantes do novo regime político, que de certa forma foi reconhecida moderadamente na Constituição de 1891. Isto é, o episcopado, desfrutando de uma certa liberdade, “(...) *a partir da separação entre os poderes temporal e espiritual, empenhou-se em implementar um projeto que envolvia múltiplos campos de atuação para estruturar uma Igreja homogênea e centralizada*” (MARIN, 2001; 152). A Igreja Católica seria rigorosamente hierarquizada e verticalmente interligada desde suas raízes até a Santa Sé.

Contudo, sob uma ótica diferente, para o historiador Riolando Azzi, o período republicano não teria agradado positivamente o episcopado brasileiro, em virtude principalmente de algumas medidas adotadas pelo novo governo, como a “(...) *separação entre Igreja e Estado, a obrigatoriedade do casamento civil, a laicização dos cemitérios, a liberdade de cultos*” (AZZI, 1983; 71)

Esse sentimento é refletido em uma Carta do Padre Lasagna, endereçada ao padre Rua, apontando os medos frente a implantação da República: “*Teme-se que este sistema de governo republicano seja fatal à religião e aos costumes. Começa-se com o ateísmo oficial mais audacioso, consagrado pela própria constituição e assim se vai aprofundando até às últimas consequências*”¹⁷. Já para o Bispo Dom Macedo Costa¹⁸, a separação da Igreja e do Estado, é vista como uma aberração, que deu finalmente um fim na intromissão do poder civil no terreno espiritual.

Sob essa perspectiva, destaca Pedro de Oliveira: “*A separação entre Igreja e Estado, embora não desejada pelo episcopado brasileiro, foi recebida por este como uma libertação com relação ao governo imperial. [...] Separada do poder civil, e constituída como um aparelho privado de hegemonia social*” (OLIVEIRA, 1979; 77). Assim sendo, diante deste novo sistema político, a Igreja busca assegurar sua continuidade enquanto instituição, a Igreja Católica buscou impulsionar o processo de romanização da sociedade brasileira.

Em relação ao processo de Reforma da Igreja, Maristela Andrade afirma, que ele decorre de uma conjuntura de tensão da Igreja do Brasil, resultado da expulsão da ordem dos jesuítas, responsáveis pelo papel moralizante do clero brasileiro; extinção da Inquisição; ampliação da influência das irmandades leigas na direção da vida religiosa; má classificação do clero e a falta de preparação deste para as estruturas eclesiais e por fim, a exacerbação do dito, catolicismo popular, em detrimento do culto oficial (ANDRADE, 2002). Dessa forma, “(...) *o processo de romanização vivido pela Igreja desde então, resultará no desenvolvimento de uma autocrítica da Igreja e de seu afastamento do povo, ao dar início à execução de projetos de reforma, que visavam acima de tudo obter autonomia*” frente ao estado brasileiro. (ANDRADE, 2002; 127)

Entretanto, para Emanuela Ribeiro, o contexto da romanização pode ser entendido como uma ferramenta da Igreja Católica, pós-república para ajustar-se ao período moderno – e consequentemente ao Estado que emerge durante a República Velha –, ocasião em que a

¹⁷ Carta ao Padre Rua, Niterói, 30/08/1890.

¹⁸ LUSTOSA, Antônio de Almeida. **Dom Macedo Costa: Bispo do Pará**. 2 ed. Belém: SECULT, 1992.

Igreja toma para si a tarefa de promover a racionalização da sociedade brasileira por meio da disciplina e da normatização das manifestações religiosas. (RIBEIRO, 2009). Opera então, como influente estabelecedor do Estado Moderno e “(...) *não como força centrífuga ou mesmo concorrente desse Estado na qual está inserida*” (BRANDÃO, 2009; 10)

[...] precisamos perceber as reelaborações e diferentes vivências que permearam as relações da Igreja Católica dita romanizada com a modernização das sociedades. Através, principalmente, do combate às práticas do catolicismo dito popular, e da aproximação com os elementos da ciência e da tecnologia modernas, a Igreja Católica atuou como elemento racionalizante no contexto brasileiro (RIBEIRO, 2009, p. 51).

Para o episcopado reformador brasileiro, a reorganização e restauração católica é o principal objetivo. Ao discutir e problematizar o conceito de romanização, para Ralph Della Cava (1976), a Igreja romanizadora almejava a afirmação de uma autoridade, de uma igreja institucional e hierárquica, estendendo-se dessa maneira sob todas as diversas faces popular do catolicismo, como ainda a integração sistemática da Igreja do Brasil, no plano institucional e ideológico, nas estruturas altamente centralizadas da Igreja Católica Romana, controlada e dirigida por Roma.

A Romanização do catolicismo foi pautada pela reestruturação e reorganização institucional da Igreja, a qual teria por base as decisões da Cúria Romana. Inicia como resultado da orientação política ‘ultramontana da Igreja’. É sem dúvida o claro reflexo de todo o esforço de adequação da Igreja aos “(...) *novos desafios advindos com a ascensão dos ideais iluministas, contidos no liberalismo, no racionalismo e no socialismo os quais questionavam e combatiam sua influência ideológica em várias esferas sociais*” (MONTEIRO, 2009; 03).

O papa Pio IX apontou os erros modernos na encíclica *Qui Pluribus*,

Para aqui (tende) essa doutrina nefanda do chamado comunismo, sumamente contrária ao próprio direito natural, a qual, uma vez admitida, levaria à subversão radical dos direitos, das coisas, das propriedades de todos e da própria sociedade humana ¹⁹.

Já para Leão XIII, na sua Encíclica *Quod Apostolici muneris* assim delineou distinta e expressamente esses supostos erros:

¹⁹ Fonte: (Encíclica *Qui pluribus*, 9 de novembro de 1846: Acta Pii IX, vol. I, pág. 13. Cf. Sílabo, IV: A.A.S., vol. III, pág. 170)

Peste mortífera, que invade a medula da sociedade humana e a conduz a um perigo extremo; e com a clarividência do seu espírito luminoso demonstrou que o movimento precipitado das multidões para a impiedade do ateísmo, numa época em que tanto se exaltavam os progressos da técnica, tivera origem nos desvarios duma filosofia que de há muito porfia por separar a ciência e a vida da fé da Igreja.²⁰

Torna-se evidente, que o discurso em ambas encíclicas reforçar a representação feita pela a Igreja deste presente cenário, como também apresenta o clima de temor da Igreja Católica perante a sua hegemonia, esse contexto conduziu a Igreja por reforçar a doutrina tradicional católica e decretar a infalibilidade papal. Através do Concílio do Vaticano (1869-1870) a política ultramontana tornou-se cada vez mais forte, tendo como norte as perspectivas disciplinadoras da doutrina católica tridentina baseadas na Igreja universal.

Um outro fato, foi a reação da Igreja católica após sua separação do Estado, pondo um fim ao regime de Cristandade, principalmente por conta da laicização do mundo social, dos serviços públicos, e primordialmente em relação ao sistema educacional. Dentre as soluções elaboradas, variavam desde bater de frente com os regimes republicanos até a aceitação do novo cenário social.

No Brasil, um fator determinante deu-se por meio da formação e a atuação das lideranças eclesíásticas, nesse sentido, é o elemento fundamental para a compreensão da estrutura da restauração da Igreja católica no espaço social. A realidade brasileira formou-se, por meio da instalação do Regime Republicano e em virtude do encerramento do regime de Padroado entre Igreja e Estado. De tal modo, ao olhar por um ângulo pode-se perceber que a Igreja acaba aparentemente suas relações com o Estado, mas por outro lado obteve a liberdade necessária para instruir e indicar seu clero com base nas diretrizes de Roma, e ainda, deparou-se com a liberdade religiosa proclamada pela Constituição.

Todavia, existe uma forte tendência historiográfica que compreende o processo de romanização como um “(...) *processo deliberado, intencional e racional, a partir de estratégias precisas, calculadas e homogêneas*” (MARIN, 2001;152). Pode-se refletir que o caso do Brasil poderia não se encaixar nestas adjetivações sobre a romanização. Sendo assim, como pode-se delinear a Romanização no Brasil?

A Igreja Católica no Brasil, ao notar a perda do seu monopólio sob o universo religioso, estrategicamente decidiu pela sua construção institucional e a expansão territorial.

²⁰ Fonte: Encíclica *Quod Apostolici muneris* (28 de dezembro de 1878: Acta Leonis XIII, vol. I, pág. 40)

Neste processo de reestruturação católica, a Igreja distancia-se do catolicismo popular e volta seu olhar para o Estado, por meio da formação das elites.

Um documento oficial elaborado por D. Macedo Costa, intitulado “*Pontos de reforma na Igreja do Brasil*”²¹, permite uma análise mais profunda da Romanização no Brasil. Esse projeto seria a estruturação dogmática, disposta na vertical (romana) e muito pouco na horizontal (massa popular brasileira) tendo por desígnio aproximar a sociedade para uma religiosidade à romana. Aspectos chaves que norteia o projeto de D. Macedo:

As Conferências Episcopais – seria conforme da Santa Sé, os bispos deveriam reunir-se periodicamente para (...) reflorescer a fé, a piedade e os bons costumes entre os fiéis confiados ao nosso zelo pastoral. Uniformidade de ação do episcopado, como um único corpo. O Episcopado – os bispos devem atuar em perfeita unidade; devem aumentar sua união com o Papa. O Clero - ... eliminar os abusos, ser rigorosos na vigilância do clero, pregação dominical e catequese (...). Os Seminários – devem ser destinados exclusivamente a candidatos ao sacerdócio e receber ensino rigoroso e ortodoxo. As Missões – é preciso acender a fé e aumentar a prática das virtudes, por meio das missões populares. Os Colonos Imigrantes – colonos europeus e católicos devem ser cuidados com zelo inclusive com a colaboração de congregações religiosas europeias. As Ordens Religiosas – trazer da Europa membros, dessas ordens e também congregações religiosas, para fundar e dirigir escolas católicas. As Confrarias – é preciso resolver de uma vez por todas a situação das irmandades e confrarias, expurgando-os de elementos maçônicos. As Dioceses – é preciso aumentar o número de dioceses de acordo à dimensão do país (OLIVEIRA, 1985;280).

Cada ponto prioritário citado acima servia como um mapa por onde muitos conduziram a Igreja, evidente que esse conjunto de ações foram analisadas anos depois e serviu de instrução para as reformas da igreja na virada do século.

Ao explorar, a fundo, esse documento é perceptível a importância das Ordens Religiosas, e principalmente em Sergipe com a vinda dos Salesianos, percebe-se qual o papel destes representantes para a formação de um verdadeiro católico aos moldes romano. Isso é reforçado nos Jornais Sergipanos “A Cruzada”²² e o “Diário Oficial de Sergipe”,²³ os quais

²¹ Documento oficial produzido em 1890, com cerca de 20 páginas, dividido em 9 capítulos e apresentados ao conjunto do episcopado brasileiro.

²² Cruzada foi um jornal sergipano criado em 1918 pela Igreja Católica. Publicado até fins da década de 1960, teve duas fases: - a primeira vai de 1918-1926 e a segunda de 1935- 1969.

²³ O Diário Oficial de Sergipe é criado por meio da Lei número 104 de 5 de dezembro de 1894, assinada pelo presidente de Sergipe da época, Manoel Prisciliano de Oliveira Valadão, autoriza a fundação da Imprensa Oficial do Estado de Sergipe. Sancionada a lei, em 24 de agosto de 1895, entra em circulação o primeiro número do

buscaram difundir por meio da imprensa ideias cristãs que deveriam ser praticados no meio educacional. Apresentavam temas como *‘Moral e bons costumes’*, *‘O que é Ensino sem religião’*, *‘a importância da formação do ser humano’*, passando assim uma imagem aos pais leitores da importância de colocar o filho em uma instituição com ensino católico – como é o caso da Escola dos Salesianos em Sergipe. Assim, torna-se notável a relação de poder que a Igreja precisava transmitir aos seus fiéis.

Em Sergipe, a romanização foi dirigida, principalmente, pelas ordens religiosas europeias que assumiram a formação dos prelados nos novos Seminários, especialmente a Ordem dos Jesuítas e Salesianos. Estas ordens e os seminários operaram como colégios particulares, centros de atração e fomentadores de vocações religiosas tanto para indivíduos advindos da aristocracia imperial, quanto para aqueles ligados ao patriciado rural decadente ou de origem social mais humilde - que almejavam usufruir da carreira eclesiástica (MICELI, 1988).

Esse processo de europeização da Igreja, por meio das devotas vindas de ordens religiosas, tornou o catolicismo brasileiro “(...) *mais erudito e, portanto, mais atrativo para os intelectuais e os setores médios urbanos*” (SERBIN, 2008: 82). À vista disso, nesse momento, como os seminários, as ordens religiosas de diferentes destinos da Europa deixaram sua marca até hoje na formação escolar das elites e tiveram um papel expressivo na expansão do sistema de ensino católico.

Sobre a difusão do ensino católico: “*Os lazaristas, os jesuítas e os beneditinos, sobretudo no atendimento aos filhos da antiga aristocracia, bem como os salesianos e os irmãos maristas, cujos colégios ofereciam instrução aos jovens pertencentes à classe burguesa em afirmação*” (AZZI, 2008: 19). Essa escolarização das elites nos educandários católicos no início do regime republicano funcionava como “(...) *espaços privilegiados oferecidos à juventude, na transição da vida rural para a sociedade urbana*” (AZZI, 2008: 19).

Sob um olhar geral, a Igreja ao dominar o aparelho de ensino, através das ordens europeias, possibilitou de certa forma, manipular e conduzir a difusão das ideias, uma vez que “(...) *o controle educacional lhe dava a oportunidade de, ao menos, depurar a matéria de ensino, evitando, o quanto possível, a divulgação de ideias contrárias às suas teses e dogmas*” (MANOEL, 2008: 51).

1.3. OS SALESIANOS E A ROMANIZAÇÃO DA IGREJA

O processo de Reforma da Igreja Católica no território brasileiro, autorizou a atuação de distintas congregações religiosas vindas de Roma, com interesses apontados para o campo educacional, como ferramenta de influência ideológica e controle da população. Essa, “(...) *educada em espaços cristãos, era garantia de que as futuras gerações também viessem a professar e defender a fé cristã*” (BONIFÁCIO, 2011; 252).

A Congregação Salesiana assumiu um papel singular dentro do contexto do processo de romanização, por meio do conhecido Sistema Preventivo de Dom Bosco movido pela razão, religião e *amorevolezza*²⁴, ampliou sua cultura religiosa em diversas localidades do mundo, eram estimados e experientes na educação da juventude pobre, mesmo favorecendo, em algumas circunstâncias, a formação dos filhos da elite em troca da criança pobre e desamparada.

Segundo Nadja Santos Bonifácio (2011), a Congregação Salesiana em sua disposição educacional, claramente dissociou “(...) *os tipos de alunos e alunas, consolidando os Colégios para os filhos da Elite; as Escolas Profissionais ou de Arte e Ofícios para os grupos médios e pobres; e os Oratórios Festivos para os pobres*” (BONIFÁCIO, 2011; 253) buscando, desse modo, está presente em distintas camadas sociais.

No caso da fundação dos oratórios festivos, buscava-se localidades que tivesse a movimentação de meninos e meninas, cujas famílias se enquadrassem no perfil, com o objetivo de acolher essa juventude, educar segundo a fé cristã e evangelizar para a vida. Sendo o Oratório um “*mecanismo de ensino informal*” (BONIFÁCIO, 2011; 254), estava em conformidade com o processo de romanização da Igreja Católica, e ainda ligado ao processo civilizatório do Estado, no qual lançavam seus princípios para educar “(...) *um novo mundo e um novo homem que nele habitar[ia]*” (BOTO, 2003; 392).

Apesar disso, o perfil evangelizador e de socialização dessa modalidade educacional, conglomerava não apenas as crianças, mas sobretudo suas famílias, na acepção de tirá-las da ignorância religiosa para afastá-las de outras religiões, principalmente de religiões protestantes; imprimir a estima do trabalho, da moral e da família para sobreviver com retidão

²⁴ Palavra italiana, sem tradução na língua portuguesa que alguns apontam como bondade (amor, caridade, amizade, ternura e amabilidade): assegura a plenitude de expansão vital, a capacidade de resposta ao afeto. O amor impregnado de discernimento e compreensão humana, de ternura paterna e fraterna, que faz o educador viver a vida dos educandos.

no mundo civilizado e católico. Esse caráter, é reforçado em um artigo publicado no Jornal do Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora, A “Tebaidinha” do dia 30 de setembro de 1932, no qual destaca a importância da conservação e manutenção das virtudes no contexto familiar.



Figura 02: Jornal “A Tebaidinha” – Aracaju-Se: 30/09/1932²⁵

Dessa forma, o ponto chave para o desenvolvimento do projeto romanizador, estaria na instalação de seminários e colégios sob a orientação de congregações religiosas europeias. Para Riolando Azzi, “(...) o enfoque básico é a necessidade de melhor instrução catequética, para afastar a ignorância religiosa, das práticas supersticiosas, e das manifestações de irreverência de fanatismo” (AZZI, 1983;28) presentes na vida religiosa dos brasileiros. Contudo, qual seria a melhor estratégia para conduzir o povo cristão a uma vida religiosa dentro dos padrões tridentinos?

Diante deste cenário, os bispos do Brasil, organizam uma série de práticas, como; “(...) eliminar progressivamente os elementos considerados profanos no culto religioso, como meio de purificação da religião do povo, em segundo lugar, fazer com que o clero assuma a total direção das manifestações de culto e das associações religiosas” (AZZI, 1983;29). Dessa forma, a Igreja busca empreender mecanismos que conduzam a sociedade as diretrizes da Santa Sé.

À vista disso, os salesianos chegam a América do Sul, imbuídos das diretrizes romanas da Santa Sé, como é expressada na declaração do Padre Luís Lasagna, ao inaugurar o Colégio Pio em Montevidéu no Uruguai:

²⁵ Fonte: Arquivo da Biblioteca Pública Epifânio Dória (BPED).

Antes de empreender a viagem que nos trouxe a esta terra, fomos a Roma a prostra-nos aos pés do Santo Padre, o imortal Pio IX, que teve conosco palavras terníssimas de carinho e animação. [...] vos, trago da ínclita Roma, a todos os cidadãos desta República²⁶.

Os primeiros salesianos que chegam ao Brasil em 1882, buscam aplicar por meio de suas atividades a ótica romana. Todavia, na prática alguns obstáculos foram encontrados, como a falta de familiaridade dos brasileiros com o latim. Os salesianos foram pressionados, inúmeras vezes, em virtude da pronúncia romana do latim. Estes conflitos foram presentes durante diferentes momentos da implantação da Congregação Salesiana no Brasil. A inserção da Obra salesiana no Brasil, foi resultado da solicitação de bispos brasileiros e decisões dos superiores de Turim. Como também, da Cúria Romana e a Corte Imperial.

Entretanto, a justificativa encontrada para retirar da população autossuficiência no campo religioso, foi justamente o cenário de crise que se encontrava vários centros de devoção administrados por grupos de leigos. Sendo assim, surge a necessidade de substituição desses representantes leigos. Diante deste contexto, a maioria dos centros de devoção e confrarias serão entregues a responsabilidade de ordens religiosas trazidas da Europa, com o objetivo principal implantar no Brasil a mentalidade romanizadora.

1.4. DEVOÇÃO A NOSSA SENHORA AUXILIADORA E O PROCESSO DE ROMANIZAÇÃO

No plano externo à igreja, [...] Outra estratégia adotada com sucesso pelas autoridades eclesiásticas, como forma de permutar progressivamente o catolicismo „tradicional“ pelo catolicismo „renovado“, ou „romanizado“, consistia em substituir as devoções aos santos tradicionais, por outras devoções trazidas da Europa e popularizadas pelas novas congregações de clérigos regulares, especialmente „as devoções marianas e a devoção ao Sagrado Coração de Jesus“. [...] convém assinalar, finalmente que a reforma implantada pelos bispos brasileiros, em meados do século XIX, como o apoio de congregações europeias de clérigos regulares, tinha por principal objetivo dar uma nova orientação praticada pelo povo, com ênfase na vida sacramental (GUTTILLA, 2006, p. 60-62).

A disseminação da devoção a Nossa Senhora Auxiliadora parte, primordialmente, das atuações da Diocese de Aracaju em seu empenho de dar seguimento do Projeto de

²⁶ BELZA, Juan E. **Lasagna, el Obispo Misionero**. Buenos Aires: Editorial Don Bosco, 1970, p.80-81.

Romanização (ANDRADE, 2010). Os mecanismos, constatados no decorrer dos anos, se dão na acepção de dar subsídio às atividades fomentadas e cativadas pela Diocese de Aracaju.

Em outras palavras, pode-se afirmar que ela estava infundida pelo espírito romanizador (SANTOS, 2013). É questionador constatar, intensificando a natureza de uma devoção romanizadora, que a manifestação e representação de uma nova devoção foi responsável pela “aposentadoria” (MELLO, 2010) de outros santos, “(..) *antes de devoção popular*” (SANTOS, 2013). Tais fatos, permite pensar a Ordem Religiosa dos Salesianos como também a devoção à Nossa Senhora Auxiliadora.



Figura 3: Nossa Senhora Auxiliadora 1865, Basílica de Turim.

É bem verdade que outros tipos de Ordens Religiosas e Devoções poderiam ser aventados neste estudo, considerando a presença das etnias indígena e negra na gestação de Sergipe. Em que pese à extensão dessa empreitada e a hegemonia religiosa da Igreja Católica, nos limitaremos a este cenário, vista a carência de estudos sobre a Congregação Salesiana em Sergipe e a respeito do Catolicismo, como afirma Thales de Azevedo, “(...) *é praticamente impossível encontrar estudos que diretamente se ocupem de temas expressamente religiosos, desses numerosos e variados temas que a vida religiosa da nossa gente oferece*” (AZEVEDO, 2002:12).

Nota-se à luz das discussões de Roger Chartier (1990), Certeau (2010), Luca (2010) entre outros autores referenciados neste projeto, um aumento de campos de pesquisa, inaugura-se tendências na recente historiografia no mundo, sobretudo a partir da década de 80. Frente a esta ocasião, vários historiadores voltaram seu olhar historiográfico para estudos de caráter específicos, em aversão às obras generalizantes, e, ainda percebemos um crescimento da estima pelos estudos de História Cultural, os quais “(...) privilegiaram temas mais recentes da História, incluindo nesses trabalhos o uso de fontes anteriormente muito criticadas como fontes orais, audiovisuais, iconográficas, correspondências pessoais e outras” (BARROS, 2014:156).

O quadro historiográfico brasileiro se ampliou com as contribuições em torno de pesquisas e análises sobre aspectos institucionais, burocráticos, teológicos, formativos, estruturais e culturais, particularmente no que tange às devoções populares, tão combativas pela romanização católica verificada a partir da primeira metade do século XIX (OLIVEIRA, 1985).

Essa carência de pesquisas em torno da compreensão da religiosidade popular, sobretudo, sobre a relação de difusão de práticas devocionais (o culto a Nossa Senhora Auxiliadora) por meio de práticas educacionais (Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora), como é o caso da atuação da Ordem Salesiana.

A realidade dos educandários, ginásios e colégios eram um dos mecanismos utilizados pela Igreja Católica para fortalecer-se no tecido educacional. Era justamente por meio da educação, realidades e mentes poderiam moldados. Em todo início de ano, os colégios se preocupavam em publicar algumas notas a respeito do período para a realização das matrículas e início do período letivo, destaque em diferentes notas analisadas no jornal ‘A Cruzada’: o “Collegio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora”, que oferecia aulas facultativas de alemão, grego e italiano. O colégio se destacava pela grande atividade dos padres salesianos no meio estudantil, em particular no desenvolvimento da questão das artes e do esporte. (A Cruzada, 23/01/1954, p. 1). Colégios com direção católica possuía privilégios na publicação da Cruzada estabelecimentos como os Salesiano, Patrocínio de São José e Nossa Senhora de Lourdes.

Contudo, as notas da imprensa não se preocuparam apenas em informar sobre a realidade educacional, mas também abordava em suas páginas questões relativas a devoção a Nossa Senhora Auxiliadora. Essa devoção chegou a Sergipe no início do século XX, trazida

pelos Salesianos e não tardou para se incrustar na sociedade sergipana, não só por meio das práticas religiosas, mas também educacionais.

A Devoção a Nossa Senhora Auxiliadora por meio do campo educacional se configura como parte das ações da Diocese de Aracaju em seu esforço de continuidade do Projeto de Romanização, iniciado na segunda metade do século XIX em Sergipe. Foi essa relação entre a devoção a Nossa Senhora Auxiliadora e à Igreja Católica em Sergipe, o que mais nos chamou atenção, revelando uma força particular das devoções de cunho romanizador no Estado, despertando-nos o desejo de conhecê-la mais a fundo.

Dentro do contexto da instalação salesiana na vivência da sociedade sergipana, do cenário modernizador do início do século XX, da implementação da República e do decreto, no qual o Catolicismo deixa de ser religião oficial, impasses e dilemas se aproximaram do processo de reorganização da Igreja. Impactos sentidos pela “(...) *secularização dos cemitérios, que antes dependiam da Igreja; a instituição do registro de nascimento, que veio substituir a certidão de batismo; e a implantação do casamento civil*” (OLIVEIRA, 2005:42). Segundo Padre Rua (1890) o novo cenário desorienta os meios católicos mais elucidados, pois existia um temor que o sistema republicano seria inevitável à religião e a moral cristã. Já para alguns intelectuais da época, tal reviravolta concebia uma carta de liberdade, pois o regime do padroado, considerado um aprisionamento para muitos, chegara ao fim.

Com isso, para Luiz de Oliveira, historiador salesiano, o novo tecido moral e político exigia da Igreja uma atitude muito sensata. Seus aliados nesta empreitada seriam as Ordens Religiosas e Congregações estrangeiras. Determinada, a hierarquia eclesiástica estabelece um projeto político e pastoral definido, “(...) *que objetivava mudar a condição jurídica da Igreja e reconquistar os espaços perdidos por ela na sociedade*” (MARIN, 2001:152). A necessidade de uma medida prudente, apontava para a inclusão da estrutura hierárquica do Catolicismo brasileiro na estrutura burocrática investida em Roma pela Santa Sé.

Em Sergipe uma das medidas tomadas foi a implantação de novas devoções em substituição as de prática popular A Devoção à Nossa Senhora Auxiliadora, segundo uma entrevista feita ao Padre Alfredo Boldori, destaca o caráter romanizador e devocional à Nossa Senhora Auxiliadora, “(...) *a devoção a Maria Auxiliadora permitiu o abandono de algumas devoções que eram praticadas em Sergipe*”. O discurso do Padre possibilita que problematizar acerca das disputas simbólicas silenciosas que existiram em virtude da implantação de devoções de caráter romanizador.

Assim, o testemunho sem dúvida proporciona uma ampliação dos questionamentos, pensar o que seria autêntico/verídico, assim com reforça a importância da relação que existe entre a Testemunha e o Historiador (HARTOG, 2013). Para Alessandro Portelli (1997), “(...) a importância do testemunho oral pode se situar não em sua aderência ao fato, mas de preferência em seu afastamento dele, como imaginação, simbolismo e o desejo de emergir”.

A fonte oral possibilita pensar as subjetividades. Como o sentimento, de afirmar “eu faço parte da Associação de Maria Auxiliadora, sou devoto de Nossa Senhora Auxiliadora”, em nenhuma fonte pode-se visualizar o orgulho e alegria de fazer parte deste grupo como afirmou em suas palavras Pe. Alfredo. Tal Devoção se estabeleceu por meio do sistema educacional e foi um dos principais mecanismos do projeto romanizador, assim como também a História e a Memória Salesiana em Sergipe.

Segundo a professora Meire Botelho (2009), a devoção a Nossa Senhora Auxiliadora, é tão fortalecida entre os salesianos em virtude do seu fundador. Este teria sido responsável em vida, por motivar a propagação da devoção a Nossa Senhora. Para Dom Bosco, na congregação salesiana “Foi ela quem tudo fez”, isto é, Maria Auxiliadora seria a principal responsável pela origem e desenvolvimento da Pia Sociedade de São Francisco Sales.

II

DE ROMA PARA SERGIPE: IMPLANTAÇÃO E EVOLUÇÃO DA OBRA SALESIANA

A Congregação Salesiana tem suas raízes no século XIX como resposta de João Belchior Bosco aos obstáculos de um tempo de tensões econômicas, sociais, políticas e religiosas e que surgiram a partir da instabilidade e paulatina transformação do modo de produção. João Bosco deu respostas ao seu contexto histórico, sendo capaz, todavia de organizar princípios que transcenderam o seu tempo e que no tempo presente são utilizados por educadores que os adotam como instrumentos pedagógicos na formação de jovens confiados aos seus cuidados.

A chegada dos salesianos ao Brasil fazia parte de uma política concebida pelo papa Pio IX de reconquista do poder central da Santa Sé perpetuada e fortalecida por bispos reformadores de todo o mundo.

Desse modo, alguns parâmetros estruturaram esse processo de romanização: a afirmação de uma igreja institucional hierárquica que se impunha a todas as formas de catolicismo popular; o influência da doutrina, das instituições, do clero e mesmo do laicato; a vinculação da Igreja católica no Brasil a um clero estrangeiro europeu, sobretudo de ordens religiosas, para concretizar a mudança do catolicismo colonial para um catolicismo mais universalista, com incondicional rigidez doutrinária e moral; a determinação das decisões de Roma acima das instâncias locais e, por fim, “(...) a integração da igreja no plano institucional e ideológico nas estruturas altamente centralizadas e centralizadoras da cúria Roma” (AZZI, 1983; 27).

Os salesianos chegaram ao Brasil em 1882, durante o final do Império. Período marcado por expressivas transformações na sociedade brasileira. Os primeiros filhos de Dom Bosco ao se organizarem no território brasileiro, ficaram surpresos com a forma de propagar a fé católica e repreendiam a tradição religiosa leiga da população. Diante deste cenário, o projeto missionário dos salesianos trazia como finalidade fortalecer a fé dos brasileiros, libertando-os daquilo que era visto como ignorância e superstição.

Consequentemente, dispuseram-se a colaborar com os bispos reformadores brasileiros na tentativa de aprimorar a instrução catequética, suprimindo os elementos avaliados profanos nas devoções religiosas e fazendo com que o clero fossem os responsáveis pela orientação das manifestações de devoção e as associações religiosas. A principal motivação para a fundação da obra salesiana foi a necessidade de proporcionar uma educação religiosa à juventude desprovida e marginalizada.

Por meio da instrução e principalmente da formação profissional, almejaram proporcionar à juventude carente e desamparada, os instrumentos indispensáveis para o acesso ao mercado de trabalho. Embora, a Congregação Salesiana ter como identidade própria o ensino voltado a atender as camadas populares da sociedade, no Brasil assumem uma postura diferenciada, pois dedicam-se sobretudo à formação das elites. Muitos imigrantes, como alemães, japoneses e italianos, migraram para o Brasil, e por orientação do papado, os salesianos deveriam também dar amparo aos filhos dos imigrantes e ocupar-se da evangelização dos indígenas.

Uma das motivações que promoveu a vinda dos salesianos para o Brasil foi o conflito nas relações entre Igreja e Estado no período final do Império, provocando o fim do regime do Padroado, bem como a legislação que conferia a liberdade de culto, tornando a escola oficial laica. Essa determinação abriu espaço para que no campo educacional escolas laicas fossem constituídas, educandários sob a administração da maçonaria, assim como colégios confessionais geridos por protestantes.

No campo educacional eram bem acolhidos não só cristãos católicos, mas todos que apresentassem como desígnio proporcionar uma educação de qualidade. Frente a esse cenário, a proposta educativa da Congregação Salesiana vai ao encontro das aspirações do então imperador do Brasil, D. Pedro II, o qual era favorável a ordens religiosas ativas, voltadas para a questão do trabalho, da educação da juventude que trouxessem soluções ou amenizassem os problemas sociais emergentes (AZZI, 2000). Seguindo os exemplos e os

conselhos de Dom Bosco, os salesianos ao se estabelecerem no Brasil, aproximaram-se do poder público e evitavam questionar o governo.

Nos colégios estabelecidos e administrados por eles, instigavam nos alunos o respeito às autoridades; convidavam os homens públicos a apreciar suas obras, bem como a participar das comemorações realizadas. Ao mesmo tempo, que difundiam, por meio da imprensa, as atividades sociais e educativas, a fim de obter subsídios do Estado para execução e expansão da obra salesiana, mecanismo utilizado em diferentes periódicos do Estado de Sergipe, como em *à Cruzada*, *Diário Oficial de Sergipe* e *A Tebaidinha*.

As primeiras instituições educativas fundadas pelos salesianos apresentaram como particularidade o ensino profissional – conhecidos como educandários de “artes e ofícios” – e a população alcançada, nessa fase inicial, foi a juventude das camadas populares, postura assumida a exemplo da instalação desta congregação em Sergipe, os quais criaram a Escola Agrícola São José da Tebaída. Compete expor que as escolas profissionais estruturadas pelos salesianos, posteriormente foram chamadas de Liceus de Artes e Ofícios, seguindo a terminologia adotada antes da chegada dos mesmos ao Brasil.

Isto posto, as primeiras obras salesianas instaladas no país eram escolas de educação profissional e tinham por finalidade ensinar uma profissão ou ofício. Segundo Azzi, “(...) *tratava-se de oferecer aos rapazes de famílias pobres condições para prepararem-se, de forma adequada, para a inserção no mercado de trabalho na sociedade burguesa em formação*” (AZZI, 2000; 239), tornando-os qualificados e capazes de prover suas necessidades fundamentais.

O ensino profissional introduzido pelos salesianos não era algo novo no Brasil, uma vez que o governo ou estabelecimentos particulares em ocasião precedente à vinda dos salesianos já havia estabelecido Liceus de Artes e Ofícios em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo. Como ressalta Riolando Azzi, “(...) *na tradição luso-brasileira, o trabalho manual era considerado menos digno, sendo orientados para ele apenas os meninos das camadas pobres da população*” (AZZI, 2000; 219).

Existia ainda, no plano educacional de Dom Bosco, os desígnios morais, sociais e religiosos que era o de “(...) *evitar que esses jovens, marginalizados pela sociedade, passassem a atuar no submundo do crime e da imoralidade*” (AZZI, 2000; 222). Tal preocupação com os menores infratores permitiu a implantação de obras salesianas, uma vez que considerava que os educadores salesianos, por meio das escolas profissionais, e dos

oratórios festivos, pudessem colaborar para reduzir o problema da criminalidade na sociedade brasileira e sergipana.

Dessa maneira, inseridos no empreendimento de romanização, a Congregação Salesiana utilizou-se do universo educacional com o desígnio de educar a comunidade brasileira nos princípios e parâmetros da Igreja Católica Romana. A educação passou a ser utilizada como ferramenta de controle da população e garantia de que as futuras gerações professassem e protegessem a fé cristã. Porém, para compreender a existência e a promoção desta congregação no Brasil, é essencial conhecer alguns pontos sobre a sua fundação.

2.1. O FUNDADOR: UM CAMPONÊS COM CORAÇÃO DO FEUDO E A RAZÃO DA CIDADE – UMA VISÃO HISTÓRICA

Era uma tarde nevoenta do outono de 1841. Um jovem sacerdote de 26 anos, ordenado havia poucos meses, [...] começara seu trabalho reunindo meninos pobres, aos domingos para ocupá-los com jogos e aprender o catecismo (OLIVEIRA, 2005; 23).

A história de um fundador não pode ser separada do seu meio econômico, político e social. Por meio da memória deste sujeito histórico conhecido como, João Bosco ou Dom Bosco, principal fundador e idealizador da Pia Sociedade de São Francisco Sales, surge a necessidade de compreender a história deste homem e o contexto histórico vivenciado por ele.

Costuma-se intitular o contexto o qual alguma pessoa vive, de fundo histórico. Esta expressão, ainda que consagrada, é limitada pois passa a imagem de um fundo de cena que somente contextualiza o “ator”. Cada personagem histórico é fruto de seu meio, reagindo e interagindo a ele. A cultura é consequência do modo de produção das riquezas e dos meios de subsistência.

O homem, embora seja dotado de potenciais racionais e espirituais, tem como necessidade primordial a busca por conquistar suas exigências biológicas. A qual seria assegurar sua verdadeira riqueza que é o alimento. Todos os diversos subsídios culturais são adereços a essa precisão primária. Assegurada sua vida biológica o ser humano constitui a sociedade, as normas e as tradições em volta dos seus meios de subsistência. Quando a vivência social se tornou complexa, a luta pela sobrevivência ganha caráter de embates político, de poder e de status.

Dentro de um corpo social mais complexo, os mais adequados de acumular mecanismos de sobrevivência se estabelecem psicológica e materialmente, assumindo, por meio das riquezas conquistadas, sua competência não só de sobreviver, mas de se sobrepor sobre os outros numa visão darwiniana. Esta manifestação de força animal elementar insurge e está subjacente na maioria das formas de modos de produção, seja através da acumulação de metais preciosos, seja no capitalismo comercial ou industrial, divulgando assim, ainda que de forma subconsciente, a capacidade de sobrevivência dos mais adaptados. Essa “ (...) *desmistificação da globalidade do suceder social é desconcertante*” (PASSOS, 2011; 93), todavia real.

Nesse contexto, o modo de produção dos meios de subsistência foi determinante para a aparelhamento ideológico da sociedade em suas particularidades teóricas e eruditas. Consequentemente, lutas sociais e políticas em qualquer período da história, apesar de em seu ambiente existam idealistas que visivelmente transcendam a esse entusiasmo elementar, apresentarão essa premissa em suas raízes. De tal modo, os grandes conflitos ideológicos, políticos e sociais que ocorreram durante o século XIX, embora graciosamente etiquetados com as mais distintas e instruídas designações, terão na sua essência esses ânimos primários que tendem a definir as direções da história.

É neste cenário que estão inseridos os fundadores e, por mais espirituais que sejam seus ideais e suas concepções de mundo, no instante em que geram influências na sociedade, explícita ou de maneira implícita constituirão posturas dessas motivações primárias. Por causa disso pode-se compreender a hostilidade por parte dos detentores do poder a todo e qualquer organização que de alguma maneira fomenta modificações na sociedade. Qualquer um que assuma uma postura de reformador, sempre irá deparar-se a resistência dos senhores da conjuntura, seja ela religiosa, política ou econômica.

Com relação ao experimento fundante de João Bosco no século XIX, com base na lógica dos discursos anteriormente dispostos, não seria viável afirmar a presença de apenas um “*pano de fundo*” histórico-social, mas sobretudo de uma realidade econômico-social que lhe delineou a personalidade num momento de agitações e conflitos ideológicas quando se misturam, confundem e confrontam modos de produção contrários. O subsolo econômico deste século se mostra instável gerando tensões sociais. Em uma mesma faixa territorial estão presentes “(...) *relações campesinas oriundas da Idade Média, grupos de comerciantes e uma*

nascente classe industrial que se conflitam e antagonizam desestabilizando a um só tempo a igreja, reinos, feudos, manufaturas e trabalhadores”. (PASSOS, 2011; 61)

Para o homem humilde ou instruído desse tempo essas agitações econômicas e sociais eram de complexa concepção e assimilação já que remotos modelos eram abalados sem que os novos expusessem consistência persuasiva. O projeto formulado por João Bosco ao projetar-se para o mundo possui uma específica proposta educacional e religiosa. Perceber e compreender o perfil deste sujeito histórico significa nos apropriarmos do embasamento religioso e humano que contribuiu para à construção e difusão da pedagogia salesiana que, gerada no século XIX, se lançou para o século XX e procura estabelecer diálogo com o século XXI.

Compreender o homem e o seu lanço humano e cultural é apreender o modelo pedagógico de educação que propôs, procurando vislumbrar neste olhar sobre o passado aqueles fundamentos educacionais que transcendem tanto a mentalidade do fundador Dom Bosco, como a de sua época. João Bosco assistiu sua experiência pessoal se converter em experiência fundante. Ele é parte daquele “(...) *contingente de jovens que migraram, foram aprendizes e passaram necessidades*” (BRAIDO, 2008; 160).

Entretanto, na narrativa do mito fundacional salesiano essas experiências são contadas como singulares, grandiosas e épicas. A casa simples que habitava era como a de todos os camponeses. Porém, nas narrativas, sobre João Bosco, tende a ser apresentada como a mais pobre, a mais humilde e limitada que as outras. Segundo Dilson Passos (2011), “*a idealização exagerada distancia de tal forma a realidade vivida pelo fundador que seu ideal pode parecer também inexecutável porque demais desencarnado e idealizado*”. Dessa forma, compreende-se produção de bibliografias um tanto ufanistas sobre a origem desta congregação.

A trajetória de vida do fundador é semelhante a tantos outros homens da sua época. Há um momento, no entanto, em que, de alguma maneira, suas atuações se sobressaem das demais, primeiramente, por uma acanhada direção entre os seus, aos poucos começa a atrair seguidores, até que há o “*insight*” de que algo começa a ser distinto de outras obras e perspectivas.

Ao longo do desenvolvimento da obra Salesiana, João Bosco, toma consciência que algo de particular emana de sua vida, o que é estimulado e reafirmado por seus seguidores, ganhando estima para além do seu próprio grupo com o reconhecimento da sociedade da época. Uma aura o envolve começando a acreditar que tem uma missão, divina ou humana, de

caráter soteriológico²⁷ para a humanidade. Consciente ou inconscientemente começam a surgir mitos e idealizações a respeito do fundador e seu discípulo, desencarnando seus conhecimentos do cotidiano e do trivial ao dar-lhes um caráter que transcende a vida comum.

Dom Bosco que, como tantos homens do campo que residiam na região de Turim na Itália, do mesmo modo deixou o universo rural e passou a viver no meio urbano. Essa mudança não é tão somente espacial, mas, especialmente espiritual. Durante o século XIX ir para uma cidade durante o início do processo de industrialização, representava mais que viajar alguns quilômetros entre o mundo rural e o centro urbano, mas era percorrer o caminho de uma pequena viagem a barreira de vários séculos com a quebra de paradigmas religiosos, culturais e sociais.

A sua vida pessoal é como a de tantos jovens que se afastaram dos campos para se agregarem no espaço urbano-industrial que começa a se constituir em determinadas cidades da Itália, acreditando-se que nelas as possibilidades seriam melhores. João Bosco na cidade procura sua subsistência²⁸, e colocar em prática seu projeto missionário.

Dessa forma, para melhor compreender a história do fundador, é fundamental visualizar a situação da Itália no século XIX caracterizada por crises, conflitos, revoltas políticas, religiosas e sobretudo sociais. A região da Itália vivencia um cenário perturbado com o *Risorgimento*²⁹ com contestações à Igreja e ao sistema político vigente nos reinos. Nota-se que a partir da ótica liberal, “l’ancien regime”³⁰ revela-se atrasado e insuficiente para acatar às novas questões econômicas, políticas e sociais.

²⁷ Esse conceito representa a ideia de salvação humana, pensada dentro da doutrina do cristianismo, em relação ao relacionamento do homem em unidade com Deus.

²⁸ Camponeses alternam suas vidas entre as lidas do campo, os trabalhos nos celeiros e a frequência a vida religiosa. O Piemonte é uma região de significativa tradição religiosa e mística com a religião permeando toda a vida dos camponeses. A Igreja com seus capelães dá significado à vida e à morte, ao plantio e às colheitas. A liturgia dos templos se confunde e se mescla com o suceder das estações. João Bosco, adolescente e jovem, assistindo a desintegração dos estados papais, o avanço do liberalismo e os movimentos anticlericais, não deixa de descrever de forma idealizada a vida no campo regida pelas duras lidas do manejo da terra, mas adocicada pelo som dos campanários a lembrar a caducidade desta vida. Prevalecia aí o tempo de Deus e não o tempo dos homens, retratando quase de forma idílica esta sociedade com reis, trabalho e reza com o olhar sempre voltado para eternidade. Essa cosmovisão cristã impregnará alma de João Bosco por toda vida, mesmo depois que adentrando na cidade e se relacionando politicamente com os liberais, tenha assumido ações afinadas com o mundo urbano e industrial. Os ideais inculcados em sua educação no campo serão referências por toda sua vida, mesmo quando realize ações pragmáticas no mundo industrial que nasce. Cf. BOSCO, op. cit., p. 23-27.

²⁹ Giuseppe TALAMO (Org). **Gli Ideali del Risorgimento e dell’unità - Nel Primo centenario dell’Unità d’Italia**. Roma, Ente Nazionale Biblioteche Popolari e Scolastiche, 1961. p. 7

³⁰ Antigo regime

Os diversos reinos da Península Itálica encontravam-se enfraquecidos diante da nova realidade política que ambicionava se desvincular do legado medieval, quando se vislumbra uma pré-industrialização desenvolvendo um novo projeto de urbanização. “*Para o homem comum desta época parece reinar o caos ao sentir que antigas instituições eram abaladas por novas propostas que pareciam conter em si a desagregação e a instabilidade*” (PASSOS, 2011; 34).

É frente a essa conjuntura que emerge a personalidade de João Bosco, com seu entorno familiar, social e cultural. Ao chegar na cidade confronta sua formação cristã de matriz medieval com o pensamento liberal. Contudo, não abri mão de sua educação religiosa, dessa forma, constrói pontos de diálogo tanto com liberais, como junto aos anticlericais que vão adquirindo o domínio econômico e político do novo cenário do território italiano.

João Bosco esteve dividido entre uma religiosidade camponesa de procedência medievalista e a modernidade, frente a um novo mundo industrial que nasce com seus privilégios materiais e prejuízos sociais, com jovens marginalizados e abandonados, aos quais Dom Bosco busca acolher religiosa e socialmente, organizando uma pedagogia fundamentada “*(...) na bondade, no acolhimento, no espírito de família, na formação humana, cristã e profissional*” (PASSOS, 2011; 18). Sendo assim:

Num campo cultivado por gente trabalhadora e confiante na Providência, nascia um menino que nada sabia, assim como os seus, das grandes revoluções culturais e políticas pela liberdade em ato ou em gestação na Europa e das quais, mais tarde, não será apenas expectador. Tendo ficado órfão de pai com menos de 2 anos, no alvorecer da pré-adolescência acariciava o sonho de ser padre³¹.

Dom Bosco nasce na Itália em 1815 e ficou órfão de pai aos dois anos de idade. Educado por sua mãe Margarida, que por sua vez foi responsável por auxilia-lo também nos anos iniciais da criação dos Oratórios Festivos, dedicados a meninos carentes.

³¹ Cf. com algumas correções em J. Klein - E. Valentini, “Una rettificazione cronologica delle ‘Memorie di San Giovanni Bosco’”, Salesianum 17 (1955), p. 581-610.

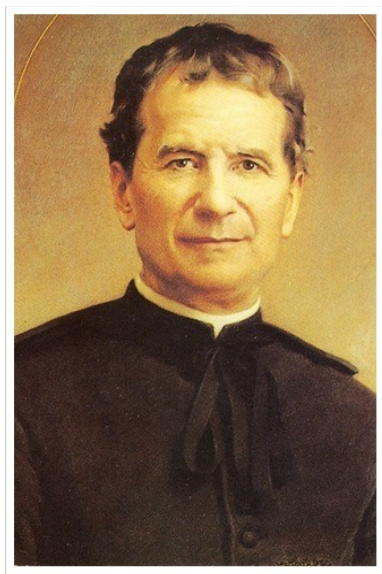


Figura 4: Dom Bosco³²

Desde criança, Dom Bosco almejava seguir uma vida sacerdotal. Como afirma padre Barberis: “*Recordo ter ouvido muitas vezes Dom Bosco dizer que ele sempre teve grande vontade de ser padre*”; confirmava padre Francesia: “*Desde criança, o Servo de Deus sentia propensão ao estado eclesiástico, e era esse o motivo pelo qual desejava estudar*”³³. Ordenado sacerdote em 1841, em Turim. Segundo Felipe Aquino (2009), “Dom Bosco entregou sua vida ao cuidado dos jovens; ele dizia: “basta que você seja jovem para que eu o ame”; e sabia educar todo tipo de jovem revoltado” (AQUINO, 2009; 05).

Recém-formado, Dom Bosco, começa seu projeto de evangelização. Gradualmente, vai visualizando o contexto social do “entorno miserável de Turim, sensibilizando-se com o grande número de crianças, adolescentes e jovens nas prisões, muitos deles condenados à forca” (PASSOS, 2011;35). Percebe que qualquer atuação nos ambientes prisionais seria somente uma medida paliativa a uma situação já sem solução de criminalidade. Compreende então, que se fazia indispensável pensar um mecanismo que evitasse que essa juventude marginalizada chegassem às cadeias.

Diante desse cenário, Dom Bosco, começa seu trabalho reunindo os meninos pobres e fundando o apostolado do Oratório Festivo. Isso é reforçado por Dilson Passos, segundo ele, os oratórios surgem com a finalidade do “(...) *ensino do catecismo e a criação de um ambiente recreativo saudável para adolescentes e jovens de famílias que frequentavam as*

³² Fonte: Disponível em: <<http://www.salesianos.br/wp-content/uploads/2017/01/Dom-Bosco-e-Nossa-Senhora.jpg>>. Acesso em 07/08/2017.

³³ Positio super introductione causae. Roma, Schola Typ. Salesiana 1907, p. 91 -99.

paróquias, mas se mostrava insuficiente para atender a vida concreta destes jovens” (PASSOS, 2011; 55).

A implantação de um Oratório Festivo³⁴ nos moldes de Dom Bosco versava em agrupar aos domingos e ocasiões festivas, “(...) *meninos pobres e abandonados em um lugar adequado, onde pudessem ocupar-se em jogos, diversões honestas e em seguida aproveitar a oportunidade para ensinar os rudimentos da fé cristã*” (AZZI, 1982;78). Por outro lado, pode-se afirmar que os Oratórios Festivos não se restringiram apenas a educação religiosa. “*Os oratórios hão [...] de formar meninos bem-educados que não desonrem seus pais nem seus mestres*”³⁵. Portanto, os Oratórios Festivos eram ambientes onde se “difundiam os ensinamentos da religião, do trabalho, dos valores morais e dos bons costumes” (BONIFÁCIO, 2011; 53).

Segundo Borges, “(...) *os Oratórios surgiram como uma rede de instituições adequadas aos tempos difíceis vividos pelos menores na Itália pós-revolucionária industrial*” (2006;03).

Durante a segunda metade do século XIX, na Itália, surgem diferentes conflitos entre o poder pontifício e o poder civil, os quais resultaram no desfavorecimento da Igreja com relação a instrução. As congregações religiosas da Europa, que eram as principais responsáveis pela educação, perderam não apenas esse privilégio, como ainda muito dos seus bens.

É em meio a esse panorama de mudanças, que o jovem João Bosco discerniu a urgência de transformação dos costumes dessa juventude de Turim, dessa maneira, o oratório serviria como um “(...) *meio de orientá-los, pois eram jovens que se envolviam com hábitos viciosos, que deturpavam a moral civil e cristã*” (BONIFÁCIO, 2011;53). Assim, o primeiro Oratório é criado, recebe o nome de Oratório Festivo de São Francisco de Sales, implantado com a finalidade de abrigar, evangelizar e formar.

O projeto tinha como princípios, civilizar a juventude para a religião e o trabalho. Porém, o método elaborado de interação com os jovens marginalizados, por ele reinterpretada, deve-se pautar com três motes fundamentais: “(...) *sua formação e experiência sacerdotal,*

³⁴Considera-se o termo “oratório festivo” não apenas como local de evangelização e socialização, mas principalmente, como uma prática – a prática oratoriana – que se desenvolve através de ações pedagógicas e romanizadas, tais como, jogos e brincadeiras, teatros, cantos, catequese, aprendizado religioso e moral”.

³⁵ Boletim Salesiano, ano VII, vol. II, nº 1, jan./1908, p. 686.

suas leituras sobre as teorias clássicas da educação que a época lhe proporcionou e pelas condições sociais daquele momento” (BONIFÁCIO, 2011; 54). Conforme Borges,

Dom Bosco entrou em contato com clássicos da educação de seu tempo e recorreu a reminiscências de educadores do passado, tais como Vitorino Da Feltre³⁶ (século XV) e Felipe Neri³⁷ (século XVI), respectivamente, educador leigo e sacerdote italianos. Esses precursores elaboraram – cada um a seu tempo – práticas educativas para atrair, satisfazer e educar as crianças, que além dos conhecimentos da educação intelectual e moral, executavam os exercícios corporais: a corrida, esgrima, natação, equitação, jogo de bola, passeios, música, brincadeiras (BORGES, 2006; 06).

Nota-se então, que Dom Bosco apropriou-se daqueles exemplos de educadores, para poder formular estratégias educativas, que futuramente ampliariam o ensino dos jovens de sua época. Com base nessas observações entende-se que Dom Bosco não é o responsável por conceber os Oratórios, como mecanismos de educação informal. Tendo em vista que, os “Oratórios” já eram presentes na Itália e na França desse período.

No entanto, o adjetivo “Festivo” foi elaborado por ele para distinguir dos outros já existentes. Consequentemente, buscou reestruturar, aperfeiçoou e “(...) *adaptou o modelo dos Oratórios existentes, através de seus estudos sobre educação e experiências que absorveu durante a prática do tirocínio realizado nas ruas, fábricas, bares e prisões*” (BONIFÁCIO, 2011; 55). Sobre isto, assinou Bourdieu,

(...) que a condição de acesso realmente produtivo é a capacidade que o homem tem de reproduzir ativamente os melhores produtos dos pensadores do passado, pondo a funcionar os instrumentos de produção que eles deixaram. Nunca se passa para além da história e da ciência do homem não poder pôr a si mesmo outro fim que não seja o de se reapropriar, pela tomada de consciência, da necessidade que está inscrita na história e, em particular de conferir a si mesmo o domínio teórico das condições históricas em que pode emergir necessidades trans-históricas (BOURDIEU, 2009; 63).

Diante dessa percepção, por meio da análise e da formulação de medidas pedagógicas, embasadas em seus precursores; o acesso as principais teorias pedagógicas elaboradas na época; os estudos de padrões educativos de diferentes ordens religiosas, como dos jesuítas e

³⁶ Vitorino Da Feltre, italiano, foi professor, pedagogo que viveu entre 1378 a 1446. De raízes cristãs, destacou-se como um dos mais prestigiados educadores do movimento renascentista da Itália.

³⁷ Felipe Neri nasceu na Itália, na cidade de Florença, conhecido como o padroeiro dos comediantes e humoristas. Em 1558, criou o Oratório na Igreja de São Girolamo da Caridade e para propagar esta obra com os jovens criou também a Congregação do Oratório.

lassaristas, João Bosco estruturou seu modelo educativo intitulado de “*Sistema Educativo de Dom Bosco ou Sistema Preventivo de Dom Bosco, que se baseia na razão, religião e amorevolezza (representada pela benevolência, amabilidade, alegria dos mestres e auxiliares)*” (BONIFÁCIO, 2011; 56).

Embora, os Oratórios Festivos não assumissem um perfil que visasse a escolarização, contribui de modo significativo para a ampliação da instrução dos valores católicos, e além disso favoreceu positivamente na socialização geral. A Congregação, por meio desta postura difundiu-se por diferentes países.

A respeito da sua metodologia educacional, enquanto fundador, não permitia nenhum tipo de castigos físicos, pois isso conduziria os jovens a se revoltarem. Dom Bosco conquistava os jovens pela alegria (BRAIDO, 2008; 35). Entretanto, no início o Oratório Festivo enfrentou muitas dificuldades financeiras e opiniões contrárias a suas metodologias. Sua pedagogia, baseada na alegria e no amor, tornou-se universal (RICARDO, 2014;02). O seu método preventivo (ao invés do repressivo), era uma metodologia aparentemente simples e dinâmica para a formação da juventude.

Dom Bosco, foi responsável por originar duas Congregações religiosas: os padres salesianos e as irmãs filhas de Maria Auxiliadora. Além disso, ficou conhecido pelos seus escritos, pela criação de escolas tipográficas, revistas e editoras para difundir a boa imprensa católica (AQUINO, 2009, 05). Desempenhou ação de mediador entre a Santa Sé e o governo da Itália na época.

Como educador, Dom Bosco enfrentou vários desafios e críticas. Para ele, “(...) *em uma boa educação jamais poderia faltar a formação religiosa, porque sem o auxílio da graça de Deus, o jovem não consegue vencer as paixões desordenadas da alma humana, o pecado*” (BOSCO, 2012;192).

Todavia, educadores contemporâneos de Dom Bosco, questionavam-se sobre como o mesmo fazia para ganhar para Deus tantos jovens rebeldes (AQUINO,2009;05). Segundo ele, não existia nenhum milagre. Como afirmar Dom Bosco ao Cardeal Tosti, em Roma, em 1858: “Veja, Eminência, é impossível educar bem a juventude se não se lhe conquista a confiança” (AQUINO,2009; 05).

No dia 31 de janeiro de 1888 morre o fundador da obra Salesiana, Dom Bosco. Entretanto, estabeleceu em vida um legado de três obras solidamente instituídas. Estas por sua vez são:

a) O Instituto ou Pia União de São Francisco de Sales (Salesianos), que se encarregou da educação de meninos (a esse ramo estava ligado à figura do Coadjutor que acompanhava os padres em suas missões); b) A Associação das Filhas de Maria Auxiliadora (FMA) instituída para cuidar da educação de meninas (nesse ramo inclui-se a figura das missionárias, mulheres formadas na religião que acompanhavam as freiras salesianas em suas missões); c) A Pia União dos Cooperadores e Cooperadoras Salesianas (os beneméritos de Dom Bosco), órgão ao qual estava ligado o Boletim Salesiano, periódico que tinha por função estimular, orientar e instruir o Cooperador em suas ações e obras de caridade em favor da Congregação como vimos anteriormente (BONIFÁCIO, 2011; 56).

Perante este êxito, a Congregação Salesiana, enquanto ferramenta educacional, chegou ao solo brasileiro com dois desígnios essenciais: para Dom Bosco os Salesianos viriam para o Brasil com o objetivo de acolher à população carente dos jovens, numa nação que vivia os iniciais passos do processo de industrialização.

Já para os bispos brasileiros serviria de fato, mais como um “braço da romanização iniciada por Pio IX, que buscava restabelecer a autoridade do papado sobre a Igreja do Brasil, enfraquecida no período imperial pelas práticas do padroado e beneplácito, por um clero iluminista, pelo liberalismo e positivismo” (BONIFÁCIO, 2011; 57) e por uma cultura religiosa popular à margem do domínio eclesiástico.

2.2. O TRANSPLANTE DA OBRA SALESIANA PARA O BRASIL - SUA MISSÃO CIVILIZATÓRIA

“Brasil, o imenso Império do Brasil, é o campo glorioso de trabalho que a Divina providência oferece agora aos Filhos de São Francisco de Sales. É a hora de eles premiarem, com zelo apostólico, seis anos de ansiosa espera e repetidas promessas”³⁸.

Nesse clima de anseio e júbilo, que em 14 de julho de 1883, aportavam no Rio de Janeiro os primeiros Salesianos.

³⁸ Fonte: Carta de Padre Lasagna para Dom Bosco: 24 de novembro de 1882.



Figura 5: Colégio de Santa Rosa – primeira instituição Salesiana no Brasil/RJ³⁹

Dom Bosco e a Ordem Salesiana tornaram-se conhecidos no Brasil, por meio dos jornais franceses, que circulam entre a sociedade. Mas também, por meio do Bispo do Rio de Janeiro, Dom Maria de Lacerda, que conheceu Dom Bosco pessoalmente, em uma peregrinação feita a Roma. Grande era o desejo por parte do Imperador, como ainda dos bispos, os quais viam nos salesianos uma forma de melhorar a situação religiosa do país.

A obra missionária da Congregação Salesiana tinha como finalidade principal a formação da juventude carente. Este objetivo tornou-se essencial para que os salesianos fossem tão solicitados pelo episcopado brasileiro, como é o caso de Dom Pedro Maria de Lacerda, bispo do Rio de Janeiro e Dom Macedo Costa, bispo da diocese do Pará, bem como os bispos de Pernambuco e o arcebispo de Salvador. Obstinação pedidos foram enviados a Congregação para que instituíssem estabelecimentos religiosos em seus Estados, pois, à época, a palavra de ordem era reestruturar a igreja católica, por diferentes causas, um deles foi em consequência do crescente avanço do protestantismo no solo brasileiro, como também a carência de sacerdotes qualificados para atuar no Brasil (AZZI, 2004; SANTOS, 2000).

Esse cenário de insegurança quanto a presença da religião protestante é reforçada no texto de Dom Macedo Costa, *Alguns pontos de reforma na Igreja do Brasil*, o qual ressalta no item VII, o bispo informa que, para dar andamento às determinações da Santa Sé, as congregações religiosas começariam a se implantar nos estados do Sul e Sudeste do país com o estabelecimento de instituições como colégios, oratórios, internatos e externatos, visando formar os filhos destas regiões segundo a moral cristã, com o propósito de defender a

³⁹Fonte: Disponível em: <<http://www.salesianoscooperadores.org/Fotos>>. Acesso em 07/08/2017.

sociedade da doutrina mais ameaçadora para a Igreja naquele momento –o protestantismo-, que se difundiu no Brasil no final do século XIX e início do XX.

Contudo, essa decisão a respeito da vinda e instalação dos Salesianos no Brasil, não dependia da vontade dos membros desta Congregação, muito menos dos bispos brasileiros. O local de instituição dependia da autorização do papa, o qual era responsável por definir quando e onde as congregações religiosas poderiam atuar. Primeiramente, a determinação do Papa para os Filhos de Dom Bosco atuarem no Brasil foi para estabelecer uma instituição educacional no estado do Rio de Janeiro e outra no Pará.

Em meados de 1882, momentos antes da chegada dos Salesianos ao Brasil, o padre Lasagna foi designado por Dom Bosco de fazer uma viagem de reconhecimento e análise de toda a extensão litorânea do território brasileiro, começando pelo Rio de Janeiro, posteriormente Salvador, Recife, São Luís e Manaus. Segundo o que foi escrito em “*carta-relatório enviada pelo padre ao seu superior, pressupõe-se que a ideia era de procurar possibilidades de expandir, criar institutos, orfanatos e asilos*” (BONIFÁCIO, 2011; 50). As palavras do padre Lasagna apontavam para a necessidade de criação de estabelecimentos voltados a atender as camadas mais necessitadas. A propósito da região do Rio de Janeiro, o sacerdote registrou na carta-relatório:

[...] a urgentíssima necessidade de institutos e escolas, onde pudessem ser educadas e instruídas, essas crianças que vagueavam, aos milhares pelas ruas e praças e com essa liberdade ora exposta a maiores perigos. De urgentíssima necessidade era um asilo para um grande número de meninos tornados órfãos durante a epidemia de febre amarela que vitimou seus pais. Como medida repressiva o governo de quando em quando, passava a rede, recolhendo os mais turbulentos e viciados que distribuía aos proprietários de grandes colônias agrícolas. Não raro, porém essas crianças ou porque maltratadas ou para esquivar-se às fadigas a que não estavam habituadas, fugiam desses centros, reaparecendo na Capital, nela perambulando até que a prisão ou a fossa do cemitério lhes desse novo abrigo (BOLETIM SALESIANO, 1933, p. 104).

Sob a ótica desse sacerdote em sua visita a algumas cidades brasileiras, visualizou contextos sociais muito parecidos, várias crianças abandonadas, crianças carentes, vagando pelas ruas e roubando. O padre aponta em seu relatório que episódios históricos, como: a promulgação da Lei do Ventre Livre, que tornou livres os filhos de escravos a partir de 28 de setembro de 1871 e, posteriormente, a abolição da escravatura, colaboraram para aumentar o número de jovens sem estudo e sem instrução moral, tornando-se uma ameaça para a sociedade e alvo fácil de manipulação. Lasagna evidenciou a urgência de ensinar e educar os

jovens que perambulavam pelas ruas e a falta de saneamento nas cidades, que desencadeou dificuldades sociais graves ao país causados por doenças, como é o caso da febre amarela. (BOLETIM SALESIANO, out./1902, p. 165).

A viagem de reconhecimento aponta para o fato que a Congregação Salesiana tinha um projeto de expansão, uma vez que, além de cumprir as determinações da Santa Sé, contribuindo com o plano fundamental de reconstrução e reestruturação da Igreja Católica, buscou garantir também seus próprios interesses. Dessa forma, com a autorização da Santa Sé e o apoio do bispo Dom Lacerda, em 1883, os salesianos criaram o Colégio de Santa Rosa, na cidade de Niterói no Rio de Janeiro. Segundo Mesquiatti, o bispo “ (...) *promoveu diversas campanhas para a construção do referido Colégio que de início dedicou-se, na quase sua totalidade, a instrução de artes e ofícios, destinando uma pequena parcela para instrução do ensino primário e secundário*” (MESQUIATTI, 2000; 114).

Os Salesianos chegam ao Brasil com o objetivo de colocar em prática seu carisma e sua pedagogia, fundamentada nos ensinamentos de Dom Bosco, isto é, na “(...) *razão, na religião e no carinho, para atender as necessidades de uma comunidade de jovens marginalizados, dedicando-se ao ensino primário e das artes, e, posteriormente do secundário*” (ALBUQUERQUE, 2014; 33). A Ordem Salesiana, era reconhecida como referência da renovação da educacional, em especial por se dedicarem a uma educação voltada para a sociedade carente.

Logo, investidos da “*gestão dos bens de salvação*” instituíram suas primeiras fundações no Brasil no ano de 1883, com a criação do Colégio Santa Rosa, em Niterói, no Rio de Janeiro, e ainda o Liceu Coração de Jesus em São Paulo em 1885, ambos voltados para a formação masculina. Já na região Nordeste, instalaram o Colégio Salesiano de Artes e Ofícios do Sagrado Coração, estabelecido no Recife em 1895, proposto a meninos órfãos e abandonados.

O trabalho salesiano expandiu-se por diferentes regiões brasileiras, criando-se inspetorias que congregam, hoje, em vários estados brasileiros, segundo evidencia o *Quadro I*:

QUADRO I
INSPETORIAS SALESIANAS NO BRASIL

Inspetorias	Início das Atividades	Unidades da Federação
-------------	-----------------------	-----------------------

ISJB - Inspetoria São João Bosco	1883	Distrito Federal, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Goiás
MSMT – Missão Salesiana de Mato Grosso	1894	Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Oeste de São Paulo
Inspetoria Salesiana Nossa Senhora Auxiliadora	1896	São Paulo
Inspetoria Salesiana São Pio X	1901	Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina
Inspetoria Salesiana São Luís Gonzaga	1902	Alagoas, Bahia, Ceará, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Sergipe
ISMA – Inspetoria Salesiana Missionária da Amazônia	1921	Pará, Amazonas, Rondônia

Fonte: Elaborado pela autora com base em dados publicados em Salesianos – Revista da União pela Vida – Ação Conjunta da Sociedade e Salesianos, 1999.

O *quadro I*, demonstra que desde a chegada dos Salesianos ao Brasil, apesar dos obstáculos para sua afirmação, rapidamente está foi difundida por variadas regiões. Esse rápido crescimento se deve ao fato, de desde o início esses religiosos apresentarem posturas coniventes com a modernidade, isso facilitou ainda mais a aceitação desta ordem pela sociedade.

Por outro lado, a Casa Salesiana dedicada a educação feminina, foi criada em Guaratinguetá/São Paulo, o Colégio Nossa Senhora do Carmo em 1892, proporcionando internato, externato, cursos primário e profissional e escola noturna gratuita. A primeira casa do Nordeste para meninas foi o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora instalado em Petrolina/PE em 1926. Em Sergipe, a primeira obra Salesiana também acolheu meninos pobres na Escola Agrícola “São José” implantada em 1902, num lugar conhecido como “Tebaida”.

Nessa perspectiva, almejando implantar um ensino e educação aos jovens mais necessitados e abandonados, os Salesianos estabelecem os Oratórios, que conforme Riolando Azzi, funcionavam como um ponto chave, que nortearia a obra de Dom Bosco, destacando-se como organismos complementares da instituição. Cabe destacar, porém, que os oratórios eram vistos como a mola propulsora da ação salesiana, uma vez que, a partir deles “(...) *criava-se na localidade ou cidade um ambiente favorável à implantação progressiva das outras atividades*” (AZZI, 2000; 12). O objetivo era criar um ambiente adequado - espaçoso e alegre -, uma quantidade razoável de jovens interagindo entre os rituais católicos e práticas festivas.

A pedagogia lúdica realizada pelos sacerdotes com a interação dos estudantes organizadamente, era a estratégia utilizada para atrair os jovens e motivar a constância das crianças nas atividades. Por esse ângulo, essa postura particular de aprendizado informal de instrução fazia parte do “*projeto de expansão salesiano*”. A disposição de um Oratório Festivo “(...) *dispensava pouco investimento financeiro, além de tornar-se um meio de ‘sondagem’ para interpretar o tipo de clientela específica a ser estabelecida numa localidade*” (BONIFÁCIO, 2011; 30).

A atuação da Congregação Salesiana através dos oratórios, era vista com bons olhos pelas autoridades locais, que até financiavam seu andamento, pois enxergavam nela uma possibilidade de reduzir o problema da marginalidade. Sob outra perspectiva, a aprendizagem de uma “*arte ou ofício*”, disponibilizada aos adolescentes das classes populares, permitia o ensino profissional, a admissão no mercado de trabalho e o desenvolvimento irrestrito da juventude.

O local, a forma que era organizado e os ambientes de atuação das obras salesiana manifestam a identidade da presença salesiana. Como destaca Castro: “*A identidade salesiana concretiza-se pela vivência: da espiritualidade salesiana, do Sistema Preventivo, da tradição salesiana, da missão própria da congregação e da reflexão sobre a vida e a ação de Dom Bosco*” (CASTRO, 2007; 12).

Deste modo, as relações entre as pessoas, o ambiente físico, as ações pedagógicas ou não, deviam estar estruturadas de acordo com as características do espírito salesiano. E as atividades realizadas pelos salesianos eram elaboradas com base na realidade do ambiente o qual se formaram, bem como o momento. Isto é, as necessidades históricas determinaram as atividades realizadas sendo que os principais objetivos eram: o ensino, a promoção humana e a evangelização.

O conceito principal de educação para Dom Bosco era a de “formar bons cristãos e honestos cidadãos”. Para ele, o Sistema Preventivo não se confunde com método de ensino, mas trata-se de valores a serem compartilhados. Com base nos documentos da Congregação Salesiana, a preocupação do fundador era a de fazer o bem as crianças desprovidas do seu tempo. Deixou como legado à educação salesiana, o Sistema Preventivo baseado em três fundamentos: Razão, Religião e *Amorevolezza*.

Contudo, o princípio de *amorevolezza*, não pode ser traduzido para o português, para Bianco, esse termo *significa afeto, bondade, carinho, cordialidade, fineza, ternura* (BIANCO,

1987; 13). Assim, dentro do projeto salesiano de educação, buscava-se educar de forma integral os jovens de maneira a prevenir e não reprimir as ações destes, pois para Dom Bosco a juventude deveria ser formada fundamentando-se então na Razão, na Religião, e na *Amorevolezza*.

Esses fundamentos que podem ser ressaltados tanto nas atividades desenvolvidas nos oratórios festivos pelos jovens, como ainda nas instituições profissionais. Pois, tinham como objetivo ocupar e controlar o tempo livre dos jovens, procurando distanciá-los daquilo que pudesse corrompê-los e imprimindo neles um exemplo de civilidade urbana, além disso almejavam eliminar os hábitos rurais e ensinar uma profissão.

Dom Bosco em seu Sistema de ensino tinha dois propósitos: primeiro, a 'salvação das almas', em outras palavras, havia uma preocupação com a dimensão religiosa da juventude com o qual se relacionava e segundo a 'formação do bom cidadão'. Dessa forma, a propagação do bem numa instituição educacional devia basear-se na afetividade e na familiaridade entre professores e alunos.

A instalação da Congregação Salesiana no Brasil, assim como a desenvolvimento de suas obras missionárias, estão inseridas dentro do contexto de ambições do Império e do grupo liberal que se estabeleceu com a implantação do sistema político republicano. Os núcleos familiares apresentavam interesse na formação cristã e esperavam que a Igreja, representada pelos Colégios, possibilitaria uma instrução adequada a seus filhos, tendo como princípios a civilidade, o respeito à Pátria e o desenvolvimento integral do cidadão. Meschiatti destaca que, os centros educacionais católicos “(...) eram a garantia de que novas gerações crescessem em ambiente de fé cristã-católica, que fossem educados por professores que tivessem princípios cristãos, formando pessoas que fossem, mais tardes, escudeiros” da religião cristã (MESCHIATTI, 2000; 30)

2.3. A EXPANSÃO SALESIANA EM SERGIPE: LUGARES DE ATUAÇÃO E FORMAS DE EDUCAR

“Envio-lhe uma cartinha do nosso Exmº Prelado, rogando-lhe fça o possível para satisfazê-lo, no pedido que faz de abrir uma colônia Agrícola [...]. Faz poucos dias, devido aos insistentes pedidos do Presidente do Governo do Estado de Sergipe e de S. Ex. o Arcebispo me dirigi para o local para tratar e referir. O presidente-governador de Sergipe é padre, se mandato termina

em 1902, e deseja antes de deixar o poder, abrir a colônia dando-lhes tudo quanto for necessário” (Pe. Della Valle, 1901)⁴⁰.

A instauração da Congregação Salesiana em Sergipe teve como alavanca primordial o Presidente do Estado, na época Monsenhor Olímpio de Souza Campos⁴¹ um dos sacerdotes e políticos mais célebres do seu Estado. Outra insistência importante partiu, de Dom Jerônimo Thomé da Silva⁴² (1849-1924) Arcebispo da Bahia e Primaz do Brasil. O qual desejava também levar a instalação dos Salesianos ao Norte de sua Arquidiocese. Sergipe foi o terceiro Estado da região nordeste a acolher a missão salesiana, constituindo o ensino agrícola a modalidade fundamental.

A ideia de fundar no território sergipano uma escola agrícola, estava ligada principalmente aos interesses de Olímpio Campos pois, neste contexto: em Sergipe predominava a exploração agrícola do algodão, coco, e se desenvolvem as usinas de açúcar⁴³. Nesta mensagem apresentada à Assembleia Legislativa pelo governador do Estado, evidenciase a preocupação por parte deste com as atividades agrícolas, em virtude destas fábricas não possuírem uma qualificação adequada. Dessa forma, a instalação dos Salesianos proporcionaria solucionar a carência de profissionais preparados no Estado.

Refletir sobre os sujeitos da história na contemporaneidade é também refletir sobre o cotidiano, pois reflexões sobre a vida cotidiana sempre remetem às pessoas que a vivenciam e que, a depender das concepções historiográficas, são pelos historiadores considerados (ou não) sujeitos significativos no movimento da história. A respeito da implantação da Obra Salesiana em Sergipe, é fundamental compreender um Sujeito, com base no seu contexto histórico e seus objetivos. O que motivou Olímpio Campos a insistir na vida dos Filhos de Dom Bosco para Sergipe? Seria uma motivação cristã? Ou uma motivação política econômica? Ocorre que a benemérita instituição nascera em meio às rotineiras disputas científicas, religiosas, da primeira década do século XX, não estando imune às refregas da política.

⁴⁰ Relatório de Pe. Della Valle enviado a Turim. Fonte: **Termo de Inauguração da Escola Agrícola “S. José”, fundada no sítio Thebaída**. Acervo do Arquivo do Colégio Salesiano de Aracaju. 1902.

⁴¹ Figura ilustre da História de Sergipe, jornalista, professor e sacerdote Monsenhor Olympio de Souza Campos, cuja personalidade política ganhou destaque em todo território nacional, principalmente como deputado federal, presidente do Estado e senador, até meados de 1906 – ano do seu falecimento. Primordial responsável pela vinda da Ordem Salesiana para Sergipe.

⁴² Foi um bispo católico brasileiro. O décimo primeiro bispo de Belém do Pará e vigésimo-primeiro arcebispo de Salvador. Nomeado bispo do Pará pelo papa Leão XIII em 1890.

⁴³ Fonte: Mensagem de Olímpio Campos à Assembleia Legislativa. In: **Memória histórica da Indústria Sergipana** – Instituto Euvaldo Lodi, SENAI, 2001.



Figura 6: Monsenhor Olímpio Campos 1853-1906⁴⁴

As negociações tiveram início por volta de 1901, e se estenderam até 1902 entre o arcebispo do estado baiano Dom Jerônimo, o inspetor salesiano, Lourenço Giordano e o então presidente do Estado de Sergipe, Olympio Campos. Cada um buscava assegurar seus próprios interesses quando se trata da fundação da obra salesiana em Sergipe, predominando o comum desejo entre eles de ampliar a área de propagação dos princípios católicos na região. Para Dom Jerônimo, *“a iniciativa mostrava-se viável, pois, Sergipe fazia parte de sua circunscrição eclesiástica” e, naquele momento, a presença salesiana se configuraria num reforço a mais à doutrina católica*” (BONIFÁCIO, 2011; 56).

Em 19 de março de 1902 a Escola Agrícola Salesiana São José foi inaugurada. Que por sua vez era a primeira instituição de ensino Agrícola a funcionar em Sergipe na época (MALTA, 2014; NASCIMENTO, 2004). À vista disso, a escola foi fundada com duas sessões: casa de formação (aspirantado e noviciado) e escola agrícola.

A ação dos salesianos se voltaria sobretudo para as crianças carentes, essa postura representava uma ampliação do número de católicos, uma vez que, em Sergipe outras ordens e instituições católicas existiam e dedicavam-se a formação feminina, todavia, uma congregação dedicada a formar meninos não existia, assim sendo, a fundação supriria esta carência, fornecendo além disso uma região desprovida de sacerdotes.

⁴⁴ **Fonte:** Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.

Segundo o inspetor salesiano Giordano, Sergipe seria mais um lugar de ação no sentido de expandir a missão salesiana e, logo, ampliar o patrimônio Salesiano. Já para monsenhor Olympio Campos tornava-se apropriado introduzir a instrução católica no local, bem como porque “(...) a terra da Tebaida” por ele oferecida aos salesianos “era de sua propriedade” (NASCIMENTO, 2004; 74). Tendo em vista que para Olympio Campos, a venda dessa propriedade seria uma oportunidade, pois o seu mandato acabaria em 1902, e então o dinheiro da compra da terra seria ofertado pelo governo estadual aos filhos de Dom Bosco, e depois destinado ao monsenhor.

Entre 1903 e 1904, a missão salesiana em solo sergipano demonstrava todo vigor. A seção de aspirantes estava muito movimentada com sua banda de música, seus passeios, teatro, atividades esportivas, as quais faziam exhibições em São Cristóvão, Boquim, Estância, Riachão e Itabaiana.

Por outro lado, o desenvolvimento do projeto Salesiano buscava contribuir para alcançar um objetivo comum em torno do projeto de reestruturação da Igreja Católica. A disposição da obra dos salesianos representava uma estratégia da Igreja no espaço religioso local para concorrer com a atuação protestante, que estava se expandindo pela região. O sacerdote Giordano, quando realiza o pedido ao reitor mor, Dom Miguel Rua⁴⁵, para a autorização da abertura da casa em Sergipe, empregou a seguinte justificativa:

É sua intenção - do monsenhor Olímpio Campos, presidente do Estado sergipano - que se abra um Colégio para rapazes e moças na cidade vizinha à Colônia [em Aracaju]. Em todo o Estado de Sergipe só há Colégios para rapazes e moças dirigidos por protestantes (SILVA, 2000; 305).

Nota-se que o argumento utilizado pelo padre salesiano, está relacionado com a presença protestante na região, como também sua ação voltada ao ensino da juventude sergipana. A conjuntura tornava-se inquietante para a Igreja católica porque os protestantes presbiterianos estavam atuando em Sergipe desde meados do século XIX, cultivando estabelecimentos dedicado a um “(...) projeto educacional presbiteriano proposto em todo país que previa a instalação de uma escola logo após a organização de uma Igreja, e a Província de Sergipe não fugiu à regra” (NASCIMENTO, 2004; 201).

⁴⁵ Padre Miguel Rúa, foi um religioso e pedagogo italiano. Responsável por dirigir a congregação Salesiana. Morre em 1910, aos 73 anos de idade, a Sociedade havia passado de 773 para 4 000 salesianos, de 57 para 345 comunidades e de 6 para 34 estados em 33 países do mundo. Foi beatificado pelo Papa Paulo VI.

Em seu projeto educacional, os presbiterianos proporcionavam educação primária, secundária e catecismo aos domingos a qualquer jovem que tivesse desejo e interesse de participar, sem fazer distinção referente a religião ou mesmo sexo; recebiam meninos e meninas, presbiterianos ou não, operando ainda na formação religiosa e instrução de adultos.

A missão presbiteriana que atuava em Sergipe estava inserida em um projeto missionário, conhecido por Missão do Brasil Central, que abrangia os estados tanto da Bahia quanto de Sergipe. Segundo Alderi Souza (2004) os protestantes optaram por atuar no território baiano em virtude da importância de Salvador perante o território brasileiro e por existir uma numerosa colônia anglo-saxônica com ideais protestantes no estado. Sergipe foi incluído no território da Missão do Brasil Central, já que, por ser vizinho da Bahia, servia de “*cidade ponte*” (NASCIMENTO, 2004), interligando Salvador a outros estados do Nordeste e interagindo especialmente, pelo interior brasileiro. Matos (2004) ressalta que as práticas do grupo protestante estavam voltadas para:

[...] os presbiterianos plantaram igrejas, fundaram escolas e criaram instituições sociais (tais como orfanatos e hospitais), expressando sua cosmovisão abrangente, que procurava relacionar a fé com todas as dimensões da vida, e uma preocupação com a promoção integral do ser humano, em todas as suas necessidades e relacionamentos. (MATOS, 2004, p. 23).

Compreende-se que a atuação presbiteriana neste período já possuía de certa forma uma estrutura organizada e um plano de ação que os fortalecia no contexto religioso. Em Sergipe, poucos anos após inaugurarem a igreja, em 1886, fundaram em Laranjeiras a Escola Americana.

A propósito das medidas utilizadas pela evangelização no Estado no início do século XX, percebe-se, que tanto os presbiterianos quanto os batistas – responsáveis por criar da primeira igreja em Aracaju (1913) – atuaram em diferentes ambientes de Sergipe. Pois, a presença de congregações evangélicas em alguns povoados era frequente, com o objetivo de proclamar o Evangelho e formar jovens e adultos. “*Aracaju, Estância, Umbutinga, Riachão, Simão Dias, Boquim, Entre Rios no município de Campos, Pau Grande povoado do município de Santa Luzia, Umbaúba, Itabaiana, Vila de São Paulo*” (MACHADO, 1920; 212).

A difusão da presença do protestantismo em algumas cidades sergipanas, ressaltava ainda mais a carência de padres católicos, sobretudo no interior sergipano, tornava-se para a

Igreja um grande obstáculo, já que era “*nesses espaços vazios e longínquos que a doutrina protestante encontrava uma “brecha” para operar e se desenvolver, podendo se alastrar para outros estados, como ocorreu entre Pernambuco, Bahia, Sergipe e estados vizinhos*” (BONIFÁCIO, 2011; 45).

De tal modo, compreende-se que a intenção dos filhos de Dom Bosco no território sergipano era ao mesmo tempo impedir a frequente promoção da ação protestante que se ampliava. Assim o acordo estratégico estabelecido entre os membros da Igreja, e pela Congregação Salesiana, era que os clérigos salesianos atuassem no contexto religioso, realizando em Sergipe práticas sacramentais, tais como: *missas diárias, casamentos, comunhões, batismos, crismas, procissões, entre outros* (BONIFÁCIO, 2011;47). Respectivamente, almejavam que eles operassem no campo educacional, proporcionando instrução formal e religiosa para jovens ricos e desprovidos.

É possível pensar que a influência e difusão do protestantismo, como também a ausência de uma quantidade considerável de padres qualificados para o exercício das atividades sacerdotais, foram motivos que proporcionaram a entrada dos salesianos em Sergipe. Entretanto, o que motivou a escolha da criação de uma escola agrícola e não outro tipo de instituição?

O estado de Sergipe neste contexto, possuía uma economia baseada predominantemente na agricultura, não apenas da cana de açúcar, mas também de outros produtos, como o algodão. Conforme Iberê Dantas (2004),

Em Sergipe, o açúcar e, num segundo plano, o algodão eram os elementos mais importantes da economia, integrados no modelo agroexportador, sob a predominância do capitalismo mercantil. Mas, a pecuária junto com as culturas de subsistência também ocupava espaço relevante, principalmente no agreste e no sertão (DANTAS, 2004; 46-47).

A escola agrícola Salesiana São José estava situada numa região conhecida como “Thebaida”, na cidade de São Cristóvão, com cerca de 1400 hectares, e medindo 7 km x 2 km, já cultivada e pronta para utilizar (SILVA, 2000; 303). O local é descrito em uma Carta do padre Della Valle endereçada ao padre Rua, na qual ele destaca que:

É um terreno de aproximadamente 1400 hectares. Nele se encontram mais de 100 casas pequenas para colonos, 2 grandes depósitos para as colheitas, 13 casas pequenas para os salesianos e alunos, que começariam a colônia. Além disso é irrigado por vários regatos e por um rio navegável, [...]. Tem grandes

terrenos para plantações e mais um grande terreno onde se pode criar 500 cabeças de boi [...] (DELLA VALLE, 1901)⁴⁶

Dois sacerdotes salesianos foram encaminhados do estado de Pernambuco para operarem na Escola Agrícola Salesiana “São José”, um atuaria como diretor, o padre Luiz Pasquale⁴⁷, e o outro como auxiliar, Henrique Valli. A região da Thebaida estava localizada entre São Cristóvão e Aracaju, numa localidade próxima os municípios cuja economia baseava-se no cultivo da cana-de-açúcar e onde havia amplo número de engenhos. Conhecida com a região do Vale do Cotinguiba. O vale era formado por cidades nas quais existiam rios e porto para escoar produtos de exportação, exceto as cidades de Estância e Lagarto, que estavam muito distantes da Thebaida e não faziam parte da região do vale. Apesar disso, eram cidades bem-sucedidas, que colaboraram para o desenvolvimento econômico de Sergipe, tanto com a produção da cana e de outros tipos de lavoura, quanto com a criação de animais, e, deste modo, careciam do mesmo modo de mão-de-obra qualificada.

O plano de ação da Congregação Salesiana era instalar uma instituição segundo a necessidade econômica do local (AZZI, 2004). Frente a este cenário, era justamente a cultivo agrícola que sustentava a economia sergipana, a Escola Agrícola São José foi o estabelecimento ideal a ser instalado em Sergipe primeiramente.

O desenvolvimento da Escola Agrícola destacou-se em virtude da promoção de atividades como drenagem do solo, *irrigação, adubamento do terreno*, dentre outros trabalhos agrícolas (OLIVEIRA, 2005; 141). Essas atividades começaram a atrair os olhares de jovens que desejavam ingressar nesse projeto educacional.

Os alunos que cursavam as escolas profissionais da Congregação eram conhecidos como aprendizes. Essa denominação era aplicada a todos àqueles que estudavam uma arte, um ofício; eram meninos carentes e abandonados. Contudo, os educandos internos aprendizes que iniciaram na Escola Agrícola Salesiana São José eram, muitos deles, filhos de colonos da região vizinhas (Crônica da Escola Agrícola São José, 1910). Os jovens que participavam e apreendiam nesta instituição eram habilitados para a profissão da lavoura. Além de aprender o manejo da agricultura, eles “ (...) *recebiam aula de português, aritmética, história do Brasil, geografia, agricultura teórica, escrituração mercantil, e instrução moral e cristã*” (SILVA, 2000; 310).

A teoria era transmitida por meio da utilização do livro *Lições Populares de Agricultura*, elaborado pelo sacerdote salesiano Lourenço Giordano. Já o aprendizado prático

⁴⁶ Carta Della Valle – Rua, Bahia, 22/07/1901. ACSSC;155,25.

⁴⁷ Técnico agrícola formado na Escola Agrícola de Navarre, na França.

era realizado todos os dias (Crônica da Escola Agrícola São José, 1907), com a finalidade de capacitar os estudantes para o exercício de um afazer particular – o agrícola. Conforme pode ser observado na imagem acima, a qual apresenta os jovens aprendizes numa plantação de cana da Escola São José, executando uma das fases da prática, o momento da colheita da cana. O livro instruía diferentes técnicas de manejo para vários tipos de cultivos, favorecendo o aprendizado do aluno, qualificando-o.

Apesar do seu crescente desenvolvimento, a Escola Agrícola não possuía condições suficientes para manter-se sem o apoio ofertado pelo estado no valor de 20:000\$000 - vinte contos de réis- que a Congregação recebeu normalmente entre 1902 e 1906. Todavia, com a morte de monsenhor Olímpio Campos, os salesianos passam a não receber os subsídios garantidos pelo governo, isso conduziu ao aparecimento de problemas financeiros, sobretudo porque essa verba foi sendo diminuída ano após ano, chegando em 1909 ao valor de 10:000\$000” (SILVA, 2000; 316).

Os salesianos, por volta de 1912, ganhavam do Estado um subsídio de 6:000\$000 contos de réis, apesar disso não embolsavam o valor estipulado totalmente, esse fato conduziu o padre Giordano, a enviar um requerimento solicitando ao governo estadual que pagasse as subvenções atrasadas a que a instituição tinha direito. Contexto que pode ser visualizado em uma nota do jornal O Estado de Sergipe:

Padre Lourenço Giordano, Diretor da Escola Agrícola S. José “Tebaida” – pedindo se digne lhe mandar pagar a quantia de RS. 1:500\$000, a quarta parte dos 6:000\$000 a que tem direito aquella escola, referente aos meses de Julho e Agosto do corrente ano – Informe o Tesouro. (O Estado de Sergipe, anno XIV, 30 de nov/1912, nº 3996, p. 01).

Diante destes problemas financeiros, a Escola Agrícola não proporcionou o progresso aguardado pelos salesianos, quando começou a sentir dificuldades de funcionamento pela falta de ajuda financeira. Tais adversidades em virtude do financiamento da escola podem ser atribuídos a dois aspectos: *“redução das subvenções; e falta de colaboração (cooperação salesiana) por parte da sociedade local”* (BONIFÁCIO, 2011; 48).

A congregação sem auxílio financeiro, sem ajuda da sociedade, e com um número reduzido de educandos a cada semestre, a instituição foi conduzida a decadência e exibindo dificuldades estruturais, como a deterioração das moradias, causada pelo tempo e pela falta de manutenção; *“o ataque de formigas que arruinavam os campos; problemas sanitários e*

mosquitos transmissores de sezão, que causavam muitas enfermidades, tais como, a febre amarela e a febre palustre” (SILVA, 2000; 120).

Com o objetivo de manter-se em funcionamento, buscou-se promover atividades variadas com a finalidade de amenizar os problemas financeiros. Loterias, bingos, atividades musicais e peças teatrais apresentadas na instituição ou fora dela. Além destas, uma outra atividade desenvolvida merece destaque, como a prática realizada por alguns benevolentes devotos de Nossa Senhora Auxiliadora, quando recebiam uma graça da santa enviavam para a Escola Agrícola Salesiana uma quantia em dinheiro ou produtos alimentícios. Essa ferramenta, fortaleceu a propagação da Devoção a Nossa Senhora Auxiliadora pela presente região.

Além dessas medidas, a instituição contava ainda com o dinheiro arrecadado nas missas diárias, todavia, as celebrações reuniam uma quantidade reduzida de participantes, na maioria das vezes pessoas desprovidas locais. De tal modo, as poucas pessoas que frequentavam não possuíam dinheiro para doar ou doavam muito pouco (Crônica da Escola Agrícola São José, 1907, p. 2).

Contudo, algumas outras posturas foram assumidas pelos padres salesianos, como é o caso da criação de uma seção de ensino secundário para alunos pagantes que aconteceu no ano de 1909, com o nome de Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. O Colégio teve início com apenas três alunos e concluiu o ano com cinco. Este foi o argumento utilizado pelos padres salesianos para justificar a *“presença de estudantes pagantes numa instituição dedicada a meninos pobres e abandonados”* (Crônica da Escola Agrícola São José, 1909, p. 14).

A Escola Agrícola promoveu assim o ensino secundário com aulas para alunos e aprendizes de forma separada. Aulas *práticas e teóricas para aprendizes, e estudos científicos para os estudantes* (BONIFÁCIO, 2011; 60). Porém, os estudantes foram transferidos para o colégio constituído em Aracaju em 1911, em virtude do surgimento de problemas estruturais, na localidade em que as aulas eram ministradas.

Observa-se que as limitações de ordem financeira e a diminuição do número de alunos matriculados na instituição foram motivos que conduziram os padres salesianos a fundar um colégio de ensino primário e secundário para alunos pagantes na capital sergipana.

Por outro lado, uma motivação externa que pode ter refletido na redução das matrículas e dificultando o desenvolvimento da escola foi o empreendimento do governo federal de instituir escolas profissionalizantes para atender as camadas menos favorecidas, que se deu em 1909:

[...] a primeira iniciativa de oficialização do ensino profissional com o decreto 7.566, de 23 de setembro de 1909, conhecido como Lei Nilo Peçanha que criou dezenove escolas de Aprendizes Artífices no país, mantidas pelo Ministério da Agricultura, Comércio e Indústria. (MALTA, 2014; 80)

Em Sergipe, no período que esse projeto do governo federal foi elaborado, estava governando José Rodrigues da Costa Dória, o qual foi responsável pela criação “(...) *da Escola de Aprendizes Artífices, em 01 de maio de 1910, instituição associada a um projeto do governo federal para incentivar o ensino técnico*” (DANTAS, 2004; 34)

Em consequência, essas escolas profissionalizantes disponibilizadas pelo Estado de Sergipe, tornou-se forte concorrente para os salesianos, já que possuíam uma estrutura física projetada com oficinas modernas e bem equipadas, proporcionando cursos distintos para diversificadas áreas de trabalho, como sapataria, marcenaria, alfaiataria, eram gratuitas para filhos de famílias carentes.

As instituições de educação profissional dirigidas pela obra Salesiana em algumas regiões do território brasileiro, foram perdendo espaço para as Escolas de Aprendizes Artífices, pois à medida que o governo federal investia em escolas profissionais para as camadas mais pobres, a responsabilidade por este tipo de formação afastava-se das mãos do amparo religioso, passando do o encargo do governo.

Compete destacar que esse cenário de declínio da formação profissional da instituição salesiana não aconteceu apenas no território sergipano, a decadência do ensino profissional das escolas da Congregação ocorreu também em outros Estados brasileiros. Santos (2000) assinalou que o ensino profissional não conseguiu sobreviver, na maioria das escolas salesianas, porque em alguns lugares não conseguiram competir com as instituições do governo. Um outro exemplo é o caso do Liceu de Artes e Ofícios N. Senhora Auxiliadora, em São Paulo (1908), atuava exclusivamente com curso primário e comercial para poucos alunos, assegurando que a instrução profissionalizante era quase inexistente, apesar de a instituição contar com cinco oficinas de *tipografia, encadernação, alfaiataria, sapataria e marcenaria* (SANTOS, 2000; 24).

Apesar disso, algumas instituições salesianas não sofreram perdas, como é o caso da Escola de Artes e Ofícios do Recife, a qual estabeleceu um acordo com o governo estadual, que por sua vez, demonstrou interesse pelo conjunto de maquinário moderno e pelos amplos galpões que o estabelecimento apresentava.

Estes exemplos demonstram que não era suficiente a escola possuir uma boa e apropriada estrutura se não existisse o apoio da sociedade para se desenvolver e promover o ensino de meninos desprovidos e abandonados. Com relação das instituições salesianas voltadas para pobres e aprendizes, os padres dependiam da ajuda de doações e do subsídio governamental. As escolas profissionalizantes fundadas pelo governo federal buscando atender a juventude carente constituíram-se em um período em que Aracaju apresentava desenvolvimento econômico e industrial, ganhando um maior aceleração durante a primeira Guerra Mundial.

Diante do que foi exposto, é possível destacar que a instalação em Sergipe da Congregação Salesiana tinha como objetivo professar as determinações da Igreja Católica em seu processo de reestruturação, operando contra a ampliação protestante no estado e empregando como ferramenta estratégica a educação profissional agrícola para os jovens carentes e além disso a educação secundária para os filhos pertencentes as camadas mais favorecidas.

Sobre a escola agrícola São José, em Sergipe, não obteve o êxito almejado, por isso é considerada uma instituição que não teve uma experiência bem-sucedida. Em virtude, de diferentes fatores, como a ausência de auxílio por parte do Estado sergipano, ou ainda pela falta do apoio da comunidade local, contribuíram para o não progresso e desenvolvimento da região da Thebaida, motivando os membros salesianos a investir no ensino primário e secundário na cidade de Aracaju, justamente na época que a escola agrícola começou a exibir um certo crescimento econômico, social e político.

Segundo alguns representantes políticos do período, Aracaju estava mais adequada para a instalação de uma instituição educacional administrada pelos Salesianos devido a sua localização as margens do rio Sergipe. Conforme destaca Ibarê Dantas, o Censo de 1890 evidenciava que Aracaju possuía poucos habitantes, e um porto “(...) ancoravam anualmente cerca de 200 navios, trazendo passageiros e grande variedade de mercadorias que abasteciam o comércio”. Por outro lado, a infraestrutura da cidade era vista como um dos pontos mais críticos desta cidade, já que não dispunha de ruas calçadas nem iluminadas a energia elétrica, e nas residências não possuía água encanada ou esgoto (DANTAS, 2014; 18).

2.4. ARACAJU, UM NOVO HORIZONTE PARA A CONGREGAÇÃO SALESIANA

No dia 15 de novembro de 1908, em Aracaju, foi inaugurado o Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora, em duas quadras de terreno arenoso, um oratório festivo, que constava de um casebre e uma capela provisória. (SILVA, 2005; 81)

Foi nesse terreno, que situava-se na rua São Paulo, nas proximidades do local onde, iria se localizar uma estação da estrada de ferro, a Congregação Salesiana implantaram um Oratório Festivo intitulado “Nossa Senhora Auxiliadora” em 15 de novembro de 1908, como noticiou o periódico, O Estado de Sergipe: *“Inauguração do Oratório Festivo às 9h com missa cantada e música executada pelos alunos da Thebaida, e teatro realizado pelos meninos oratorianos”* (O Estado de Sergipe, 15/11/1908, nº 2.947, p. 2). Cabe destacar que no estabelecimento, não registrado oficialmente, realizava-se uma prática de educação voltada para evangelização de jovens pobres. Com o passar do tempo, *a área ficou conhecida pela sociedade como Thebaidinha, por ser dos padres da Thebaida (salesianos)* (BONIFÁCIO, 2011; 70).

Entretanto, quando os filhos de Dom Bosco chegaram a Aracaju pela primeira vez, no ano de 1902, a capital do Estado demonstrava sérias dificuldades, sobretudo com relação à ao fornecimento de água e a disponibilização de transporte. A água que a população utilizava era de cacimbas de péssima qualidade, de *“cor amarelada e com gosto de ferrugem”* (CALAZANS, 2013); não havia transportes que promovessem a circulação da sociedade dentro da própria capital e para outras cidades.

Analizando alguns lugares em Aracaju, o sacerdote Lourenço Giordano compreendeu que possuía demanda para a criação de um Oratório Festivo na capital, numa região a qual encontrava-se grande número de jovens garotos carentes e órfãos, predominantemente negros e mestiços carecendo de auxílio, especialmente a formação religiosa. (Crônicas da Escola São José, 1907). O padre salesiano, então decidiu comprar o terreno nesta região, em 1907, *“ter em vista abrir o Oratório, tão desejado pelos seus superiores de Turim, pois, na Tebaida não foi possível instituir um estabelecimento deste tipo devido a distância e a insuficiência de jovens”*. (BONIFÁCIO, 2011; 74)

A localidade não foi selecionada pela instituição Salesiana por ser um local “aprazível”, “ameno”, “agradável”, como os padres representavam-na nos jornais. Escolheram-na por ser um campo de ação onde moravam pessoas humildes, trabalhadores das fábricas e homens sem emprego.

Almejavam os padres salesianos conquistar fieis para a Igreja num lugar que circulavam ideias de outras doutrinas como a dos protestantes que já agiam na capital desde

1901, bem como associações de caráter socialista que estava crescendo em Sergipe com líderes como Florentino Menezes e outros desde final do século XIX (ROMÃO, 2000; 48-50). Dessa forma, a área escolhida foi ideal para desenvolver a prática do oratório festivo com a finalidade de evangelizar meninos pobres, seguindo as orientações do Papa expostas por meio das Encíclicas e das Cartas Pastorais dos bispos brasileiros.

O Alto da Conceição era uma região onde se encontravam muitos morros e também áreas de brejos com alagamentos frequentes. Era um espaço próximo ao centro urbano, mas fora da área saneada; seus moradores eram sitiante e pessoas muito pobres que moravam em casas feitas de barro e cobertas de palha de coqueiro e chão de barro batido. Pessoas que sofriam com a falta de saneamento tanto nas casas, quanto nas ruas. Eram indivíduos que trabalhavam em fábricas, operários, domésticas, que prestavam serviços de lavagem e engomagem de roupas, vendiam doces na rua ou estavam desempregados, enfim era uma população economicamente carente e, segundo acreditava o padre Giordano, religiosamente “incrédula”, sendo uma população tendente a acreditar nas “más seitas”. (Crônicas da Escola São José, 1907).

Na região além de existirem problemas, que afetavam a saúde das pessoas, havia também, conforme as análises produzidas no período, a falta de higiene moral. Nas casas conviviam pessoas viciadas, adultos que, possivelmente tinham alguns laços de sangue com os meninos que frequentavam o Oratório Festivo. Para os padres salesianos o aprendizado da religião católica era o remédio para salvar os meninos da má conduta. Tal aprendizado poderia estender-se às casas dos alunos, alcançando suas famílias, complementando assim a saúde e higiene do corpo e da mente.

A poesia de Mário Cabral possibilita visualizar alguns aspectos do modo de vida das pessoas que residiam a área fora do quadrado de Pirro:

Além das dunas está a cidade de Palha. São milhares de malocas, casebres e de mocambos, equilibrados milagrosamente, na areia alva e fina. São construções rústicas, de taipa e palha, que, na encosta das dunas, desafiam todas as leis que regem a espécie. Geralmente tem uma porta e uma janela, com uma sala, um quarto e uma cozinha. Oito, dez, doze pessoas, pais e filhos, tios e cunhados, vivem, promiscuamente, sem conforto e sem higiene, dormindo no chão, comendo no chão, amando no chão, sofrendo as piores e mais graves enfermidades. No verão as estrelas aparecem através os buracos da cobertura de palha, no inverno as goteiras dominam tudo, encharcam tudo, aumentando a doença e a miséria. A Cidade de Aracaju, amiga, termina na cidade de Palha. (CABRAL, 1955; 197).

Com base no olha de Mário Cabral, em suas palavras, pode-se destacar o cenário vivenciado pelas pessoas pobres que habitavam fora da área saneada, jogadas à própria sorte, sem condições mínimas de vida. Eram pessoas estigmatizadas e vivendo em estado de miséria e pobreza. Os migrantes, algumas vezes famílias pobres, vinham do campo para a cidade em busca de um trabalho, pensando melhorar de vida. Mas dificuldades como a falta de instrução ou de habilidades justificavam os baixos salários, empurrando essas pessoas para a periferia – lugar dos operários e desassistidos.

O ano de 1911 foi um ano de acontecimentos significativos para Aracaju, devido às inovações e novidades que surgiam, uma delas foi a chegada do primeiro bispo da capital. O jornal *A Razão*, assim como outros, descreveu o evento que movimentou a pacata cidade:

Fulgurante foi o desembarque do nosso illustre antistite o Exm^o. Snr. D. José Thomaz, em sua chegada à Aracaju na segunda-feira [...]. S. Ex. foi recebido com distinção, pelo Exmo. Snr. Dr. Siqueira de Menezes, digno Presidente do Estado, que trajava seu primeiro uniforme de General. Todas as auctoridades principaes da capital e a maioria do clero sergipano. Na residência do Illustre Snr. Dr. Josino de Menezes, tomou S. Ex. os paramentos sagrados juntamente com os cônegos Francisco Lima e Victorino Fontes, e debaixo do pallio cujas varas eram conduzidas pelos Exmos. Drs. Silvio Motta, Dionysio Telles, Nobre de Lacerda e Teixeira Fontes, seguiu, para Cathedral, onde teve lugar solemne “Te Deum”. Leo as bulas da nomeação do illustre prelado o Revm. Vigário de Laranjeiras, que produziu brilhante oração. Terminada a solenidade concedeu o insigne bispo cincoenta dias de indulgências a todos que assistiram o acto de sua posse, no governo ecclesiastico d’esta diocese e seguiu para seu palacete acompanhado do General Siqueira, officialidade policial e auctoridades já citadas. No dia 8, S. Exa. Revma. Pontificou na catedral, comparecendo grande numero de sacerdotes ao acto e todas as auctoridades. Occupou a tribuna sagrada o insigne orador salesiano Pe. Sollari. [...] (*A Razão*, 17/dez/1911, ano XVIII, nº 48, p. 2)

A presente notícia informou a chegada do primeiro bispo sergipano, Dom José Thomaz Gomes da Silva, em Aracaju, em 08 de dezembro de 1911. O padre José Sollari, diretor do recém Colégio Salesiano, juntamente com os alunos estava presente no evento. No momento utilizou a “tribuna sagrada” para proclamar um discurso de boas-vindas ao novo prelado em nome da Congregação Salesiana.

A indicação do bispo foi de grande importância para a Igreja Católica em Sergipe, no sentido de organizar seus agentes – sacerdotes e leigos católicos – no campo religioso, orientando-os a seguir com disciplina, obediência e boa conduta nas ações implementadas na sociedade, principalmente no campo social e educacional.

Durante o tempo em que atuou como bispo do estado, Dom José Tomaz Gomes da Silva procurou cumprir as exigências de sua posição no campo religioso, no sentido de fortalecer a Igreja. Inicialmente realizou uma série de atos, com o intuito de organizar e estruturar as bases da religião católica em Sergipe, visando enfraquecer e combater a investida protestante, que incidia em todos os cantos do estado. Os protestantes que entraram no Brasil no século XIX, em geral, eram missionários ativos.

[...] no Brasil os protestantes divulgavam sua mensagem nas cidades e nos campos, atendendo os mais diversos grupos sociais e distribuindo Bíblias de Norte a Sul. Aos poucos, eles se estruturaram e aumentaram o raio de ação, difundindo ideias e criando missões, centro de auxílio, hospitais, obras assistenciais e escolas. (ASSIS, 2012; 25)

Dentro deste contexto, para disputar, combater e lutar contra os protestantes e outros grupos anticlericais que se manifestavam na sociedade sergipana. Buscou colocar em ação vários projetos estratégicos e de imediato regularizou instituições que serviriam de ferramentas a fim de ajudá-lo na ação. Assim, fundou a Associação das Filhas de Maria (1911), representando grupos de mulheres leigas e não leigas, participantes também da Associação das Damas de Caridade que agiam nas camadas menos favorecidas com grupos de auxílio e de assistência.

O bispo fundou o Seminário Coração de Jesus para a formação de padres (1912), visando suprir a falta que havia destes religiosos no estado. Instituiu a imprensa católica, criando o Jornal A Cruzada e a Revista Oficial da Diocese (1912), órgãos oficiais da Igreja, com a finalidade de divulgar a boa leitura à família sergipana, bem como as atividades das capelas, paróquias e igrejas dos municípios.

Nos periódicos registravam-se as festas religiosas, visitas e retiros, construções de igrejas e, principalmente, a quantidade de batizados, casamentos, comunhões e crismas que se realizavam em cada igreja ou paróquia. A divulgação das informações era importante porque mostravam a movimentação e a dinâmica das atividades religiosas à sociedade, podendo ser ainda um controle por parte do bispo das atividades dessas instituições no estado.

Sob a direção do bispo, todas essas instâncias, juntamente com os agentes, atuavam na sociedade sergipana, contribuindo com ações efetivas contra a expansão das doutrinas anticlericais, num momento de reestruturação pelo qual passava a Igreja.

Outro instrumento estratégico acionado pelo bispo naquela época para fortalecer a investida católica foi a oficialização e o reconhecimento de instituições que seguiam os

parâmetros da Igreja Católica, registrando, no livro de “Tombo da Diocese” os estabelecimentos de educação, fundada por leigos e congregações religiosas que funcionavam no estado. Dentre eles estavam às instituições salesianas – o Oratório Festivo Nossa Senhora Auxiliadora para meninos pobres (oratorianos) do bairro Carro Quebrado e adjacências; e o Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora, voltado para os filhos de famílias abastadas, instalado no centro da cidade. Estas instituições contribuíram para o ensino católico sergipano, sendo iniciado desde 1908 e 1911, respectivamente.

Em 1914, os salesianos transferiram o Colégio para as dependências onde estava localizado o Oratório Festivo N. S. Auxiliadora. No entanto, antes de se estruturar absolutamente na Thebaidinha, os padres ocuparam outras duas localidades no centro da cidade, buscando o melhor espaço para desenvolver suas atividades. Primeiramente, na Rua da Aurora e depois na Rua de Pacatuba.

O Colégio na Rua da Aurora tinha seu acesso facilitado por causa do porto, principalmente para os alunos internos que moravam no interior e visitavam os pais em alguns finais de semana e nas férias, bem como beneficiava os alunos externos, que residiam na cidade e iam para casa todos.

Além dos atrativos propostos, podem-se perceber outros motivos que ocasionaram a escolha do lugar pelos padres salesianos, por exemplo, a proximidade da estação de trem, mas que só foi inaugurada em 1913. Todavia, a escolha da Rua da Aurora por parte dos salesianos estava pautada em questões religiosas, econômicas e sociais, que a partir da década de 1910 transformaram o cenário aracajuano, notando-se um crescimento urbano.

Entre meados de 1911-1914 houve uma “quebradeira” dos donos de engenho e grandes comerciantes de vários ramos do estado, principalmente nas cidades do interior (NUNES, 2000). Diante desse cenário, houve uma motivação para a vinda de diferentes pessoas para Aracaju. Período em que famílias e algumas escolas particulares tradicionais estabelecidas no interior transferiram suas atividades para a capital. Durante esse período, o comércio expandiu-se com lojas diversificadas: fábrica de chapéus, de sabão, fábricas têxteis, lojas de tecidos finos, padarias, tabacarias, alfaiatarias, casas de exportação e importação.

O padre Aníbal Lazzari, recebeu da Inspetoria de Higiene uma notificação para que tomasse providência quanto ao mau cheiro nos ambientes internos. (O ESTADO DE SERGIPE, Set/1912, Anno XIV, p. 01). De tal modo, “(...) ficava claro que a casa era higienicamente imprópria para a instalação de um estabelecimento de ensino” (PEREIRA, 1979; 62).

A Thebaidinha tornou-se, portanto, o lugar fixo do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora no qual permanece até os dias atuais. A mudança definitiva ocorreu a 30 de novembro de 1913. Em fevereiro de 1914 o jornal Correio de Aracaju (5/fev./1914, Ano VII, nº 1.092, p. 02) divulgou:

Collegio Salesiano N. S. Auxiliadora – Aracajú Este estabelecimento de educação transferido ultimamente para o novo prédio a rua de São Paulo, trecho entre as ruas do Espírito Santo e S. Vicente lugar vulgarmente chamado “Thebaidinha”, reabriu seus cursos a 3 do corrente. O Diretor – Padre Annibal Lazzari.



Figura 7: Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora Aracaju/Se.⁴⁸

Na capital, os salesianos também não tiveram apoio de pessoas influentes da sociedade para ajuda-los a encontrar um local apropriado para desenvolver suas atividades educacionais. Nem tampouco, pessoas que contribuíssem na construção de novas instalações, que foram sendo edificadas conforme a necessidade dos salesianos.

Quando se instalaram na capital em 1911, existiam, em todo o estado, somente três instituições de educação masculina fundadas por representantes da Igreja Católica, oferecendo ensino primário, secundário e noviciado. Uma delas era o Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora com ensino primário e secundário, as outras foram fundadas pelo bispo Dom

⁴⁸ Fonte: OLIVEIRA, Luiz de. **Centenário da Presença Salesiana no Norte e Nordeste do Brasil**. Recife: Escola Dom Bosco de Artes e Ofícios, 1995.

José: o Seminário Coração de Jesus para formação de noviços em 4 de abril de 1913, e o Colégio Bento. Sobre o Seminário, Nunes (2000; 230) salientou que “foi a primeira tentativa de ensino superior em Sergipe”. Consistia numa:

[...] força nova, destinada a preparar os sacerdotes de Cristo, com a finalidade especial de servir à igreja, é certo, mas 22 Esta instituição foi criada em 1911; recebia meninos pobres para o ensino primário e fechou suas portas em 1914, por motivos até agora não sabidos. 68 também com o objetivo de ser poderoso e atuante instrumento de ação cultural numa terra de poucas e deficientes fontes próprias de saber. (CALAZANS, 1965; 55).

O seminário acolhia grande número de meninos jovens de Aracaju e do interior sem recursos financeiros, “estimulando vocações sacerdotais”. Muitos jovens que se formaram padres no seminário ficaram conhecidos como padres de Dom José e atuaram em várias partes do Brasil, ocupando “altos cargos eclesiásticos”, enquanto outros permaneceram atuando no estado (NUNES, 2000; 230).

Nesse sentido, os salesianos tinham que competir com uma crescente quantidade de escolas e colégios que surgiram no período, em decorrência da Lei Fundamental do ensino, conhecida como Reforma Rivadávia Correia sancionada em 5 de abril de 1911, que legitimou a liberdade do ensino secundário, em âmbito nacional, favorecendo a abertura de escolas particulares no estado. Maria Thétis Nunes (2000) explicou que, em consequência dessa Lei, houve um crescimento significativo de escolas oferecendo ensino secundário.

A crescente onda de escolas particulares possivelmente proporcionou a muitos pais da classe média (pequenos comerciantes, funcionários públicos, agricultores e outros) a oportunidade de colocar seus filhos em escolas pagas, visando propiciar uma boa educação. Possibilitou, ainda, que alguns donos de engenho, com dificuldades financeiras, colocassem seus filhos nas escolas particulares locais, tanto religiosas como leigas, uma vez que não podiam mais enviá-los a outros estados ou mesmo à Europa. Essas instituições representaram para esse grupo social a opção de oferecer aos seus filhos uma boa educação.

Mesmo com o aumento de matrículas no ensino particular, o número de colégios para meninos na capital, oferecendo curso primário e secundário em regime de internato e externato ainda era pequeno. Citando os mais importantes tinha-se o Colégio Tobias Barreto, fundado na cidade de Estância em 1909, pelo professor José de Alencar Cardoso, sendo transferido, em 1913, para Aracaju, sob outra direção. Era uma escola com características militares, onde funcionou o primeiro Tiro de Guerra de Sergipe.

Outras escolas e colégios dirigidos por leigos com concepção católica existiam em Sergipe, como o “*Colégio de Jesus ou do Salvador – catholico – de Domingos de Cordova Lima*”, sediado em Estância (Jornal Razão, 01/out. /1908); o “*Colégio São José com curso primário para alunos internos e externos de José Antônio dos Anjos*”, no município de Itabaianinha (Jornal Razão, 22/jan./1911).

Entre os anos de 1910 a 1920, o ensino público em Sergipe pouco se desenvolveu; em 1914 só havia “dois grupos escolares” no estado. Até 1918 foram criados na capital mais dois grupos: o Barão de Maroim e o General Oliveira Valadão. Dois outros no interior: um na cidade de Capela, em uma casa doada por João Luís Coelho e Campos, defensor do ensino profissionalizante no Brasil, e outro na cidade de Vila Nova. Predominava no estado a educação em escolas isoladas.

Já na área rural a descuido com o ensino era ainda maior. Registrou-se que nessa região o estudo ficava em segundo plano para a criança trabalhava na lavoura, pois “*o período das aulas coincidia com a época de atividades do plantio e da colheita*” (NUNES, 2000; 239). Havia, ainda, os casos de pais de baixa renda que queriam ver seus filhos na escola, mas a distância e qualidade das escolas, professores maus pagos, material escolar insuficiente e ambientes inadequados para acomodar os alunos, eram problemas sofridos pela educação e que dificultava o acesso do aluno à escola (NUNES, 2000).

Apesar disso, a capital sergipana vivenciou um período de transformações e acontecimentos de 1920 a 1930, quando três presidentes governaram o estado sergipano: o tenente coronel Pereira Lobo (1918-1922), Maurício Graccho Cardoso (1922-1926) e Manoel Corrêa Dantas (1927-1930), respectivamente, um militar, um professor-advogado e um usineiro. Durante o governo de Pereira Lobo, Escola Agrícola São José localizada na Tebaida, criada pelos salesianos foi oficialmente fechada.

Com o passar do tempo foi ficando cada vez mais limitado o funcionamento da Escola Agrícola, pois não possuíam qualquer apoio e não conseguiu concretizar qualquer acordo com o governo sergipano da época, sendo forçada a fechar suas portas em 1920.

Mesmo diante de vários impasses políticos, a gestão de Graccho Cardoso foi o que se configurou num período de maior progresso para Sergipe, em vários setores, sobretudo na educação. Evolução que se tornava ainda mais aparente quando comparado à administração dos seus antecessores. Durante sua política de governo, Augusto Maynard Gomes investiu no ensino primário, secundário, profissional.

Segundo Thétis Nunes, pela primeira vez, Sergipe assumiu a responsabilidade pela educação a ser ministrada nas escolas maternais e jardins de infância. Destacou, também, que o Regulamento da Instrução Pública, acatado em 1924, em seus 471 artigos, “(...) *estruturou globalmente a educação sergipana, definindo-a desde as escolas maternais e os jardins de infância ao ensino profissional e secundário, inclusive as instituições particulares*” (NUNES, 2008; 257).

Com o final da primeira Guerra Mundial, em 1918, o Estado de Sergipe viveu uma fase de desenvolvimento socioeconômico. Por decorrência da guerra, os países exportadores de matérias-primas e gêneros alimentícios foram favorecidos, alterando a “*economia sergipana, baseada na cana-de-açúcar e no algodão, a dar um salto significativo, possibilitando aos donos de engenho, que ainda trabalhavam, mecanizar os engenhos e melhorar o padrão de vida*” (NUNES, 2000; 231).

Diante deste contexto, e sobretudo do amplo campo de trabalho que despertava, principalmente, em Aracaju, necessitaria de mão de obra qualificada para desempenhar funções diversas. Dessa forma, as escolas secundárias, como o Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora, precisariam estar preparadas para formar um grupo de homens específicos para aquela ocasião.

Os Salesianos buscaram através de seus centros educacionais (colégios), escolas profissionais (escola agrícola) e oratórios festivos de fazer valer as medidas ordenadas pela Santa Sé, quando ingressou no território brasileiro com o compromisso de proporcionar educação a juventude brasileira, neste caso em Sergipe, especialmente a pobre e desamparada. Além de que, de operaram no sentido de combater ou impedir o que ameaçava a hierarquia da Igreja Católica, a exemplo das instituições que os protestantes estavam implantando em Sergipe.

III

“BRADAMOS TODOS EM UMA SÓ VOZ”: PRÁTICAS EDUCATIVAS DOS SALESIANOS EM SERGIPE E FORMAÇÃO DO HOMEM CRISTÃO



Figura 8: Grupo de estudantes do Colégio Salesiano N. S. Auxiliadora, 1945. ⁴⁹

⁴⁹ **Fonte:** Álbum do Colégio. Acervo: Colégio Salesiano N. S. Auxiliadora, 2011.

Buscamos compreender as práticas educativas realizadas tanto pelos padres e leigos salesianos para a formação dos alunos e oratorianos que – como almejavam os dirigentes Salesianos – se constituíram no futuro em homens honestos, devotos e cristãos. Pretendeu-se, além disso, apreender como as instituições salesianas preparavam ou educavam os alunos e os oratorianos para a vida e para atuar em sociedade, como desejava a Congregação. Portanto, questionou-se: Que tipo de mecanismo os padres e leigos salesianos empregavam na promoção das práticas educativas? Uma vez que, a formação educacional dos estudantes das instituições Salesianas era guiada na instrução intelectual, na educação física através da realização de atividades esportivas, na formação religiosa e moral. Já a formação dos oratorianos estava voltada, especialmente, ao aprendizado da leitura e da escrita, dos ensinamentos religiosos, de valores e condutas morais.

Em 1918, final da primeira Guerra Mundial, Sergipe viveu uma fase de crescimento social e econômico. Nunes (2000;231) assinalou que, por consequência da guerra, os países exportadores de matérias-primas e gêneros alimentícios foram beneficiados, levando a economia sergipana, baseada na cana-de-açúcar e no algodão, a dar um salto significativo, possibilitando aos donos de engenho, que ainda trabalhavam, mecanizar os engenhos e melhorar o padrão de vida.

À época, final do governo de Oliveira Valadão (1918), houve um surto de febre influenza espanhola, que atacou todo estado e o país. Foi um momento de calamidade pública, em que as escolas, tanto públicas quanto particulares, foram obrigadas a fechar as portas, como os salesianos, que enviaram seus alunos internos para casa e abriram o colégio para ajudar a população do entorno.

O vasto campo de trabalho que surgiu, principalmente, em Aracaju, necessitaria de mão de obra qualificada para diversas funções. Os colégios secundários, como o Colégio Salesiano N. S. Auxiliadora, deveriam estar organizados para educar um grupo de homens característicos para aquele momento.

A congregação salesiana encarregou-se com seus colégios, escolas profissionais e oratórios festivos de fazer valer as determinações ordenadas pela Santa Sé, quando se instaurou no Brasil com o encargo de oferecer educação a juventude brasileira, principalmente a pobre e abandonada. Além disso, de atuaram no sentido de combater ou inibir o que ameaçava a hierarquia da Igreja Católica, a exemplo das instituições que os protestantes estavam instalando no estado.

3.1 A FORMAÇÃO DOS JOVENS DO ORATÓRIO FESTIVO NOSSA SENHORA AUXILIADORA

Anúncio de 1914

Este estabelecimento de educação transferido ultimamente para o novo prédio á rua de S. Paulo, trecho entre as ruas do Espírito Santo e S. Vicente local vulgarmente chamado “Thebaidinha”, reabriu seus cursos a 3 do corrente.

Alem do curso primario, mantem o curso gymnasial (1º, 2º 3º anno). Não aceita alumnos completamente analphabetos. Haverá aula de canto gratuita e ensino particular de allemão, italiano, grego e instrumentos de orchestra. Os alumnos externos devem-se achar no estabelecimento das 9 ½ ás 15 (Correio de Aracaju, 5 de fev/1914, Anno VII, nº 1092, p. 02).

Anúncio de 1915

O ensino do Colégio Salesiano N. S. Auxiliadora consta do seguinte:

1º Curso primário e secundário dividido em classes e compreendendo todas as matérias exigidas pelo programma estadual;

2º Curso gymnasial, dividido em anos;

3º Aulas especiaes de Allemão, Italiano, Grego, Canto e Música.

Para o desenvolvimento physico dos educandos possui o estabelecimento, vasta área onde em horas de recreio entregam-se a exercícios gymnasticos e jogos de *sport*.

Possuem, outrossim, um theatrinho para exercícios de declamação.

Os trabalhos lectivos serão reencetados em 1º de fevereiro próximo vindouro.

O Diretor

Padre Annibal Lazzari (Correio de Aracaju, 21 de jan/1915, Anno VIII, nº 1364; 03).

O anúncio, busca destacar, um dos principais pilares da educação salesiana, uma vez que a escola “observava rigorosamente o Systema Preventivo”, então, pode-se observar que havia uma preocupação por parte dos padres salesianos, de ofertar uma formação pautada nos ensinamentos do seu fundador Dom Bosco.

Educar para Dom Bosco não constituía exclusivamente transmitir conhecimentos. Na sua prática pedagógica, aqueles que se comunicavam com os jovens precisariam estar disponíveis e saber dialogar com eles. Padre João Mendonça advertiu:

O educador salesiano – entenda-se por educador todo aquele que procura valorizar os potenciais humanos dos jovens – precisará conhecer ainda mais o mundo juvenil e seus apelos, despojando-se dos preconceitos e abrindo-se ao diálogo do pátio que supõe tempo, vontade e iniciativa (MENDONÇA, 2012; 10).

A paciência e a amabilidade eram os subsídios chaves para a efetivação das atividades dos formadores salesianos. O Sistema Preventivo de Dom Bosco baseia-se em três elementos: a razão, a religião e a *amorevolezza*. Para o sacerdote a razão significava bom senso, juízo, compromisso com as suas atividades diárias, compromisso com os estudos ou com o trabalho nas oficinas, auxílio na igreja, com as responsabilidades cotidianas, inclusive no cumprimento das regras da instituição. O professor deveria conduzir, “o menino a conhecer antecipada e claramente o que devia fazer e ser ajudado a lembrar. Só depois é que se podia racionalmente exigir dele a execução da norma, a vivência conforme as regras e os costumes da instituição”. (SANTOS, 2000; 164)

Dom Bosco, defendia um ensinamento fundamental, que para ele, não *existia salvação sem a religião*. Uma vez que, a religião, além de sustentação da vida, era pré-requisito para a integridade, para uma vivência profissional saudável e adequada. O educando seria levado a compreender que religião é moral e vice-versa – são dois subsídios essenciais para a sua formação. A “educação deve realizar a maturidade humana e cristã do jovem, tornando-o capaz de assumir séria e responsavelmente a vida de honesto cidadão e bom cristão” (SILVA, 2000; 169).

Já a *amorevolezza*, representava para Dom Bosco uma série a de bons sentimentos que o ser humano pudesse propagar: benevolência, compaixão, amizade, caridade, cuidado, amor, e sobretudo, a alegria. Seria através da promoção desses sentimentos que as pessoas que estavam em contato com o aluno que conquistaria sua confiança, a fim de educá-lo na religião, nos estudos, nas boas maneiras, etc. Santos (2000; 174) apontou que a *amorevolezza* era “o coração do sistema educativo” de Dom Bosco.

Compreende-se que esse elemento foi o desafio do ensino preventivo, porque um dos pontos principais para o sucesso do sistema dependia da relação sadia dos educadores e formadores das escolas, entre si e com os alunos. Conforme Dom Bosco, necessitaria existir uma relação de irmandade e familiaridade entre os membros do grupo em busca da instrução do aluno.

A obra salesiana era composta por uma estrutura hierárquica e administrativa das casas salesianas distribuída-se conforme o seu regulamento, tendendo a colocar em prática o projeto de Dom Bosco por meio do Sistema Preventivo. Entretanto, para colocar em prática as resoluções do Sistema Preventivo, os Salesianos precisavam de um grupo de administradores e auxiliares que reconhecesse as regras e buscasse operar no sentido de bem constituir e administrar as casas salesianas.

No Sistema Preventivo, almejado por Dom Bosco, todos estes administradores necessitariam acionar o espírito da congregação, ou seja, o espírito de seu fundador, que estava centrado na caridade, piedade, amor e, especialmente, na alegria. Dessa forma, um princípio básico para ser um agente salesiano, era buscar ser animado e humanitário. O diretor, juntamente com o conselheiro, estaria na linha de frente, para promover práticas festivas, cívicas e religiosas no sentido de animar o ambiente, até porque toda a atividade fora da sala de aula tornavam-se formas de ocupação do tempo dos alunos, quando não estivessem em aula ou nas orações. Conforme se pode observar, a proposta de Dom Bosco era de não deixar os alunos ociosos, pois para ele “a ociosidade era uma ofensa a Deus” (BRAIDO, 2014).

No entanto, nem sempre esses ideais de Dom Bosco eram colocados em prática. Tendo em vista, que muitas das vezes a harmonia da casa no sentido de familiaridade, era ameaçada, em virtude dos conflitos entre seus próprios componentes, entre estudantes ou mesmo entre alunos e administradores da instituição.

O Colégio Salesiano, em 1927, vivenciou uma nova fase, pois, foi unido ao Ginásio Pedro II. Por conta disso, os padres salesianos buscaram ampliar seu quadro de professores, para então enquadrar-se dentro dos parâmetros instituídos pela Diretoria da Educação. Com a equiparação, novos educadores foram contratados, como: Bernado Bicher, Hermes Coelho, João Passos Cabral, e outros professores afamados na cidade. Esse nivelamento com as outras instituições de ensino secundário existente em Aracaju trouxe prestígio para o sistema de ensino salesiano, o que conduziu a uma ampliação do número de discentes na época.

Percebeu-se que a vivência dos professores na instituição era ativa. Eles eram recomendados pelo diretor a participarem das celebrações da instituição, tanto cívicas quanto religiosas, inclusive os retiros e outras atividades escolares, como: festas de final de ano, formaturas e passeios. Sendo assim, com o sentido de organizar as variadas comemorações próprias da cultura dos salesianos, construiu-se um calendário convencionado a todas as instituições da Congregação.

O diferencial era que cada instituição montava seu calendário, observando as datas significativas da cidade, como: data de fundação da instituição, homenagem a algum patrono, aspectos culturais da região e assim por diante, contando que não deixassem de celebrar as principais datas pertinentes a memória da Congregação.

A organização deste calendário pautou-se na comemoração dos patronos da instituição, dos membros superiores, dias comemorativos da cultura social do país onde a obra estivesse

instalada, no caso do Brasil, o carnaval, e relacionada à cultura da Congregação, comemorava-se o dia do oratório festivo. Dentre estas comemorações, outras solenidades eram efetivadas durante o ano letivo, constituindo-se o aspecto festivo das escolas e oratórios salesianos.

Os festejos, era um elemento característico da cultura escolar religiosa da Congregação Salesiana, constituindo assim, a celebração de momentos importantes durante todo o ano letivo. Objetivavam ocupar a mente e o tempo dos alunos que participavam das atividades, as quais exigiam tempo para serem treinadas, ensaiadas e apresentadas com garbo e qualidade.

Todavia, existia uma comemoração singular praticada pelos salesianos, a qual segundo Silva (2000; 293), era chamada de *lectio brevis*, que consistia na supressão da metade das aulas do dia em virtude da visita de um padre inspetor, bispo ou pessoa considerada importante. Nesta ocasião os estudantes paralisavam suas atividades escolares para receber bem o visitante com apresentações de todos os tipos: canto, declamação, discursos, apresentação teatral, ginásticos e outros.

Um dos documentos primordiais para a Congregação Salesiana era o seu regulamento, o qual era estruturado em dezesseis capítulos e um apêndice com princípios de como escrever cartas. Todo aluno das instituições salesianas, eram obrigados a realizar a leitura desse documento. Desde sua concepção, no oratório festivo de Turim, fazia-se a leitura do regulamento para que o aluno, tomando conhecimento das regras da instituição, não viesse a transgredi-las e, caso o fizesse, estaria consciente dos seus erros.

Convencionou-se, logo, fazer a leitura do Regulamento no primeiro dia do ano letivo, com todos os alunos formados no pátio. Dessa forma, tal prática tornou-se padrão em todo início do ano escolar, pois assim, os alunos tomavam conhecimento de que na instituição havia regras a serem respeitadas.

O *Relatório do Colégio*, deu destaque à festa do regulamento, que havia ocorrido no pátio da instituição. Ouviram-se primeiramente os ensinamentos do padre diretor da instituição. Ao termino, teve música e a entrega do “livrinho do Regulamento” a todos os alunos (O Relatório do Colégio Salesiano N. S. Auxiliadora, década de 1920). Porém, era um exercício que não se limitava apenas aos primeiros dias do ano escolar. Uma regra no próprio Regulamento especificava que o padre diretor realizasse constantemente a leitura das normas da instituição para lembrar aos alunos de seus deveres dentro do ambiente escolar.

3.2. EDUCAÇÃO SALESIANA E DEVOÇÃO: SUJEITOS, ESPAÇOS E TEMPOS

Os Oratórios Festivos de Dom Bosco eram um espaço de recreação, com a finalidade de congregar meninos pobres ou abandonados aos domingos e em dias de festa, para aprender o catecismo, assistir à Missa, frequentar os Sacramentos (BRAIDO, 2008; 180). Porém o diferencial com relação aos outros era o caráter festivo.



Figura 9: Meninos do Oratório Festivo N. S. Auxiliadora reunidos no pátio, 1960.⁵⁰

Durante épocas comemorativas especiais, como por exemplo, o Natal, além dos festejos normais do oratório, eram entregues brinquedos e prêmios, que eram na maioria das vezes, objetos úteis para os jovens.

⁵⁰ **Fonte:** Centro de Documentação e Pesquisa Salesiana de Barbacena, 2017.

A Congregação Salesiana, passou a utilizar também uma outra estratégia para atrair os oratorianos, a instituição e conquistá-los era difundir entre eles “cartões de ponto” ou “vales”, que eram cartões que os garotos ganhavam se visitassem o Oratório e comparecessem aos santos sacramentos. Quanto mais participassem mais cartões ou vales receberiam. O que constituía os cartões de troca?

Os cartões de pontos era como se fosse uma moeda que os alunos podiam trocar por brindes dispostos num leilão. Os cartões eram uma estratégia utilizada nas práticas educativas salesianas a fim de atrair as crianças e mantê-las frequentando o catecismo aos domingos. (BONIFÁCIO, 2014, p. 202)

Como instrumento de catequização característica dos salesianos, a prática oratoriana que era realizada na instituição ia além da doutrinação dos jovens desamparados e carentes. O método tinha como objetivo fundamental a evangelização das crianças. Como ainda de suas famílias (BONIFÁCIO, 2014; 185).

Nota-se que durante o processo de romanização da Igreja os Oratórios Festivos foram de ampla utilidade para os missionários salesianos, porque eram uma forma alternativa e estratégica de difundir as práticas sacramentais com crianças e jovens pobres, aplicando o Sistema Preventivo, através de jogos, cantos e brincadeiras. Num contexto de grande concorrência religiosa a metodologia oratoriana colaborou bastante para afastar os jovens de outras ideologias acatólicas, gerando fiéis católicos.

Apesar disso, a congregação encontrou diversas limitações, na tentativa de implantação de um Oratório Festivo em Sergipe. Os primeiros representantes salesianos designados para a missão em Sergipe, chegaram em 1902, e constantemente o padre responsável, Lourenço Giordano era cobrado pelos seus superiores de Turim para estruturar um Oratório Festivo associado a Escola Agrícola São José, entretanto o missionário não achava na localidade da Tebaida meios para a concepção desse tipo de modalidade, porque a escassez de crianças na área não permitia tal iniciativa.

Contudo, ao analisar outras possibilidades, como foi o caso de uma possível instalação em Aracaju, compreendeu que possuía demanda para a criação de um Oratório na capital no Alto da Conceição, localidade onde se encontrava grande número de crianças pobres, predominantemente negros e mestiços carecendo de ajuda, sobretudo religiosa. De tal modo, em 1907, o padre inspetor adquiriu um terreno no qual abriu o Oratório em 1908 (Crônicas da Escola São José, 1907; 21). Portanto, o Oratório Festivo Nossa Senhora Auxiliadora foi criado

em 15 de novembro de 1908, como informou o jornal *O Estado de Sergipe*. “Inauguração do Oratório Festivo às 9h com missa cantada e música executada pelos alunos da Thebaida, e teatro realizado pelos meninos oratorianos” (O Estado de Sergipe, 15/11/1908, nº 2.947; 2).

O evento de inauguração do Oratório Festivo, ainda mencionado como “recreio da infância”, existiu uma expressiva concorrência a cerimônia efetivada no momento da manhã com Missa solene celebrada pelo Monsenhor Raimundo de Melo. O padre Lourenço Giordano, em seu sermão, esclareceu para as autoridades e o povo presente o que significava a obra dos Oratórios Festivos de Dom Bosco (SILVA, 2000; 336).

Dessa forma, foi de fundamental importância o esclarecimento as pessoas qual a função de um Oratório Festivo nos padrões de Dom Bosco. Uma vez que, a prática dos Oratórios só poderia sobreviver e difundir-se com a assistência da sociedade, colaborando com dinheiro, comida, brinquedos entre outros, sustentando uma “relação de interdependência” entre a instituição, os beneméritos e os jovens carentes frequentadores do estabelecimento. O cronista Manoel D’Oliveira registrou:

Entre as instituições emanadas do genio admiravelmente empreendedor de d. Bosco, figura a dos oratorios festivos que tem por fim reunir nos dias santificados, em um núcleo de agradaveis diversões, centenas de crianças que por essas attrahentes e sabias precauções se tornam um dia homens uteis á Patria. Premios e recompensas ellas recebem, e até aquelles que exercem com vantagem as funcções de cathequista. (D'Oliveira, Manoel Correio de Aracaju, 4/fev./2015, nº 1376, anno VIII, p. 01)

A maioria das crianças do Oratório estudavam o que lhes era exposto pelos agentes salesianos, que se incumbiam de cultivar as atividades que a instituição proporcionava quer seja, religiosa, esportiva, intelectual (aprendizagem da leitura e da escrita) ou simplesmente, atividades lúdicas.

Um dos objetivos da instituição era expandir territorialmente, pois assim, colocaria em prática por meio de suas atividades, o projeto civilizador recomendado pela Igreja Católica, que através da educação buscou transformar os meninos desprovidos em homens católicos, honestos e úteis para a nação. Isto estava ligado ao autocontrole das ações e sentimentos. Segundo Elias:

Nas crianças, os impulsos institutivos, emocionais e mentais, assim como os movimentos musculares e os comportamentos a que tudo isso as impele, ainda são completamente inseparáveis (ELIAS, 1994; 98).

Para os oratorianos entrar nesse âmbito da boa sociedade os padres trabalharam, principalmente a civilidade dos jovens, considerados abandonados, sem formação social e religiosa, transformando-os num homem novo e com isso colaborando para o controle social por meio do autocontrole que os alunos aprendiam a incorporar. Perceber-se que desde sua concepção o Oratório Festivo passou por variados momentos no decorrer dos anos.

Nesse contexto, os trabalhos estavam a cargo do padre Constantino Zaikowski, em 1908, sendo facultado somente o ensino religioso aos domingos e feriados: “atividades mínimas de catequese e canto para os meninos da redondeza” (SILVA, 1967).

À vista disso, a instituição operou com caráter de evangelização e socialização, *a priori* sem finalidade de formar os jovens pobres que visitavam. Ajudava o padre Constantino nas missas e no ensino do catecismo “uma turma de catequistas, salesianos e alunos da Thebaida” (OLIVEIRA, 1994; 78). Os coordenadores dessa época limitavam-se ao ensino religioso e moral aos domingos e feriados, dentro dos perímetros do terreno, sem se envolver com a comunidade próxima.

Com a modificação da sede do Colégio para a Thebaidinha, ocasião que o Oratório Festivo de Nossa Senhora Auxiliadora, deixe de ser prioridade. Pois, a instituição escolar, para ensino primário e secundário, o Oratório Festivo entrou em um processo de decadência, ficando dependente a trabalhar nas temporadas em que os educandos do Colégio não permaneciam presentes, para assim conseguir suas atividades, tornando-se um anexo do Colégio.

Mas, em 1914, as práticas do Oratório Festivo assumiram uma nova postura, adotando uma maneira distinta de interagir com os oratorianos, buscando unir suas famílias. A metodologia do ensino da catequese e as atividades lúdicas permaneceram ocorrendo, no entanto, o diferencial foi transpor os seus limites e inserir-se dentro da casa dos oratorianos por meio da simbologia católica, conclamando a participação das famílias através de várias atividades para envolver as pessoas aos rituais católicos. No jornal *Correio de Aracaju* de fevereiro de 1915, saiu uma nota que registrava a atuação do padre salesiano, visando conquistar fiéis nas proximidades da instituição:

No domingo passado o jovem Virgílio Soares da Costa recebeu uma prenda de raro valor a effegie do Sagrado Coração de Jesus, que foi enthonizada em seu modesto lar pelo revmº padre Annibal Lazzari, distincto director do Collegio Salesiano de Thebaidinha acompanhado da arregimentada orchestra do mesmo estabelecimento, e que também em seu percurso pela rua do Rosario realizou identica cerimonia na casa onde reside o piedoso cidadão sr. José Manoel.

O respeitável oficiante foi recebido entusiasmamente pela veneranda presidente do Apostolado da Oração exma. D. Esmeralda Benigna do Nascimento, que lançou a fronte do recém-chegado odoríferas flores, enquanto ao som de melodias cantares se erguia do pequeno altar para a parte superior da saleta a sacrosanta imagem do Coração de Jesus. É deste modo por todas as classes o entusiasmo por essa devoção a que se acham ligadas preciosas indulgências. (D'Oliveira, Manoel Correio de Aracaju, 4/fev./1915, nº 1376, anno VIII, p. 01)

Percebe-se essa prática, no caso do oratoriano Virgílio Soares da Costa, o qual foi apresentado com a imagem do Sagrado Coração de Jesus, que o próprio padre diretor ofereceu em sua casa acompanhado com a banda de música do Colégio. Essa metodologia, foi aplicada em diversas famílias dos oratorianos. Portanto, ultrapassar os muros da instituição foi um dos costumes do padre Aníbal, procurando interagir com as camadas sociais mais carentes da vizinhança do Colégio Salesiano.

Para Peter Burke (2004; 62) as imagens significavam mais do que um simples meio de disseminação do conhecimento religioso, mas uma forma de comunicação e evangelização. As imagens, como um simbolismo usado pelos católicos, tornavam-se uma “marca”, com a finalidade de distinguir aquela casa e a família seguiam a doutrina católica.

Todavia, o diretor buscou ainda a ajuda das associações de mulheres, como o Apostolado de Oração, a Associação das Damas de Caridade, e das Filhas de Maria, que foram ferramentas respeitáveis para a atuação dos padres na localidade e na sociedade.

Entre 1942 a 1944, considerou-se como a terceira fase do Oratório Festivo N. S. Auxiliadora, relativo a saída do professor Olavo por motivo de doença, ficando em seu lugar o padre Emílio Serafim. Em 1942, houve uma significativa mudança em relação às práticas pedagógicas dos oratorianos, uma vez que, incluiu-se o ensino primário e o aprendizado de um ofício, como a datilografia e técnicas de comércio, além do ensino religioso e princípios morais. Compreende-se que estas práticas foram ponderadas visando formar um homem católico e útil à nação no futuro, que era o desígnio da igreja durante aquele contexto.

No entanto, foi somente em 1945 que o Oratório Festivo de Nossa Senhora Auxiliadora tornou-se um oratório diário, transformando completamente o ritmo e o tempo que a instituição gastava antes aos oratorianos. Iniciou com o desenvolvimento de um Estatuto próprio como escola em espaço projetado e construído no sentido de desenvolver suas atividades práticas e específicas. Nesse momento, havia mais de “300 alunos matriculados”, sendo auxiliados pela “Associação dos Ex-alunos de Dom Bosco”, os quais ministravam aulas primárias gratuitas para os oratorianos (OLIVEIRA, 1994; 109). Para os

alunos oratorianos, essa ação foi favorável pela “assistência educacional e a assistência moral” que a eles foram dispensados (A Cruzada, ano XXIII, nº 1.071, 1958; 1).



Figura 10: Turma de Alunos Formandos do Colégio Salesiano N. S. Auxiliadora, 1936.⁵¹

Desde sua constituição, o Oratório Festivo recebia os auxílios da “Agremiação das senhoras professoras do Oratório Festivo N. S. Auxiliadora”, as quais buscavam “melhorar o desenvolvimento do mesmo”. O grupo estruturava-se com a participação de um presidente, secretária e tesoureira. Em 1951, o Oratório foi registrado no Serviço de Estatística do Departamento Nacional, sob o nome de “Oratório Festivo Nossa Senhora Auxiliadora”, permanecendo com as aulas de catecismo aos domingos e dias santos, sendo o ensino primário oferecido pela Escola do Oratório designada de Externato Nossa Senhora Auxiliadora e registrada com o nº 16/54.

O objetivo foi analisar como as duas instituições – o Colégio N. S. Auxiliadora e o Oratório N. S. Auxiliadora – se estabeleceram durante o período estudado em sua parte administrativa e pedagógica evidenciando a distribuição dos sujeitos no espaço e as funções destes na realização das atividades na instituição. Compreendeu-se então que, como os sujeitos tinham que estar enquadrados nos preceitos do Sistema Preventivo, os espaços também deveriam estar adequados para desenvolver as atividades propostas pelo Sistema, e ao mesmo tempo ajustar-se às exigências das leis educacionais vigentes em cada tempo.

⁵¹ **Fonte:** Álbum do Acervo do Colégio Salesiano N. S. Auxiliadora, 2011.

Dessa forma, dentre as práticas educativas, a lista de livros para os alunos matriculados em 1925, tinha-se entre os livros para uso do curso primário: *Arithmetica Elementar para o 2º ano do curso primário*; *Arithmetica Infantil para o 1º ano do curso primário*; *Primeiros Exercícios de Cálculo*; *Primeiro Livro de Leitura* (segundo, terceiro, quarto, e quinto), *História Bíblica Ilustrada* (para o curso primário, 2ª edição); *Compêndio de Civilidade* – 1 vol; *Compêndio de História do Brasil Ilustrada* (1 vol. 2ª edição); *Compêndio de Arithmetica para uso do 3º, 4º e 5º ano do curso primário*.

Uma das obras que merece ser destacada, foi o manual intitulado *Compêndio do Civilidade*, o qual fazia parte da Coleção “P.S.S.” de livros escolares da livraria e editora da própria Congregação salesiana. Este livro era recomendado para o uso tanto dos institutos educativos como das famílias. Era uma obra impressa pela editora salesiana, mas recomendado para instituições de educação e as famílias. No prefácio, os editores faziam as seguintes sugestões:

Já de ha muito se fazia a falta de um compendio de civilidade sifficientemente desenvolvido e adaptado ás familias e collegios catholicos, no qual os preceitos fossem acompanhados de considerações moraes, formando assim um pequeno tratado de boa educação. [...] quase exclusivamente destinado a alumnos de collegio e aos jovens filhos de família (COMPÊNDIO DE CIVILIDADE, 1923; 3).

A presente obra era utilizada pelos padres salesianos como subsídio teórico para o aprendizado do desempenho social dos estudantes, começando de pequenos, desde os primeiros anos escolares. O modelo mais antigo encontrado corresponde à quinta edição de 1923. Comparando com outras edições das décadas de 1930, 1940 e 1950, observou-se que não houve mudança no conteúdo. As modificações encontradas no manual referem-se à apresentação da capa, uns sendo de capa dura, outros não; uns apresentando figuras na capa ou mesmo inseridas no texto, dividindo os capítulos.

O compêndio de Civilidade foi empregado pelo Colégio Salesiano durante pelo menos toda primeira metade do século XX. A produção de um Manual de Civilidade particular teve a intenção de formar os jovens estudantes em torno dos valores morais, sociais e cristãos. Para Jorge Carvalho,

Aliar aos princípios religiosos, mecanismos de autocontrole dos impulsos que se consolidassem cada vez mais, reduzindo e internalizando os conflitos

entre os impulsos e as tendências socialmente pouco admissíveis e aquilo que é desejável (NASCIMENTO, 2006; 78).

3.3. AS PRÁTICAS EDUCATIVAS PARA FORMAÇÃO DO HOMEM “CRISTÃO E HONESTO CIDADÃO”

A obra, *Centenário da presença salesiana no norte e nordeste do Brasil*, o professor Luiz de Oliveira, sergipano que atuou nas instituições salesianas de Recife, expõe memórias de sua infância no Oratório Festivo de Aracaju, onde ingressou na década 1930. O livro buscou registrar os principais aspectos da cultura escolar ofertada pela instituição salesiana, Luiz de Oliveira descreve como era a rotina no Oratório Festivo na sua época:

Aos domingos assistíamos duas missas: na primeira, às 6 horas, rezávamos as orações costumeiras, porém sem o terço que era substituído pelos “Atos antes e depois da comunhão”. Após o café, havia um pouco de brincadeiras e depois a segunda missa, mais festiva e com sermão, desta vez rezava-se o terço. Após a segunda missa, havia o recreio com campeonatos e muita animação. À tarde voltávamos para a igreja, para o canto das vésperas, o catecismo, canto das ladainhas, e Benção do Santíssimo Sacramento. Tanto antes quanto depois os jogos animavam o ambiente. E à noite sempre havia um entretenimento – teatro, declamação, música (OLIVEIRA, 2004; 101).

O Oratório Festivo de Aracaju atendia, em média, de 200 a 300 meninos (Relatório Colégio N. S. Auxiliadora, década de 1930), que se reuniam no pátio, principal espaço para realização as práticas esportivas e recreativas propostas pelos salesianos. Entre uma prática religiosa e outra, havia as brincadeiras, os jogos e o lanche. A merenda era simples, mas uma festa para os meninos, uma vez que a alimentação de muitos deles era deficiente. Os padres ofereciam “bolachão fofo ou seco com refresco”, “broa de milho”, “pão puro”, “às vezes frutas”.

A prática dos Oratórios Festivos de Dom Bosco era um meio eficaz de atrair um grande número de crianças e jovens, visando a uma “agradável e honesta educação”. Honesta, porque se pautava em jogos e brincadeiras que pudessem contribuir para a atividade corporal do menino, ou seja, os jogos realizados no pátio deveriam ser jogos de movimento. Jogos moderados do tipo dama e xadrez eram permitidos, mas pouco escolhidos. E os jogos de azar, como o de cartas ou a dinheiro, não eram consentidos.

Em Aracaju, entre as brincadeiras e os jogos de que os oratorianos mais gostavam estava o futebol, único jogo com bola que eles podiam brincar. Os assistentes formavam times

entre os alunos de acordo com as idades. Em tempos de festas formavam-se times dos ex-alunos versus oratorianos ou times formados entre si. Os outros esportes designados modernos, não estavam disponíveis aos oratorianos nem mesmo em dias festa, como a quadra de basquete, os aparelhos de ginástica, o pingue pongue, a parte do pátio onde se podia jogar vôlei e handebol. Não sendo encontradas na documentação justificativas para esclarecer o motivo do impedimento.

A quantidade de alunos que o Oratório Festivo chegava a atender semanalmente, segundo dados de alguns dos relatórios, era em média 200 e 300 meninos por semana. Tradicionalmente os salesianos costumavam separar os meninos oratorianos (pobres) dos estudantes (ricos). Em todas as instituições salesianas havia este tipo de separação de pessoas, dos objetos, dos espaços e os usos destes. Os meninos oratorianos do N. S. Auxiliadora ficavam dispostos na parte do pátio, que lhes cabia e onde havia um campo de futebol. Esta demarcação de limites dava-se por fileiras de árvores separando os alunos menores, médios e maiores.

Os salesianos mantinham um sistema de bolsas de estudo que proporcionavam a entrada de meninos das camadas populares no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. Esta alternativa dava condições para meninos pobres com tutores a terem possibilidade de estudar o nível primário e secundário na instituição, bem como, meninos oratorianos, desde que estes apresentassem atributos intelectuais para isso, ou como eles mesmos expressavam, “aqueles que dessem para o estudo” (SILVA, 2008).

O professor Luiz de Oliveira é um dos exemplos de menino que conseguiu estudar com os padres salesianos, provavelmente em 1935, frequentava o Oratório Festivo, pois à época morava nas proximidades da Thebaidinha sendo aluno do professor Olavo. O irmão Robério de Moraes (também sergipano), no texto em homenagem ao professor Luiz de Oliveira por ocasião de sua morte expressou:

Mais uma árvore, da floresta salesiana, madeira de lei, tombou sob a intempérie da natureza. Sergipano, nasceu e cresceu nas areias brancas da linda Aracaju. Coração oratoriano fez seus primeiros estudos no Oratório Festivo Nossa Senhora Auxiliadora e depois no Colégio Salesiano. Aí sentiu o chamado para trabalhar com Dom Bosco. Desde cedo sentiu a tendência natural para as ciências exatas. A física seria sua especialização (MORAES, 2012).

O ex-aluno frequentou o Oratório desde pequeno, sendo depois enviado às instituições em Recife. Foi um oratoriano que se destacou nas atividades exercidas pelo professor Olavo

na Thebaidinha, a ponto de ser escolhido para aprimorar seu aprendizado no Colégio. Pelo que relatou em seu livro, entende-se que seu desejo era estudar para tornar-se padre da Congregação, todavia, não conseguiu, apesar de ter ido para o noviciado em Jaboatão dos Guararapes em Recife.

No final da década de 1940, foi trabalhar no Colégio Salesiano Sagrado Coração onde exerceu variadas funções, foi professor, assistente, organista do Santuário, mestre de canto, catequista no Oratório Festivo, encarregado do teatro, entre outras habilidades. Luiz de Oliveira se destacou dentro da Congregação Salesiana como historiador dos salesianos. Escreveu alguns trabalhos: *Escola Agrícola São Sebastião-100 anos*; *Dai-me almas*, referindo-se a história centenária do Colégio Salesiano do Recife; *Presença Salesiana no Norte e Nordeste do Brasil*. Foi responsável ainda por elaborar apostilas de física para usar no Colégio Salesiano do Recife.

A educação para a vida ou integral proposta por Dom Bosco englobava a formação do corpo, mente e espírito. Neste sentido, não faltaram para os alunos oratorianos às práticas esportivas e, muito menos, as religiosas para conduzir sua educação, verificando-se que as atividades religiosas dos alunos eram intensas e variadas, incluindo: missa, catecismo, canto, orações, as companhias, o teatro, os estudos, mas em contrapartida, diferenciava-se dos estudantes do Colégio pelo conteúdo oferecido, principalmente nos estudos. As aulas de canto dos oratorianos contemplavam os hinos pátrios e católicos; os estudos limitavam-se ao curso primário sem línguas estrangeiras; as companhias religiosas também existiam para os meninos oratorianos e funcionavam na instituição, no entanto a realização de festejos davam-se de forma simples.

Quanto à religiosidade havia a prática do oratório festivo que procurava formar católicos, por meio do batismo, inicialmente. Crianças que não eram batizadas precisavam concretizar o ato para continuar a formação católica por meio de outros rituais, como a crisma, a comunhão e até mesmo, o casamento quando adulto. A partir destes e outros meios os salesianos formavam os pequenos cristãos.

A preparação de um ambiente religioso estava em todos os detalhes. A adoração ao Santíssimo Sacramento foi um dos recursos religiosos empregado pelos salesianos que incluíam imagens do Sagrado Coração de Jesus, da santa protetora dos salesianos, Nossa Senhora Maria Auxiliadora, e da imagem do próprio Dom Bosco, e outros santos que faziam parte da cultura salesiana, mas que auxiliavam na incorporação do sentimento religioso. Todas

elas estavam espalhadas por todos os cantos da instituição e fixadas em vários cômodos, tanto do Colégio quanto do Oratório Festivo.

QUADRO II

SOLENIDADES RELIGIOSAS E SOCIAIS DO CALENDÁRIO ANUAL DO COLÉGIO N. S. AUXILIADORA DE ARACAJU

COMEMORAÇÃO	PERÍODO/ FESTA
Falecimento de Dom Bosco	31 de janeiro – missa, comunhão e festejos
Semana Santa	Mês de abril
Festa de Nossa Senhora Auxiliadora	Durante o mês de maio – missa, procissão e festejos
Festa do Coração de Jesus: festa do Corpo de Deus e festa do Sagrado Coração de Jesus	
Festa de N. S. da Assunção Festa de Dom Bosco Festa do diretor	15 de agosto – missa, comunhão e festejos
Dia de Santa Cecília – padroeira dos músicos	16 de novembro
Aniversário natalício de Dom Bosco	16 de agosto, celebrado com muita festa
Dia do Oratório	8 de dezembro
Festa do Natal	24 e 25 de dezembro – missa à meia-noite
Retiro anual de três dias	Este evento deveria ser praticado uma vez por ano; geralmente realizava-se no mês de janeiro ou dezembro
Carnaval	Celebrava-se com diversões variadas durante os três dias

Fonte: OLIVEIRA, Luiz de. **Centenário da presença salesiana no Norte e Nordeste do Brasil**. Recife: Escola Dom Bosco de Artes e Ofícios, vol I, 1994.

Porém, existiam outras práticas religiosas de que se valiam os salesianos na interiorização dos rituais católicos, tais como: o mês mariano; o Natal com seus símbolos (árvore de natal, presépio e o papai Noel); a reverência a relíquia de Dom Bosco, depois que ele se tornou beato; a comemoração de seu nascimento e morte; e os retiros.

Todas estas práticas de cunho religioso auxiliavam os salesianos na transmissão dos ensinamentos religiosos, visando à formação de um *habitus* religioso, que os alunos deveriam aprender para incidir no corpo, nos gestos e nos pensamentos.

Dentre estes recursos, destacou-se o funcionamento das companhias religiosas, atividade que fazia parte da cultura escolar salesiana. Oliveira definiu que as companhias

eram associações de caráter religioso-formativo, reservadas aos jovens das instituições salesianas e se inserem na pedagogia religiosa salesiana como parte vital do sistema preventivo (OLIVEIRA, 1994; 130).

As companhias de Dom Bosco eram associações formadas, teoricamente, pelos ‘melhores’ alunos. Eram divididas por faixa etária, entre meninos menores e maiores. Seus sócios tinham por obrigação difundir a bondade, a piedade e moralidade entre os outros meninos e desempenhavam tarefas variadas na organização das atividades, como por exemplo, arrumar o palco, ensaiar cantos com meninos menores e também participar das apresentações de canto ou de teatro, entre outras (WHIRTH, 1971;79).

Existiam no Oratório Festivo N. S. Auxiliadora duas Companhias: a companhia de São Luís para os meninos menores e a de São José para os meninos maiores. Os participantes tinham que seguir o exemplo de vida de seu protetor. As companhias do Oratório Festivo eram formadas com os alunos da escola regular existente no Oratório Festivo, ou seja, os oratorianos que participavam somente aos domingos somente participavam das companhias a menos que fizessem uma preparação durante um ano e participassem ativamente e assiduamente das atividades promovidas pela instituição.

Além desta preparação, o aluno também passava por uma avaliação dos padres ou assistentes sobre seu comportamento na instituição, durante as atividades, por todo o período. Os assistentes observavam o comportamento perante os colegas, os modos de trajar, conversar e a conduta na igreja. Os oratorianos que conseguiam completar a preparação eram admitidos como sócios e recebia uma medalha, que era o símbolo de honra, sua distinção diante dos outros.

Teoricamente, os oratorianos que pertenciam às companhias estavam aptos a servir de exemplo a seus companheiros, pois eram eles que auxiliavam os padres em dias de festa, no catecismo e nas procissões. Na escola eram monitores, ajudando os outros alunos nas atividades escolares aos domingos; na prática do Oratório Festivo, auxiliavam os oratorianos nas atividades de canto, teatro e orações dos oratorianos menores, principalmente dos iniciantes, havendo entre eles ajuda mútua.

Nos dias de procissão, participavam todos os oratorianos. Os que faziam parte das companhias – divididos por idade – carregavam cada um, sua medalha e cada companhia trazia seu representante, que ostentava o estandarte da mesma.

Como uma instituição católica, as festas religiosas na instituição eram variadas e intensas, especialmente no mês mariano dedicado a N. S. Auxiliadora, que se comemorava

durante parte do mês de maio. As comemorações a Nossa Senhora pelos alunos do Oratório Festivo tiveram maior repercussão na década de 1940, quando houve a mudança para o prédio novo.

A festa em homenagem a Nossa Senhora Auxiliadora realizada na instituição em maio de 1947, estava programada para durar quinze dias. O costume era que cada dia uma instituição ou famílias da sociedade aracajuana se responsabilizasse pelo evento, auxiliando a instituição com oferta em dinheiro, flores, velas, óleo, foguetes, etc. (Carta-programa, 1947). Esta forma de organização pode ser pensada como uma estratégia dos salesianos para envolver a sociedade, uma forma de agir para aproximá-la da instituição e das festas que ela realizava. É possível pensar que as festas no Oratório Festivo se realizavam com maior afluência devido à contribuição – em dinheiro ou materiais – dos beneméritos.

É possível supor que as diferentes mensagens utilizadas pelos sacerdotes e professores geraram condições para a difusão da fé católica e contribuíram para disseminar os valores morais e cristãos entre os alunos e suas famílias, num momento em que o movimento de reforma católica no Brasil era intenso (BONIFÁCIO, 2014; 186).

Assim, conclui-se que a religiosidade na instituição dos meninos pobres era a principal estratégia dos salesianos e estava presente em momentos diversos, com a finalidade de disseminar a fé católica entre os oratorianos, seus familiares, a comunidade próxima e a sociedade aracajuana no geral. As festas de caráter religioso promovidas pela instituição de que os oratorianos faziam parte, tais como: as festas a Maria, a Dom Bosco e a São Luiz, patrono do Oratório, bem como as práticas sacramentais: os sacramentos e as adorações ao Santíssimo Sacramento em tempos determinados, visavam uma incorporação automática desses rituais nos alunos, desde pequenos, buscando assim formar um cristão católico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a instalação da primeira obra salesiana, os salesianos se espalharam pelo Nordeste. Em Sergipe implantou-se definitivamente no ano de 1902, por iniciativa do arcebispo da Bahia Dom Jerônimo e do eclesiástico e político monsenhor Olímpio de Souza Campos, que à época findava seu mandato como presidente do estado de Sergipe.

O projeto salesiano, tem suas bases firmadas em Sergipe, em um sítio denominado de “Thebaída”, o qual estava localizado no município de São Cristóvão. Nos arredores da Thebaida havia cidades com engenhos e plantações de cana-de-açúcar. A região ficou conhecida historicamente como Vale do Cotinguiba, provavelmente impulsionou os salesianos a fundar inicialmente no solo sergipano uma Escola Agrícola, buscando prover mão de obra especializada para esses engenhos de açúcar e para outros tipos de lavoura que existia na região.

Assim, almejando suprir essa carência, a congregação salesiana iniciou suas atividades educacionais em Sergipe com uma escola de instrução profissional agrícola para jovens carentes e não um oratório festivo, como frequentemente aconteceu em outros lugares. Por causa disso, os padres salesianos foram muito cobrados por seus superiores de Turim, visto que, os oratórios festivos, como carro chefe da obra salesiana não poderia ficar sem funcionar, pois, “o projeto salesiano determinava que, ao lado de cada colégio ou paróquia, fosse fundado um oratório” (AZZI, 2008; 119).

Entretanto, um outro fator justificou a criação de uma escola agrícola, à insuficiência de crianças e jovens e à distância da Escola das outras cidades foram às razões para a não criação de um oratório na Thebaida. Estabelecer e manter oratórios festivos em seus estabelecimentos era de basilar importância e necessidade para a Congregação Salesiana, pois os oratórios tinham como principal objetivo instruir o catecismo a crianças e jovens pobres, que depois de um ou dois anos de catequização realizavam a primeira eucaristia, sendo esta um aprendizado fundamental na experiência religiosa dos cristãos católicos após ao batismo.

A chegada da obra salesiana em Aracaju, deu-se por meio da instituição do Oratório Festivo, em 1908, seis anos após a alicerce do primeiro projeto salesiano, numa localidade de pessoas e famílias muito desprovidas e carentes. Com a chegada dos salesianos a região, o

local recebeu uma nova denominação, a Thebaidinha. Segundo o inspetor Lourenço Giordano, o espaço era ideal para a concepção de um estabelecimento como o oratório festivo.

Os jogos, lanches, prêmios, brincadeiras, a música e o canto que se desenvolvia no ambiente do pátio do Oratório, faziam valer o Sistema Preventivo de Dom Bosco. Essa busca por promover atividades lúdicas e o uso desses recursos fez parte de uma estratégia no sentido de aproximar os meninos da obra salesiana.

O Oratório Festivo que funcionou em Aracaju congregava uma média de 200 a 300 meninos aos domingos ou feriados santificados, fato este relatado por vários padres em seus relatórios. Sendo assim, foi possível perceber que havia um número grande de meninos pobres e desassistidos que buscavam no oratório festivo momentos de lazer. Vale à pena informar que os meninos que visitavam o Oratório eram meninos muitas vezes trabalhadores (das fábricas ou vendedores nas ruas), aqueles alunos de escolas públicas. De tal modo, os salesianos aproveitavam o tempo de folga dos jovens para oferecê-los dias festivos com jogos, merenda e orações. Dessa forma, foi possível perceber e analisar que a presença contínua destes jovens ao Oratório levava a incorporação de um *habitus* religioso em guardar os dias de missa aos domingos e a devoção aos santos, principalmente a Nossa Senhora Auxiliadora.

Contudo, entende-se que os ensinamentos e as atividades que ocorreram no Oratório Festivo não estavam centrados somente em tornar os meninos pobres melhores espiritualmente, tornando-os cristãos católicos. Estas instituições ao atrair as crianças e jovens, possivelmente, faziam o mesmo com as pessoas da família do oratoriano, trazendo-as para as missas, as festividades, os espetáculos teatrais, as procissões e outros rituais inerentes à religião católica.

O Oratório Festivo de Aracaju no início de seu funcionamento até 1914 limitava-se a ensinar catecismo usando como principais recursos a música, o teatro e os jogos. A partir de 1914, ampliou seu conteúdo para o ensino das primeiras letras, além da música, do teatro e do canto, permanecendo assim até 1945, quando se inaugurou novas instalações em terreno próximo ao Colégio, buscando atender meninos de uma forma mais abrangente.

O compromisso dos salesianos com a Igreja Católica era disseminar, por meio da educação da juventude, a fé católica. Para isso, fundou instituições de ensino e assistência a filhos de famílias pobres e jovens abandonados, bem como para filhos de famílias abastadas. Utilizando como base pedagógica o Sistema Preventivo de Dom Bosco, um modo próprio de

ensinar que lançava mão de meios e recursos pedagógicos diversos no sentido de alcançar seus objetivos.

Com o objetivo de atender aos filhos de famílias abastadas de Sergipe, os salesianos fundaram em 1911, o Colégio Salesiano N. S. Auxiliadora. Nele estudaram filhos de usineiros, grandes comerciantes e políticos, filhos de famílias da elite sergipana e também de estados próximos. No entanto, atendeu ainda filhos de famílias das camadas médias da sociedade e até alguns meninos pobres que conseguiram estudar na instituição pelo sistema de bolsas escolares. Na década de 1950 a instituição ainda trabalhava com sistemas de bolsa, completa (que contemplava 100% da mensalidade) e meia bolsa (que valia a metade do valor da mensalidade), que geralmente beneficiava os filhos das camadas médias.

Os padres salesianos procuraram prezar por uma formação integral que observasse o desenvolvimento intelectual, religioso, moral, estético e físico dos estudantes do Colégio, proporcionando aos discentes, distintos meios de influência mútua para que o ensino fosse aceitável. Utilizando-se de recursos pedagógicos, como, os principais esportes modernos, música e canto (clássicos, pátrios e religiosos), estudos científicos, práticas sacramentais diferenciadas, jogos, brincadeiras.

As práticas educativas estruturadas pela congregação salesiana para formar os jovens oratorianos foram variadas quanto ao conteúdo, a qualidade e o período se comparado as desenvolvidas e ofertadas aos alunos do Colégio.

Para tornar-se um educando salesiano o aspirante precisaria confirmar uma vivência católica no ato da realização da matrícula e apresentar algumas documentações imprescindíveis: certidão de nascimento, certificado de vacinação, atestado de saúde, além do certificado de exame de admissão, caso fosse para o curso secundário. A idade mínima para aprovação do jovem estava entre 8 e 14 anos, sendo recusado o aluno analfabeto.

O Colégio educou meninos e rapazes não somente dos grupos sociais abastados. Ele formou e preparou uma elite para atuar no campo social, político, educacional e religioso, abrangendo a nível local e nacional. O desempenho nos esportes, nos jogos, nas agremiações, no teatro, na música, no canto ou nos estudos foram habilidades que alguns alunos incorporaram por meio das práticas educativas que os padres salesianos programaram na instituição, no decorrer dos anos estabelecidos por esta pesquisa, com vistas a formar um *“bom cristão e honesto cidadão”*.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

FONTES

Carta **Della Valle – Rua**. Bahia, 22/01/1901. Arquivo Central Salesiano, p. 155.

Carta **Cosci- Álbera**. Thebaída. Arquivo Central Salesiano, 1913.

Carta de **Padre Lasagna - Dom Bosco**, Rio de Janeiro, Arquivo Central Salesiano, 24 de novembro de 1882.

Diocese de Aracaju. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Aracaju, n. 9, 1920. p. 137-138.

Livro de Tombo da Arquidiocese de Aracaju, 1º volume.

Livro de Tombo da Cúria Diocesana de Aracaju. Aracaju, n. 1, 1958.

Livro de Tombo da Paróquia de Nossa Senhora Auxiliadora (1958-1970). Nº 1. Acervo do Arquivo da Paróquia de Nossa Senhora Auxiliadora. Aracaju-SE.

PASTORAL COLETIVA DO BISPOS DO BRASIL, de 1890.

Relatório do Presidente da Província de Sergipe. Olímpio Campos. Aracaju (SE). 1901-1902.

FONTES INSTITUCIONAIS

Anais do Oratório Festivo São João Bosco. Aracaju, 1925-1952.

A Tebaidinha. Ano 1, nº 1, 27 de março de 1932. Aracaju.

A Tebaidinha. Ano 1, nº 2, 20 de abril de 1932. Aracaju.

A Tebaidinha. Ano 1, nº 4, 20 de junho de 1932. Aracaju.

A Tebaidinha. Ano 1, nº 5, 31 de agosto de 1932. Aracaju.

A Tebaidinha. Ano 1, nº 6, 30 de setembro de 1932. Aracaju.

A Tebaidinha. Ano 3, nº 3, junho de 1934. Aracaju.

A Tebaidinha. Ano 3, nº 6, 30 de setembro de 1934. Aracaju.

Boletim “**Diocesano**”. Ano 1, nº 6, junho de 1912. Aracaju.

Boletim “**Diocesano**”. Ano 2, nºs 1 e 2, 05 de dezembro de 1912.

Boletim “Salesiano”. Boletim informativo sócio religioso da Congregação Salesiana.

BOLETIM SALESIANO, ano VII, vol. II, nº 1, jan./1908.

BOLETIM SALESIANO, ano X, vol. IV, n. 1, jan./ 1911.

BOLETIM SALESIANO, ano X, vol. IV, nº 9, set./1911.

BOLETIM SALESIANO, Ano XI, vol. IV, jul./1912.

BOLETIM SALESIANO, nº 3, mar./1961.

Compêndio de Civilidade para uso das famílias e dos institutos educativos. Coleção P. P. S., 5ª edição. São Paulo: Livraria Salesiana Editora, 1923.

Crônicas da Escola Agrícola São José, 1907-1910.

Livro de Visita Inspetorial do Colégio Salesiano N. S. Auxiliadora, 1943.

Livro de Visita Inspetorial do Colégio Salesiano N. S. Auxiliadora, 1944.

Livro de Visita Inspetorial do Colégio Salesiano N. S. Auxiliadora, 1945.

Relatório do Colégio N. S. Auxiliadora, 1937.

Relatório do Colégio Salesiano N. S. Auxiliadora, 1939.

Relatório do Colégio Salesiano N. S. Auxiliadora, 1940.

Relatório do Colégio Salesiano N. S. Auxiliadora, 1943.

Relatório do Colégio Salesiano N. S. Auxiliadora, 1944.

Relatório do Conselho do Colégio Salesiano N. S. Auxiliadora, 1936.

Relatório do Conselho do Colégio Salesiano N. S. Auxiliadora, 1939.

Relatório do Conselho do Colégio Salesiano N. S. Auxiliadora, 1940.

Relatório do Conselho do Colégio Salesiano N. S. Auxiliadora, 1941.

Estatutos do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, 1913.

Estatutos do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, 1925.

Termo de Inauguração da Escola Agrícola “S. José”, fundada no sítio Thebaída. Acervo do Arquivo do Colégio Salesiano de Aracaju. 1902.

FONTES DE JORNAIS E REVISTAS

ESTADO DE SERGIPE. Regulamento da Instrução Pública. Aracaju, 1924.

Diário Oficial do Estado de Sergipe. Estatuto do Oratório Festivo “São João Bosco”. Aracaju, ano XVIII, nº 6.637, 05/dez./1936, p. 2.361-2.362.

Jornal “A Cruzada”. Aracaju (SE). 1950-1958.

Jornal “Correio de Aracaju”. Aracaju (SE). 1909-1912.

Jornal “Diário da Manhã”. Aracaju (SE). 1912.

Jornal “Diário Oficial de Sergipe”. Aracaju (SE). 1902/1908/1912/1922/1950-1958.

Jornal “O Estado de Sergipe” Aracaju (SE). 1902.

A Cruzada, ano XXIII, nº 1.071, 1958, p. 1

A Cruzada, ano XIV, nº 553, 1948, p. 3

A Cruzada, jun./1925, nº 2, Anno VIII

Correio de Aracaju, 5/fev./1914, Ano VII, nº 1.092, p. 02

Correio de Aracaju, 21 de jan/1915, Anno VIII, nº 1364, p. 03

Correio de Aracaju, 14/abr/1914, Ano VII, nº 1145, p. 1

Correio de Aracaju, 5 de fev/1914, Anno VII, nº 1092, p. 02

Razão, dez/1911, ano XVIII, nº 48, p. 2

NORDESTE SALESIANO – Informativo da Inspetoria de Recife. Aracaju: 70 anos do atual Colégio. Ano XIII, nº 05, set./ 1983.

NOVIDADE. Collegio Salesiano N. S. Auxiliadora – Aracaju. fev./1936, p. 15-18

Revista vocações. Dia do Ex-Aluno Salesiano. Ano VII, nº 6, set./1955, p. 4-5.

Revista cooperadores salesianos, 1945, p. 13

Leituras católicas de Dom Bosco. Teatro Pequeno. Ano XLI, jan./1931, fascículo 1, nº 488. Niterói, RJ: Escola Industrial de Dom Bosco.

Leituras Católicas De Dom Bosco. Ano XXXVIII, jan./1931, fascículo 1, nº 488. Niterói, RJ: Escola Industrial de Dom Bosco.

Leituras Católicas De Dom Bosco. Ano VIII, nov./1928, fasc. XI, nº 462. Niterói: Escolas Profissionais Salesiana.

BIBLIOGRAFIA:

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ALBUQUERQUE, Danilo Araújo de. **A Educação Religiosa no Colégio Salesiano Sagrado Coração do Recife**. Dissertação de Mestrado. UNICAP: Recife, 2014.

ANDRADE, M. O. **500 anos de catolicismos e sincretismos no Brasil**. Paraíba: Universitária UFPE, 2002.

ANDRADE, Péricles. **Sob o Olhar Diligente do Pastor: a Igreja Católica em Sergipe**. São Cristóvão: Editora da UFS, 2010.

AZEVEDO, Thales de. **Catolicismo no Brasil: Um Campo para a Pesquisa Social**. Salvador: EDUFBA, 2002.

_____. **Igreja e Estado em tensão e crise: a conquista espiritual e o padroado na Bahia**. São Paulo: Ed. Ática, 1978, 179p

AZZI, Riolando. **O Movimento da Reforma Católica durante o Séc. XIX**. REB- Revista Eclesiástica Brasileira, Petrópolis, 1974.

_____. **Educação e Evangelização: Perspectivas Históricas**. Seminarium, Roma, v.3, 1992.

_____. **A Obra de Dom Bosco no Brasil**. Barbacena: Centro de Documentação e Pesquisa, 2000.

_____. **A obra de Dom Bosco no Brasil**. São Paulo: Editora Salesiana, 2003.

_____. **A Igreja Católica na Formação da Sociedade Brasileira**. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2008.

_____. **Os Salesianos no Rio de Janeiro: 1875-1884 – Os Primórdios da Obra Salesiana**. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1982. v. I.

_____. **Os Salesianos no Rio de Janeiro: 1884-1894 – A Implantação da Obra Salesiana**. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1983a. v. II.

_____. **Os Salesianos no Rio de Janeiro: 1894-1908: – A Organização da Obra Salesiana**. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1983b. v. III.

_____. **Os Salesianos no Brasil à luz da História**. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1983.

_____. **Os Salesianos no Rio de Janeiro: 1909-1928 – A Consolidação da Obra Salesiana**. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1984. v. IV.

BARRETO, Raylane Dias Navarro. **Os Padres de Dom José: O Seminário Sagrado Coração de Jesus**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2004.

BARROS, José D'Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. Petrópolis: Vozes, 2014.

_____. **O projeto de pesquisa em História. Da escolha do tema ao quadro teórico**. Petrópolis – RJ: Vozes, 2009. 236p.

BÉDARIDA, François. **Usos & Abusos da História Oral**. AMADO, Janaína, FERREIRA, Marieta de Moraes Ferreira. 7 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

- BELLO, José Maria. **História da república: (1899-1954)**. 5. ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1964.
- BELZA, Juan E. **Lasagna, el Obispo Misionero**. Buenos Aires: Editorial Don Bosco, 1970, p.80-81.
- BEOZZO, José Oscar. Irmandades, Santuários, Capelinhas de Beira de Estrada. **Revista Eclesiástica Brasileira (REB)**, Petrópolis: Vozes, vol.37, p.745, 1977.
- BIANCO, Enzo. **Educar hoje como Dom Bosco Educava?** São Paulo: Salesiana, 1987.
- BLOCH, Marc. **Apologia da História, ou, o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BONIFÁCIO, Nadja Santos. **Acolher, evangelizar e educar: contribuição do Oratório Festivo São João Bosco para a educação feminina em Aracaju (1914-1952)**. Dissertação de Mestrado em Educação da Universidade Federal de Sergipe, 2011.
- BOSCO, João. **O Jovem Instruído**. São Paulo: Salesiana, 1952.
- _____. Carta de Roma. In: **SOCIEDADE DE SÃO FRANCISCO DE SALES (SALESIANOS DE DOM BOSCO). Constituições e Regulamentos**. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1985.
- _____. O sistema Preventivo na Educação dos Jovens. In: **SOCIEDADE DE SÃO FRANCISCO DE SALES (SALESIANOS DE DOM BOSCO). Constituições e Regulamentos**. São Paulo: Salesiana, 2003. p. 266-274.
- _____. **Memórias do Oratório São Francisco de Sales**. Tradução de Fausto Santa Catarina. São Paulo: Salesiana 2006.
- BOSCO, Terésio. **Dom Bosco: uma Biografia Nova**. Tradução de Atílio Cancian. São Paulo: Salesiana. 2008.
- BORGES, Carlos Nazareno Ferreira. “Casa Giocosa”, Oratório São Girolamo”, “Oratório São Francisco de Sales”: Experiência que se refazem e se aprimoram. In: **Anais do VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação: Percursos e Desafios da Pesquisa e do Ensino de História da Educação**. COLUBHE06. Uberlândia/MG: UFU, 2006, p. 4.188-4.195.
- BOTO, Carlota. A civilização escolar como projeto político e pedagógico da modernidade cultura em classes, por escrito. In: **Caderno Cedes**. São Paulo/Campinas: Cortez: UNICAMP/CEDES, v. 23, nº 61, dez/2003, p. 378-397.
- BOURDIEU, Pierre. Gênese e Estrutura do Campo Religioso. In: **A Economia das Trocas Simbólicas**. 5 ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2004.

- _____. Sobre o poder simbólico. In: BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- BRAIDO, Pietro. **Dom Bosco, Padre dos Jovens no Século da Liberdade**. Tradução de. Geraldo Lopes e José Antenor Velho. São Paulo: Salesiana, 2008.
- BRANDÃO, S. São Francisco das Chagas do Canindé, Ceará, Brasil. In: BRANDÃO, S. (Org.) **História das Religiões no Brasil**. Vol. III, Ed. Universitária UFPE: Recife, 2004.
- CAES, André L. **As portas do inferno não prevalecerão**. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, 2002.
- CALAZANS, José. **Aracaju e outros temas sergipanos**. São Cristóvão: Editora UFS, Aracaju, HIGSE, 2013.
- CARDOSO, C. & VAINFAS, R. **Domínios da História: ensaios de metodologia**. Rio de Janeiro, Campus, 1997.
- CASTRO, Afonso de. **Presença institucional salesiana: informações e orientações para os leigos que trabalham em nossas instituições**. Campo Grande: UCDB, 2007.
- CERTEAU, M. **A Invenção do Cotidiano**. Trad. Ephraim F. Alves. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.
- _____. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- CHARTIER, R. **A história cultural, entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.
- COELHO DIAS, Geraldo J. A. **A devoção do povo português a Nossa Senhora nos tempos modernos**. Revista da Faculdade de Letras, II Série, IV, 1987.
- CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares da. **A Pedagogia do internar: uma abordagem das práticas culturais do Internato da Escola Agrotécnica Federal de São Cristóvão-SE (1934-1967)**. Dissertação de Mestrado em Educação da Universidade Federal de Sergipe, 2007.
- COSTA, Celeida Maria. **Organização pedagógica, administrativa e práticas escolares em uma instituição salesiana de Mato Grosso do Sul (1972-1987)**. Macapá: Revista Fronteiras e Debates, v.1 n.2, 2014.
- CRUZ, Maria Helena Santana, FRANÇA, Vera Lúcia Alves. Contexto da Romanização: a Expansão do Aparato Burocrático-institucional. In: **Educação Feminina: Memória e Trajetórias de Alunas do Colégio Sagrado Coração de Jesus em Estância-Sergipe (1950-1970)**. São Cristóvão: Editora UFS, 2011.

COUTINHO, Sérgio Ricardo. Para uma história da Igreja no Brasil: 30 anos da Cehila-Brasil e sua contribuição historiográfica. In: Paulo D. Siepierski; Benedito M. Gil. (Org.). **Religião no Brasil: enfoques, dinâmicas e abordagens**. 1ª ed. São Paulo: Edições Paulinas, 2003.

CUNHA, Tatiane Oliveira. Santa Missão Capuchinha e a Romanização em Sergipe: uma demonstração de fé e sociabilidades (1901-1923). In: **Anais do XI Simpósio Nacional da Associação Brasileira de História das Religiões**. 25 a 27 de maio de 2009. Universidade Federal de Goiás. Goiânia.

DANTAS, Ibarê. **História de Sergipe: República (1889-2000)**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.

DARNTON, Robert. **O Grande Massacre dos Gatos**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro**. Tradução de Maria Yedda. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

FALCON, Francisco. **História cultural: uma nova visão sobre a sociedade e a cultura**. Rio de Janeiro: Campus, 2012.

FONSECA, Adalberto. **História de Lagarto. História de Lagarto**. Governo e Sergipe, 2002.

GATTI JR, Décio. “A História das Instituições Escolares - Inovações paradigmáticas e temáticas”. In: GATTI Jr, Décio; ARAÚJO, José Carlos de Souza. (orgs.). **Novos temas em história da educação brasileira: instituições escolares e educação na imprensa – Campinas, SP: Autores Associados, Uberlândia, MG: EDUFU, 2002.**

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

GOMES, José Thomaz Gomes da. **Circular ao Revmº Clero do Bispado de Aracaju**. Aracaju: Estabelecimento Graphico F. Sampaio, 1923, p. 8-9.

GUTTILLA, R. W. **A casa do santo e o santo de casa: um estudo sobre a devoção a São Judas Tadeu do Jabaquara**. São Paulo: Landy, 2006.

LE GOFF, Jacques. **A História deve ser dividida em pedaços?** 1ª Ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Tradução de Andréa S. de Menezes, Bruna Breffart, Camila R. Moraes, Maria Cristina de A. Silva e Maria Helena Martins. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

HERMANN, Jacqueline. História das Religiões e Religiosidades. In: CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

HOORNAERT, Eduardo. **Formação do catolicismo brasileiro**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

- JULIA, Dominique. **A cultura escolar como objeto histórico**. In: Revista Brasileira de História da Educação. Campinas: Editora Autores Associados, nº 1, Jan./ Jun. p. 09, 2001.
- LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In Peter Burke (org). **A escrita da história**. Novas perspectivas. São Paulo, Editora da UNESP, 1992. p. 133-161.
- _____. **A herança imaterial. Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- LOPES, Eliana Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2010, pp. 111-154.
- LUSTOSA, F. Oscar de Figueredo. **A presença da Igreja no Brasil**. São Paulo: Editora, 1977.
- MAINWARING, Scott. A Igreja da Neocristandade, 1916-1955. In: **A Igreja Católica e a Política no Brasil (1916-1985)**. Tradução: Heloisa Braz de Oliveira Pietro. São Paulo: Brasiliense, 2004. pp. 41-61.
- MALATIAN, Teresa Maria. **A biografia e a história**. Cadernos Cedom. UNESP/Franca, vol. 1, nº 1, 2009, p. 27
- MARIN, Jérri Roberto. História e Historiografia da romanização: reflexões provisórias. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis: EDUFSC, n.30, p. 323-324, 2001.
- MATA, Sérgio da. **História & Religião**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- MELLO, Adilson da Silva. **Cunha: relações religiosas e transformações, tradição e transição cultural**. Revista Nures nº 15. Núcleo de Estudos Religião e Sociedade – Pontifícia Universidade Católica – SP – Maio / Agosto 2010.
- MELINS, Murillo. **Aracaju, pitoresco e lendário**. Aracaju: EGBA – Empresa Gráfica da Bahia, 2015.
- MESCHIATTI, José Eduardo. **Sonho de moral: presença salesiana em Campinas**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação/Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.
- MICELI, Sergio. **A elite eclesiástica brasileira (1890-1930)**. Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil, 1988.
- MORAIS, Maria Eleonôra de Jesus. **Província Eclesiástica de Aracaju – Evangelizando para a vida**. Aracaju: Edise, 2014.

NAGLE, Jorge. A educação na Primeira República. In: FAUSTO, Bóris (Org.). **História geral da civilização brasileira**. São Paulo, Difel. Tomo III, v. 2. p. 259-292, 1975.

NANNI, Carlos. **O sistema Preventivo de Dom Bosco, hoje**. Brasília: Rede Salesiana de Escolas, 2014.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. **A Escola Americana: Origens da Educação Protestante em Sergipe (1886-1913)**. São Cristóvão: Grupos de Estudos e Pesquisas em História da Educação. NPGED, 2004.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. A Pedagogia do castigo: as práticas escolares na Escola Agrícola Benjamin Constant. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. **Anais do II Congresso Brasileiro de História da Educação**. 3 a 6 de novembro de 2002. História e memória da Educação Brasileira. Natal, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. CD Room, 2002.

_____. **Historiografia educacional sergipana: uma crítica aos estudos de História da Educação**. São Cristóvão, Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação/NPGED/UFS. 2003.

_____. **Memórias do Aprendizado: 80 anos do ensino agrícola de Sergipe**. Maceió: Edições Catavento, 2004.

NUNES, Maria Thetis – **História da Educação em Sergipe**. Rio de Janeiro: Paz e Terra – (Coleção Educação e Comunicação, v.13),1984.

OLIVEIRA, Luiz de. **Centenário da Presença Salesiana no Norte e Nordeste do Brasil**. Recife: Escola Dom Bosco de Artes e Ofícios, 1995.

_____. **Inspetoria Salesiana São Luiz de Gonzaga**. Recife: Escola Dom Bosco de Artes e Ofícios, 2005

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. **Religião e dominação de classe: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. Catolicismo Popular e Romanização do Catolicismo Brasileiro. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis: Vozes, vol. 36, p.132, 1976.

PASSOS, Dilson. **O Ensino Superior no centro universitário Salesiano de São Paulo – UNISAL- Discutindo sua identidade Salesiana**. Tese (Doutorado em Educação). Piracicaba, UMP, 2011.

PIMENTEL, Alberto. **História do culto de Nossa Senhora**. Lisboa: Imprensa Acadêmica COÍMBRA, 1899.

PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente? Projeto História**. São Paulo, n. 14, p. 25-39, 1997.

PRADO JÚNIOR, Caio. **História Econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

RAMOS, Milton. **Formar cidadãos úteis: os patronatos agrícolas e a infância pobre na Primeira República**. Bragança Paulista, Editora da Universidade São Francisco, 2003.

REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. In: **Jogos de escalas. A experiência da microanálise**. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1988.

RÉMOND, René. **O Século XIX 1815-1914**. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 2004. p. 164-165.

RIBEIRO, E. S. **Modernidade no Brasil, Igreja Católica, Identidade Nacional: práticas e estratégias intelectuais: 1889 – 1930**. Tese de Doutorado em História. Universidade Federal de Pernambuco, 2009.

RIGOLO FILHO, Pedro. **A romanização como cultura religiosa: as práticas sociais e religiosas de D. João Batista Corrêa Nery, bispo de Campinas, 1908-1920**. Dissertação. (Mestrado em História). Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 2006.

SANTANA, Valéria Carmelita do Nascimento Santana. **“O primeiro bispo de Aracaju e a difusão do ensino religioso católico em Sergipe (1911-1948)”**. In: Anais XVI Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste. São Cristóvão – SE, CD Room, 2003.

SANTOS, Claudefranklin Monteiro. **A Festa de São Benedito em Lagarto-SE (1771-1928): Limites e Contradições da Romanização**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, 2013.

SERBIN, Kenneth. P. **Padres, celibato e conflito social: uma história da Igreja católica no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: _____ (org.). **História da vida privada no Brasil: República: da Belle Époque à Era do Rádio**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. v.3.

SILVA, Antenor de Andrade. **Os Salesianos e a Educação na Bahia e em Sergipe: Brasil (1897 – 1970)**. Roma: LAS, 2000.

SILVA, Carlos Leôncio. **Sete Lustras da Inspeção Salesiana do Norte do Brasil (1895-1930)**. Lorena/SP: Editora Salesiana, 1967.

SILVA, Fernando Leocino. Projetando Futuros Varões: O Ginásio Diocesano e a reafirmação das elites da Serra Catarinense. In: DALLABRIDA, Norberto; CARMINATI, Celso João. **O**

Tempo dos Ginásios: o ensino secundário em Santa Catarina (final do século XIX – meados do século XX), p. 81-190.

SILVA, Mônica Martins da. **A festa do Divino: romanização, patrimônio e tradição em Pirenópolis.** Goiânia: UFG, 2001.

SILVA, Severino Vicente da. **Entre o Tibre e o Capibaribe: Os Limites do Progressismo Católico na Arquidiocese de Olinda e Recife.** 2ª Ed. Recife: Editora Universitária UFPE, 2014. V.1. 236p.

_____. **Da Guerra à Neocristandade: A Tribuna Religiosa 1917-1919.** Curitiba: Editora Prismas, 2015.

SOARES, Pe. José Fernando Ávila. **A Vivência do Divino na Tradição de um Povo.** Petrópolis, Vozes: 1986.

SOIHET, Rachel. **História das Mulheres e História de Gênero: um depoimento.** Gênero, Niterói, 2005.

SOUSA, Antônio Lindvaldo. **O Eclipse de um farol: contribuição aos estudos sobre a romanização da Igreja Católica no Brasil (1911-1917).** São Cristóvão: UFS: Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2008.

_____. **Um Porta-Voz da Romanização do Catolicismo Brasileiro: Silêncios e Conflitos na Administração de D. José Thomaz na Diocese de Aracaju (Se) – 1911-1917.** Tese (Doutorado em História). Assis, UNESP, 2005.

_____. “Os tipos ideais da romanização...”: abordagem metodológica de Augustin Wernet nos estudos da romanização do catolicismo brasileiro. In: ALBUQUERQUE, Eduardo Basto de (org.). **X Simpósio da Associação Brasileira de História das Religiões – Caderno de Resumos e Programas.** Assis: Unesp, 2008. p. 115.

SOUSA, Monsenhor José Carvalho de. **Presença Participativa da Igreja Católica na História dos 150 Anos de Aracaju.** Aracaju: Gráfica e Editora J. Andrade, 2006.

TALAMO, Giuseppe. **Gli Ideali del Risorgimento e Dell’Unità.** Roma: Ente Nazionale Biblioteche Popolari e Scolastiche, 1961.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral.** São Paulo: Paz e Terra, 2002.

TOSH, John. **A Busca da História: Objetivos, Métodos e as Tendências no Estudo da História Moderna.** Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

WIRTH, Morand. **Dom Bosco e os Salesianos: Cento e Cinquenta anos de História.** São Paulo: Editorial Dom Bosco, 1971.

VEIGA, Cynthia Greive. **História da Educação.** São Paulo: São Paulo: Ática, 2007.

VIEIRA, Dilermando Ramos. **O processo de Reforma e Reorganização da Igreja no Brasil (1844- 1926)**. Aparecida/SP: Editora Santuário, 2007.

VIÑAO FRAGO, Antonio. **Culturas Escolares** (texto mimeo). 2000.

_____. Historia de La educación e historia cultural: posibilidades, problemas, cuestiones.

Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n.0, p. 63-82, 1995.

VINCENT, Guy; LAHIRE, Bernard; THIN, Daniel. Sobre a história e a teoria da forma escolar. **Educação em revista**, Belo Horizonte, n. 33, p. 7-48, 2001.

VILAS-BÔAS, Ester Fraga. **Origens da educação protestante em Sergipe (1884-1913)**. São Cristovão: Universidade Federal de Sergipe. (Dissertação de Mestrado), 2000.